UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE

REFLEXÕES SOBRE A APLICAÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE EM CURSOS DE TURISMO

CATHERINE CAVALCANTI MARGONI

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE

REFLEXÕES SOBRE A APLICAÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE EM CURSOS DE TURISMO

CATHERINE CAVALCANTI MARGONI

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade e linha de pesquisa Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Profª Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker

SÃO PAULO 2006

BANCA EXAMINADORA

Dedico essa dissertação aos professores e educadores que a despeito dos desafios que a educação oferece, optam por atuar de forma apaixonada em prol da liberdade e a cidadania, sua e do outro, que nessa mesma educação se descobrem.

Em especial, à Professora Dra. Ada Dencker, por me mostrar o valor de se fazer o que se acredita.

AGRADECIMENTOS

Pessoas há que se fazem importantes e, por vezes, indispensáveis em determinados momentos de nossas vidas. A elas, meu respeito e agradecimento:

Elisabete, minha mãe, força e dedicação.

Familiares, pai e irmãos, suporte e partilha.

Prof^a. Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker, experiência, competência e paciência, puxões de orelhas necessários e bem vindos.

Prof^as. Dras. Sênia Bastos e Maria do Rosário Salles, pelas enriquecedoras contribuições no Exame de Qualificação.

Prof^a. Ms. Gracira Cabrera, Coordenadora do Curso de Turismo da Universidade Anhembi Morumbi, pelo pioneirismo das práticas interdisciplinares no curso.

Prof^a. Dra. Marília Ansarah, Assessora Pedagógica da Universidade Paulista, por ver a interdisciplinaridade como uma prática que vale a pena.

Prof. Dr. Mario Carlos Beni, Livre Docente em Turismo e Professor Titular da Universidade São Paulo, por conceder parte do seu tempo e conhecimento.

À amiga Sílvia Paulo, pela ajuda no abstract.

Alessandra, pelo socorro nas situações emergenciais.

Companheiros de Mestrado partilha e amizade, em especial, à Ms. Maristela Sugiyama.

Meus colegas docentes, em cujo convívio vi, ouvi, analisei, enriqueci.

Por fim, o agradecimento maior, a Deus, sem o qual, eu nada teria a agradecer.

Sou professor a favor da boniteza de minha.
Própria prática, boniteza que dela some se
Não cuido do saber que devo ensinar, se não
Brigo por este saber, se não luto pelas
Condições materiais necessárias sem as
Quais meu corpo, descuidado, corre o
Risco de se amofinar e de já não ser
Testemunho que deve ser de lutador
Pertinaz, que cansa, mas não desiste.

Paulo Freire

RESUMO

Os projetos interdisciplinares exigem um grande comprometimento na busca dos temas a serem trabalhados e na maneira como são desenvolvidos em um curso de turismo. Como trabalhar com a interdisciplinaridade sob a ótica do docente que atua em diversas Instituições de Ensino Superior é o objetivo principal dessa pesquisa, que se justifica pela obrigatoriedade da interdisciplinaridade no Projeto Político Pedagógico das Instituições de Ensino Superior de acordo com as Diretrizes Curriculares do curso. Na prática interdisciplinar, as disciplinas devem se entrelaçar, buscando uma integração, muitas vezes não clara para o docente que deve colocar o projeto em andamento. A fragmentação das disciplinas começa já na grade curricular, dificultando a elaboração de propostas claras e efetivas. Para descrever a situação atual, é apresentado um histórico dos cursos de turismo da Grande São Paulo, mostrando os primeiros cursos e primeiras práticas interdisciplinares. A pesquisa caracteriza-se por um estudo exploratório de casos múltiplos, que envolveu entrevistas com especialistas que trabalham com cursos de turismo e projetos interdisciplinares em diferentes instituições buscando reconstruir a história por meio de tais relatos, levantamento bibliográfico em busca de sólidas bases conceituais, além de pesquisa de campo envolvendo a participação da pesquisadora em projetos interdisciplinares em duas diferentes instituições adotando-se procedimentos de pesquisa participante e de pesquisa ação, analisando-se os dados posteriormente mediante o confronto com as referências teóricas conceituais. São apresentados os diferentes formatos do curso de turismo ao longo dos anos, modelos de propostas interdisciplinares e análises do ponto de vista do bacharel que atua como docente nesses cursos. Nas considerações finais são discutidos os diferentes aspectos envolvidos na dinâmica de relacionamento pessoal entre professores e alunos e entre os próprios professores como decorrência dos contatos que são estabelecidos para a realização dos projetos interdisciplinares. Espera-se que o avanço nos estudos sobre hospitalidade possa vir a contribuir para a melhoria dessas relações por meio de explicações mais claras das regras e normas de convivência entre os envolvidos, integrando-os à realidade apresentada, favorecendo as condições para que sejam alcançados os objetivos propostos em relação à interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Educação. Interdisciplinaridade. Turismo. Formação profissional. Hospitalidade.

ABSTRACT

Interdisciplinary study projects demand a great commitment to reach subjects are worked in the same way as they're achieved in a Tourism course. How to work with an interdisciplinary studies from the perspective of teacher corp that act in many Higher Education Instituitions it's the main objective of this research that justifies itself by interdisciplinary studies obligatory in the Pedagogic Politician Project of the Higher Education Instituitions according to Currriculum Guidelines of the course. In the interdisciplinary practise, the subjects should be bond itself, searching an integration that isn't clearly to the teacher corp who should do the project working. The falling apart of the subjects already starts in the curriculum grade, it's difficult clearly effective offered elaboration. Then to describe the real situation it's introducing the Tourism course historic in the Great São Paulo showing the first course and first interdisciplinary practicing. The research is known by exploratory studies of the multiple cases that involved interviews with experts who works with Tourism course and interdisciplinary projects in different instituitions searching rebuild the history by menas of such explanations, bibliographical raising in solid searching concepts, besides the research involving the participation of the researcher in the interdisciplinary projects in two different instituitions adopting actions of the acting and action research, analyzing the lately information showed in locu with the references conception theories. They're introducing different formats of the Tourism Course of the point of view of the graduated person who act as teacher in this course. In the final considerations are discussing the different aspects involve in relationship dynamic between teachers or professors and students and between own teachers coming off the contacts it's setted up to realize interdisciplinary projects. Waiting for the advance in the studies about hospitality could get to contribute to an improvement of those connections by more clearly explanations about rules of contact between envolved people, having become to reality showed, being biased toward the conditions that they're reaching the offered objectives about interdisciplinary.

Key-words: Education. Interdisciplinary. Tourism. Professional graduated. Hospitality.

RESUMÉN

Los proyectos interdisciplinarios exige un gran compromiso en la búsqueda de los temas a seren trabajados y en la manera como son realizados en un curso de turismo. Como trabajar con la interdisciplinaridad sob la visión del docente que actúa en diversas Instituciones de Enseñanza Superior es el objetivo principal de esta pesquisa, que se justifica por la obligación de la interdisciplinaridad en el Proyecto Político Pedagógico de las Instituciones de Enseñanza Superior de acuerdo con las Directrices Curriculares del curso. En la practica interdisciplinaria, las disciplinas deben entrelazarse, buscando una integración muchas veces no clara para el docente que debe colocar el proyecto en andamento. La fragmentación de las disciplinas comienza ya por el diseño curricular, dificultando la elaboración de propuestas claras y efectivas. Para describir la situación actual, será presentada la historia de los cursos de turismo de la Grande São Paulo, mostrando los primeros cursos y las primeras practicas interdisciplinarias. La pesquisa caracterizase por un estudio exploratorio de casos múltiplos, que envolvió pesquisa con especialistas que trabajan con cursos de turismo y proyectos interdisciplinarios en diferentes instituciones buscando procedimientos de pesquisa partícipe y de pesquisa acción analizándose los dados posteriormente mediante el confrontamiento con las referencias teóricas conceptuáles. Son presentadas las diferentes estructuras del curso de turismo a cargo de los años, modelo de propuestas interdisciplinarias y analices del punto de vista del bachiller en turismo, que actúa como docente en ésto cursos. En las consideraciones finales, son discutidos los diferentes aspectos envolvidos en la dinámica de la relación personal entre profesores y alumnos y entre los propios profesores en decurrencia del contacto que son establecidos para la realización de proyectos interdisciplinarios. Esperase que el avanzo en los estudios sobre la hospitalidad puedan venir a contribuir para la mejoría de estas relaciones por medio de explicaciones más claras de las reglas y normas de convivencia entre los envolvidos, integrándose en la realidad presentada, favoreciendo las condiciones para que sean alcanzados los objetivos propuestos en relación a la interdisciplinaridad.

Palabras-chave: Educación. Interdisciplinaridad. Turismo. Formación profesional. Hospitalidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – ENSINO SUPERIOR DE TURISMO NO BRASIL	20
1.1 Origem dos Cursos de Turismo	22
CAPÍTULO 2 – INTERDISCIPLINARIDADE	40
2.1 Simplicidade X Complexidade 2.2 Interdisciplinaridade 2.3 Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e Diretrizes Curriculares do Curso de Turism	45 าง
CAPÍTULO 3 – A VISÃO DO DOCENTE	
3.1 – Projetos Interdisciplinares 3.2 – Projetos Interdisciplinares no Curso de Turismo 3.2.1 Introdução dos projetos interdisciplinares em cursos de turismo em São Paulo. 3.3 – Projetos interdisciplinares sob a visão do docente. 3.3.1 – Resultados da pesquisa 3.4 Discussão dos resultados CONSIDERAÇÕES FINAIS	57 60 64 68 72 76
BIBLIOGRAFIA	
APÊNDICES Apêndice A: Transcrição da entrevista do Professor Dr. Mario Carlos Beni	95 101 eis 109 120
ANEXOS	124
Anexo A: Autorização para publicação das entrevistas	125

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1: Faculdades de Turismo na Grande São Paulo até 2002	26
Quadro 2: Modelo de enquadramento das Propostas das Diretrizes Curriculares	37
Figura 1: Metodologia para criação de Projetos Interdisciplinares	58
Figura 2: Modelo de Jafar Jafari	61
Figura 3: Processo Educacional em turismo	62

INTRODUÇÃO

A idéia de estudar a interdisciplinaridade e suas práticas em cursos de graduação de turismo surgiu da experiência vivenciada pela pesquisadora como docente em cursos superiores de turismo em Instituições de Ensino Superior (IES) da Grande São Paulo. A introdução das práticas interdisciplinares como prática obrigatória nos cursos de turismo onde a experiência docente foi realizada, permite inferir que o mesmo ocorre nas demais instituições que oferecem cursos superiores de turismo, o que justifica o interesse pelo estudo dessas práticas, especialmente sobre a forma com que as mesmas são apresentadas aos docentes e discentes, os objetivos esperados face aos propósitos dos Projetos Políticos Pedagógicos e as competências necessárias para o desenvolvimento adequado desses propósitos por parte dos envolvidos.

Muitas disciplinas específicas do curso de turismo são ministradas por professores que possuem o grau de bacharel em turismo, obtido em cursos superiores nos quais a interdisciplinaridade não integrava o Projeto Político Pedagógico, o que faz com que ao iniciar a atividade como docente muitas sejam as surpresas ao ter de trabalhar a interdisciplinaridade. O professor é instado a praticar ações interdisciplinares sem nunca ter seguer visto como funciona a sua dinâmica.

Sendo o caso acima descrito justamente o vivenciado pela pesquisadora, formou-se a percepção de que a formação de bacharel em turismo, pelo menos a de profissionais na situação especificada, não se mostrava suficiente para permitir o exercício da atividade docente, por não incluir conhecimentos referentes a práticas pedagógicas nem habilitar o profissional para as atividades requeridas para o exercício da função de professor. No caso especifico da pesquisadora, formada pela UNIBERO¹, foi necessário buscar mais conhecimentos sobre práticas pedagógicas em curso de especialização em Ecoturismo do SENAC, com Didática do Ensino Superior, onde foram obtidos os primeiros conhecimentos sobre como ensinar, sem, contudo haver uma abordagem sobre práticas interdisciplinares. No curso de especialização citado, o conteúdo referente a atividades pedagógicas básicas (aulas, planos de ensino, ementas

¹ No período de 1995 a 1998, durante a graduação da pesquisadora, não havia projetos interdisciplinares nessa instituição.

etc) estava presente, mas não mencionava sequer as práticas interdisciplinares e suas formas possíveis de desenvolvimento e aplicação.

Essa experiência evidenciou, em um primeiro momento, que o bacharel em turismo poderia não estar apto para a docência, pois sua formação é focada para atuação no mercado de trabalho não existindo a opção de licenciatura para o bacharel que pretenda exercer a carreira docente, como também ocorre em outros cursos, como medicina, engenharia e direito, entre outros. Por outro lado, essa dificuldade em trabalhar a interdisciplinaridade poderia ter como contraponto um problema adicional na medida em que não prepara adequadamente o egresso para uma visão abrangente que é necessária para trabalhar com a complexidade envolvida pelas atividades turísticas.² Contextualizando o problema podemos inferir que assim como muitos outros bacharéis, a pesquisadora foi contratada por uma instituição particular que possui curso de turismo, período noturno, para atuar como professora, no regime de trabalho de professor horista, após o início do período letivo, em março de 2004. Devido a essa última circunstância iniciou os trabalhos sem estar de posse de informações sobre o histórico do processo pedagógico em andamento, o que implicou em uma falta de informação dos acontecimentos que antecederam o início do curso, bem como das decisões que haviam sido tomadas antes do início das aulas nas reuniões dos docentes com a coordenação. Ao ser contratada, a pesquisadora foi informada do conteúdo a ser ministrado, mas nas instruções recebidas não existiam indicações quanto aos procedimentos referentes ao trabalho interdisciplinar, o que acarretou a situação constrangedora de saber do projeto em sala de aula pelas indagações dos alunos. Essa falta de informação possivelmente ocorreu em função das dimensões da instituição onde existiam muitas turmas e grande número de professores, muitos já familiarizados com os procedimentos do projeto, levando o coordenador a supor que todos estavam devidamente instruídos sobre os procedimentos e cientes do que deveria ser feito. Essa particularidade permite supor que o fato ocorre quando do ingresso de professores novos após o início do ano letivo, pela falta de material preparado e padronizado, com instruções específicas sobre os objetivos, finalidade e forma de execução incluindo os

² Na década de 1970, na Faculdade Ideal de Letras e Ciências Humanas havia o curso de turismo com licenciatura plena.

conteúdos a serem trabalhados de forma aplicada no projeto interdisciplinar pelas disciplinas participantes. Aparentemente o entendimento de que todos sabem o que é interdisciplinaridade e como essa deve ser trabalhada no Projeto Pedagógico faz com que o coordenador tenha uma falsa percepção da realidade, acreditando que todos os envolvidos sabem o que é preciso fazer.

Pretendendo seguir a carreira universitária, a pesquisadora optou por ingressar no Programa de Mestrado em Hospitalidade, trazendo como inquietação a necessidade de obter maiores conhecimentos mediante estudos mais aprofundados sobre interdisciplinaridade e suas práticas. A idéia central era aprimorar sua própria prática docente atuando como professor pesquisador, transformando a prática interdisciplinar desenvolvida nos cursos de graduação em turismo, em objeto de pesquisa. Assim, desde o início do mestrado foi iniciada a coleta de dados necessários para a elaboração do estudo pretendido. Ciente de que era preciso transformar a percepção inicial da problemática em uma observação sistemática, dentro de parâmetros de cientificidade, a primeira ação sistemática da investigação foi a criação de um relatório de campo onde eram anotadas de forma organizada e sistemática todas as experiências com a interdisciplinaridade vivenciadas em decorrência da atuação da pesquisadora como docente em um curso de turismo que desenvolvia trabalho de natureza interdisciplinar.

O foco era observar, do ponto de vista do professor que ingressa em uma instituição, responsável por uma das disciplinas da grade curricular, como se dava a integração no desenvolvimento do projeto interdisciplinar proposto para o curso de turismo. Foram assim anotados acontecimentos e situações em que a discussão sobre os projetos interdisciplinares se fazia presente. Com essa abordagem metodológica foi possível aprender e, ao mesmo tempo, pesquisar na prática os procedimentos adotados em projetos destinados a desenvolver a interdisciplinaridade, registrando a vivência cotidiana do projeto em três perspectivas: a primeira, didática desenvolvida na sala de aula em ação com os alunos, a segunda, administrativa referia-se às relações com a coordenação, e a terceira, focava o relacionamento da pesquisadora com os professores responsáveis pelas demais disciplinas. A esse primeiro momento denominou-se de fase do olhar ingênuo, ou seja, o olhar do professor que ingressa em uma instituição sem prévio conhecimento da dinâmica interdisciplinar e se vê na

situação de ter que trabalhar a questão em conjunto com os alunos, atendendo as demandas da coordenação e integrando o seu conteúdo ao das demais disciplinas.

A problemática definida para a pesquisa, em conjunto com a orientadora, passou a investigar como a introdução da interdisciplinaridade vinha sendo trabalhada nos cursos de turismo, tomando por base a participação da pesquisadora em projetos interdisciplinares desenvolvidos nas diferentes instituições nas quais atuava como docente. Foi definida como estratégia de pesquisa que a observação seria realizada em dois momentos: no primeiro, a pesquisa foi desenvolvida com supervisão da orientadora, no primeiro semestre de 2004 (já referido como olhar ingênuo), adotandose técnica participativa, sem intervenção, registrando de forma sistemática todas as impressões, indagações e respostas obtidas durante a experiência de ingresso em uma instituição que trabalhava o interdisciplinar, estando essa observação limitada pelas circunstâncias já descritas anteriormente referentes à forma de ingresso da pesquisadora no campo observado; no segundo momento, a observação envolveu a ação da pesquisadora que elaborou uma proposta de trabalho interdisciplinar e tentou implantá-lo em outra instituição no segundo semestre de 2004, assumindo nessa fase dois papéis: professora de uma disciplina e coordenadora do projeto. Essa segunda fase caracterizou-se por um olhar mais crítico e pela tentativa de intervenção no processo mediante o exercício da coordenação do projeto, procurando nessa ação dar respostas às possíveis inquietações dos professores vislumbradas durante a fase do olhar ingênuo. Visando investigar os resultados da ação enquanto prática pedagógica decidiu-se analisar os projetos elaborados pelos alunos ao final de cada uma das fases. Para tanto a pesquisadora solicitou aos alunos cópias dos trabalhos completos para que fossem posteriormente submetidos a uma avaliação.

Sendo assim, a metodologia adotada para essa pesquisa pode ser denominada como um estudo exploratório de casos múltiplos, utilizando-se as técnicas de pesquisa participante e de pesquisa-ação, pois para obter subsídios que permitissem esclarecer ainda que parcialmente a problemática levantada, foi necessário encontrar procedimentos metodológicos que possibilitassem abordar não somente as experiências como docente, na sala de aula, mas também as questões envolvidas em

todo o processo que se inicia com a concepção de um projeto interdisciplinar e termina com os resultados obtidos com sua implantação.

Como exposto, a pesquisadora não possuía conhecimentos suficientes, no início da pesquisa, que permitissem uma análise dos resultados uma vez que não tinha elementos para efetuar uma comparação da forma como o processo poderia ocorrer de uma perspectiva diferente daquela que estava vivenciando na fase de observação participante. Era preciso construir um olhar crítico que permitisse avaliar os dados e possibilitar o desenvolvimento de uma proposta a ser implantada na fase seguinte. Para a construção desse olhar crítico a pesquisadora participou, como parte de suas atividades programadas, como observadora de oficinas interdisciplinares desenvolvidas pela orientadora no Curso de Formação para Docentes em Turismo e Hotelaria oferecidos pelo SENAC São Paulo³, em 2004, tendo também acompanhado a orientadora na apresentação dos trabalhos interdisciplinares apresentados pelos alunos do primeiro semestre de 2004 do curso de Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Anhembi Morumbi. Note-se que a pesquisadora não trabalhava em nenhuma dessas duas instituições. Essa percepção de como o processo acontecia em outras instituições foi complementada pela leitura da uma terceira experiência relatada na tese de doutorado da orientadora: Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo, defendida na ECA/USP no ano 2000, na qual a Dra Ada de Freitas Maneti Dencker relata detalhadamente o processo de implantação do projeto interdisciplinar no curso de turismo em uma terceira instituição particular de ensino superior da cidade de São Paulo, com diversos campi em São Paulo capital e interior, além de unidades fora do Estado de São Paulo, abrangendo um período de seis anos desde a concepção até a consolidação do projeto.

Essas atividades foram fundamentais para uma ampliação do olhar, permitindo comparar diferentes situações com a finalidade de diagnosticar elementos que permitissem sugerir melhorias para os pontos críticos identificados na situação vivenciada nas duas Instituições de Ensino Superior da Grande São Paulo, que

³ Curso originado a partir da preocupação da Professora Maria Cecília Gaeta, Coordenadora de Pósgraduação do SENAC São Paulo, demonstrada em sua dissertação de Mestrado: Diagnóstico da atuação docente dos professores universitários em turismo/ hotelaria: uma perspectiva de otimização. São Paulo: PUC-SP, 2001.

constituíram o objeto da pesquisa empírica. Optou-se por não solicitar autorização para as duas instituições e não identificá-las na dissertação para não haver interferência no processo de observação.

Assim, foi possível tomar por objeto de estudo a própria prática docente da pesquisadora que atuou de forma participante/ reflexiva, integrando o corpo docente e participando das discussões com os demais integrantes, definindo em conjunto com esses as ações que foram implantadas.

É importante relatar que no segundo momento da pesquisa a complexidade foi maior, pois envolveu uma participação mais ativa sendo a pesquisadora responsável pela proposta do trabalho interdisciplinar implementado. A pesquisa nessa fase deixou de ser apenas participante e assumiu características do que se denomina pesquisa-ação, pois a pesquisadora passou a participar da tomada de decisões o que implicou em ter que expor suas opiniões e discutir as idéias propostas frente aos problemas encontrados.

O papel da introdução como primeiro item em um trabalho científico é relatar as motivações, a escolha do tema, e o processo de construção do conhecimento produzido. Em geral, o que se apresenta é toda uma reflexão teórica para posterior comprovação por meio de evidências empíricas. No caso dessa dissertação, o processo foi inverso, a pesquisadora escolheu o problema a partir de uma situação vivenciada e passou a buscar explicações e informações que permitissem entender e contribuir para o aprimoramento das questões levantadas pelo problema.

Era preciso construir um referencial e para tanto a pesquisa bibliográfica foi essencial. Assim, para identificar e analisar a prática interdisciplinar foi necessário iniciar pelo estudo do próprio conceito de interdisciplinaridade, seus princípios e possíveis formas de atuação, bem como seu potencial de contribuição para o aprimoramento do ensino e aprendizagem, focando em especial o conceito de interdisciplinaridade trabalhado nos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições estudadas. Para um maior entendimento dos projetos foi preciso confrontá-los com os princípios propostos pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e pelas Diretrizes Curriculares para os cursos de turismo propostas pelo Ministério da Educação (MEC). Procurou-se ainda, reconstruir a forma como a idéia de interdisciplinaridade foi sendo introduzida e

trabalhada em IES privadas que ministram cursos de turismo, adotando-se nesse caso além da pesquisa bibliográfica, entrevistas com especialistas e pioneiros, que participaram de processos de implantação, tanto de cursos de turismo quanto de trabalhos interdisciplinares em diferentes instituições.

O referencial acima referido, associado ao estudo exploratório dos casos previamente definidos, utilizando as técnicas de pesquisa participante e pesquisa-ação; procurou identificar como ocorrem as relações pessoais nos processos de ensino e aprendizagem, que envolvem a interdisciplinaridade, pretendendo contribuir para a construção de um conjunto de conhecimentos que permita propor melhorias para as práticas interdisciplinares existentes nos cursos superiores de turismo, como por exemplo, a redução da fragmentação dos cursos e as formas de contratação e remuneração dos professores.

Partindo do problema de como a interdisciplinaridade vem sendo trabalhada nos cursos superiores de turismo por instituições privadas de ensino na Grande São Paulo, foram formuladas as seguintes hipóteses cujas origens se encontram nas evidências empíricas: os projetos interdisciplinares são tratados de forma fragmentada nos cursos superiores de turismo, gerando uma abordagem multidisciplinar e não uma ação interdisciplinar; e os corpos docentes dos cursos de turismo das instituições analisadas não trabalham as possibilidades pedagógicas das práticas interdisciplinares, conforme as bases conceituais que fundamentam essas práticas.

O texto apresentado se estrutura em três capítulos, iniciando por um histórico dos cursos superiores de turismo no Brasil, sua evolução e situação atual, mencionando a questão da Reforma Universitária, bem como sobre a questão específica do curso de turismo e seu futuro.

No capítulo seguinte, são apresentados os referenciais teóricos que fundamentam a prática da interdisciplinaridade em cursos superiores voltados para a formação profissional, expondo os principais conceitos, tais como interdisciplinaridade, quando e em que contexto surgiu no Brasil e quais são as exigências do MEC para o curso de turismo com relação a essas práticas.

No último capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa realizada procurando discutir as evidências empíricas face ao referencial conceitual exposto nos

dois primeiros capítulos. Além das observações sobre o processo de implantação do projeto, esse capítulo procura avaliar os resultados pedagógicos por meio da apreciação dos trabalhos interdisciplinares produzidos pelos alunos nas instituições observadas. A análise e discussão desses trabalhos tiveram por base uma matriz de avaliação formulada a partir do referencial teórico. Nesse capítulo é avaliada a validade das hipóteses propostas e apresentada uma reflexão sobre os resultados obtidos na experiência de implantação de um projeto referente à segunda fase da pesquisa empírica.

Nas considerações finais apresenta-se um balanço dos resultados obtidos frente aos objetivos inicialmente propostos, limitações referentes às possibilidades de generalização dos resultados e sugestões de novos temas para futuros pesquisadores, concluindo que talvez o mérito principal do trabalho esteja na reconstrução histórica do processo de implantação dos projetos interdisciplinares.

CAPÍTULO 1 - ENSINO SUPERIOR DE TURISMO NO BRASIL

1.1 Origem dos Cursos de Turismo

Os cursos de turismo no Brasil surgiram na década de 1970, a partir do modelo de cursos já implantados em outros países, segundo Matias (2002), "o primeiro currículo para cursos de turismo foi elaborado pelo Professor Domingo Hernandez Peña, após um levantamento realizado em escolas européias e adaptado à realidade brasileira". (MATIAS, 2002, p. 3). Essa informação é confirmada pelo Professor Gabriel Mário Rodrigues, reitor da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), em livro relatando o histórico dos cursos, publicado em 2005, no qual afirma que "O responsável pelo primeiro programa de uma faculdade de Turismo do Brasil, da América Latina e do mundo foi o senhor Domingos Hernandez Peña". (RODRIGUES, 2005, p.55). É importante destacar, nessa última citação, a afirmação de que o Brasil foi pioneiro na oferta de cursos de turismo de nível superior não apenas na América Latina como mesmo em âmbito mundial.

Segundo os autores consultados isso se deu porque a atividade turística estava em expansão e havia a necessidade de mão-de-obra especializada em nível superior para atender aos interesses do poder público, que via no desenvolvimento do turismo uma oportunidade de crescimento. Nessa época o turismo era visto como um fator importante de desenvolvimento econômico, estando em sintonia com a política do período, pois "havia uma conjuntura política de ditadura militar, voltada para e economia de mercado e com ideologia desenvolvimentista". (BARRETO, 2004, p.52).

Essa atmosfera fez com que o curso superior de turismo surgisse no Brasil com características diferentes constituindo uma área autônoma de formação enquanto que em outros países o turismo era estudado como uma extensão de outros cursos, principalmente de administração hoteleira ou mesmo como disciplina integrando o conteúdo de cursos como Administração ou Geografia.

Legalmente "o primeiro curso superior de Turismo no país passou a existir a partir do Parecer n. 35/71, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), elaborado pelo

relator Conselheiro Roberto Siqueira Campos e aprovado em 28/01/71". (MATIAS, 2002, p. 3).

O Parecer n. 35/71 deu origem à Resolução s/n de 28/01/71, do Conselho Federal de Educação, que fixou o conteúdo mínimo e a duração do curso superior de turismo. Uma outra característica dos cursos de turismo destacada por Matias (2002) foi o fato de que os primeiros cursos foram implementados em unidades universitárias autônomas, estando geralmente ligados aos novos cursos criados no mesmo período de comunicação e artes. A tendência era a formação de mão-de-obra para os setores novos que se desenvolviam no país e o turismo foi percebido como uma opção por um grupo de professores que identificou a necessidade de inserir no mercado um curso de que atendesse à demanda de profissionais para a área, considerada promissora em um país com amplos recursos naturais. Essa percepção deu origem ao primeiro curso de turismo do país o qual foi oferecido em uma instituição particular de ensino, seguindo outra tendência ocorrida no período que foi a abertura de oportunidade para a oferta de cursos de nível superior por instituições privadas. Como relata Rodrigues (2005), "Os alunos estavam à procura de uma nova opção, uma nova oportunidade de mercado". (RODRIGUES, 2005, p.86).

Essa independência dos cursos de turismo foi questionada após sua criação e regulamentação por meio da legislação acima citada, havendo propostas para que o turismo fosse inserido em áreas consolidadas, como a de Administração de Empresas ou a de Educação Física. Devido às especificidades do ensino no Brasil e da realidade do turismo, diferente daquela existente nos países que foram base para a criação do curso brasileiro, como alguns países da Europa e os Estados Unidos, essa idéia foi abandonada e o curso prosseguiu de forma independente, em alguns casos associado aos cursos de comunicação, em outros ao de administração, ficando a critério das instituições de ensino essa associação. (MATIAS, 2002).

Com relação à primeira faculdade de turismo, a Faculdade de Turismo do Morumbi criada em São Paulo em 1971, atual Universidade Anhembi Morumbi, o Professor Gabriel Mário Rodrigues (2005), explica que o curso foi organizado procurando atender aos melhores critérios acadêmicos, o que não foi fácil frente a realidade da época:

O curso superior de Turismo começou a tomar corpo após a contratação dos primeiros professores. Não havia no nosso país professores com especialização em Geografia Turística, Economia Turística, Psicologia Turística, Direito Turístico ou outros setores. Sem profissionais especializados disponíveis, fomos à USP tentar contratar professores o que, para a nossa surpresa, revelou-se um problema. (RODRIGUES, 2005, p. 63)

É compreensível que face ao pioneirismo da iniciativa a questão da especialização do corpo docente se mostrava um problema. O estudo do turismo exigia professores que tivessem a capacidade de adaptar os conteúdos das disciplinas tradicionais às disciplinas específicas de turismo. Posteriormente, a oferta do curso por outras instituições de ensino ampliou a procura por um corpo docente especializado, o que acabou trazendo para o campo do turismo docentes formados em outras áreas e que foram ao longo do tempo promovendo a adaptação e criação de novos conteúdos para o ensino. Porém, pode-se observar que o problema da especialização dos professores ainda persiste, pois muitos docentes ainda não conseguem adaptar os conteúdos⁴.

1.2 Evolução dos cursos de turismo na Grande São Paulo

Como já foi mencionado o momento de implantação dos cursos de turismo no Brasil (década de 1970), corresponde ao período desenvolvimentista implementado pelo Regime Militar que visava modernizar a sociedade brasileira. O cenário da época fazia com que os cursos de turismo aparecessem como uma opção a mais de elevação econômica e social para a classe média, uma nova oportunidade de especialização direcionada para um setor econômico aparentemente promissor, caracterizado pelo dinamismo e que, àquela época, vislumbrava um grande futuro.

Especialmente em São Paulo, a demanda pelo curso nos primeiros anos em que foi oferecido, foi intensa, despertando o interesse dos empresários de educação,

⁴ Essa dificuldade é relatada na experiência de implantação do interdisciplinar pela Dra. Ada de Freitas Maneti Dencker em sua Tese de Doutorado, que foca a década de 1990.

responsáveis por instituições particulares de ensino superior que passaram a investir na criação de cursos de formação para o turismo. Essa procura inicial, entretanto não se não se manteve e começou a decair a partir de 1976, quando:

[...] ocorre uma queda sensível no número de ingressantes devido a uma série de fatores socioeconômicos. A conjuntura nacional produzia mais uma de suas crises cíclicas, provocando desempregos, queda do poder aquisitivo nas classes média e baixa e aumento das mensalidades escolares. (MATIAS, 2002, p. 5).

Segundo Matias (2002), essa queda se refletiu em uma redução do número de formandos a cada ano, especialmente no período de 1974 a 1980, como conseqüência da conjuntura econômica, acompanhando a tendência geral de todos os cursos e não sendo assim, uma característica apenas do curso de turismo, mas sim da realidade do ensino superior brasileiro como um todo.

Na década de 1980, os cursos de turismo foram se adaptando à realidade que se apresentava. Tal situação podia ser comprovada pela constante discussão que se fazia em relação à grade curricular dos mesmos, como é mostrado posteriormente. Essa década, ainda segundo Matias, também foi caracterizada por duas tentativas, malsucedidas, de transformar o curso de turismo em Administração.

Analisando a evolução da oferta dos cursos de turismo, Matias (2002, p. 5), aponta de forma geral como sendo os principais problemas encontrados para a formação do Bacharel em Turismo:

- Seleção do corpo docente, no início dos primeiros cursos, pois não havia professores especializados nessa área no Brasil;
- Falta de conscientização do próprio aluno do que é o curso de turismo e do que ele esperava do mesmo;
- A inexistência de bibliografia nacional sobre o assunto, bem como de traduções
 e/ ou dificuldades em importar obras estrangeiras;
 - Um currículo mínimo humanístico e pouco profissionalizante;
- A falta de adequação das disciplinas com seus respectivos conteúdos e programas;

 A falta de padronização dos cursos, permitindo a existência de cursos de três e quatro anos de duração.

Os cursos de turismo experimentaram um novo ciclo de crescimento na década de 1990 em decorrência da abertura econômica promovida no início da década, por meio do Governo Collor. Ressalta-se que houve entre a década de 70 e 90, uma profunda transição política, pois passamos de uma Ditadura Militar, caracterizada por uma política econômica com elevado nível de intervenção estatal para uma nova política que propunha a abertura econômica de inspiração neoliberal, que visava mudar a realidade do país. Essa transição foi acompanhada por todos os setores da sociedade, inclusive a educação superior, que deveria, então, se adequar à nova realidade.

O turismo que havia sido relegado a um segundo plano na década de 1980, passou a ser novamente tratado como um fator de desenvolvimento econômico, criando assim, uma consciência maior de seu significado o que acarretou um reconhecimento de sua importância econômica e social. A atividade passou a ser vista como fonte geradora de empregos e de desenvolvimento e sua importância ficou mais evidente, provocando novo interesse pela demanda de vagas no ensino. A isso, as IES responderam com a oferta de diversos novos cursos, procurando formar mão-de-obra qualificada para atender às exigências do setor, como os cursos de Hotelaria, por exemplo. Porém, cabe ressaltar que não foram somente os cursos de turismo que se expandiram nesse período, vários outros cursos também cresceram, pois a realidade brasileira havia mudado e o crescimento na oferta de cursos de nível superior foi generalizado.

O Professor Luiz Gonzaga Godoi Trigo, bacharel em Turismo, licenciado em Filosofia, mestre em Filosofia e doutor em Educação, analisa tanto o crescimento do fenômeno turístico na sociedade como a necessidade de formação de mão-de-obra no setor, no livro "A sociedade pós-industrial e o profissional de turismo" ⁵:

Em 1996, em virtude do crescimento do interesse nessa área pela mídia e por profissionais, passou a contar com cinco alunos/vaga,

_

⁵ A citação a seguir se refere a PUC-Campinas.

integrando o bloco de cursos e alta demanda. Finalmente, no vestibular de 1997, o curso de turismo foi o quinto curso mais procurado entre os 39 da universidade, consolidando o aumento da procura com uma tendência mercadológica consistente e duradoura. (TRIGO, 1998, p. 169).

Esse crescimento se intensificou após 1996, ano em que a economia brasileira começou a se estabilizar com a consolidação do Plano Real⁶, implementado no final do Governo Itamar Franco e consolidado durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso e abertura do mercado brasileiro aos produtos e investimentos internacionais, iniciada no governo de Fernando Collor de Mello, passando a mostrar resultados que proporcionaram novos empregos e novas profissões. Matias (2002) diz que:

Esse processo de crescimento da oferta de serviços destinados ao lazer, turismo, hotelaria, gastronomia e entretenimento em geral tem seus reflexos na área de educação, porque o mercado tornou-se carente de mão-de-obra qualificada para atender a esse mercado em desenvolvimento.

Diante desse quadro ocorreu um crescimento desenfreado de cursos de Turismo, Hotelaria e áreas afins no país. [...] A maioria desses cursos não dispunha de professores formados e/ou especializados nessas áreas, comprometendo assim a formação profissional. (MATIAS, 2002, p. 9)

Em levantamento realizado pela Prof. Dra. Marília Ansarah de todos os cursos de turismo no Brasil, publicado em 2002 no livro "Formação e Capacitação do Profissional em Turismo e Hotelaria", pode-se verificar o ritmo intenso com que se deu o crescimento da oferta de cursos de turismo. Diferentemente do levantamento que é apresentado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), que apresenta os cursos a partir de sua autorização pelo MEC, Ansarah apresenta um levantamento a partir de pesquisa direta nas instituições, verificando as que de fato

-

⁶ Plano Real – Plano Econômico, idealizado por Fernando Henrique Cardoso, quando era Ministro da Fazenda no Governo Itamar Franco. Esse Plano equiparou o Real ao Dólar e estabilizou a política econômica

ofereceram o curso e não apenas conseguiram a autorização. Essa diferença de critério explica as diferenças que existem entre os dados do INEP e os da pesquisadora. Optamos por apresentar nessa dissertação os dados de Ansarah (2002), por entendermos que eles de fato refletem o número de cursos em funcionamento. Conforme a fonte citada as instituições que ofereciam cursos de turismo até 2002, na Grande São Paulo eram:

Quadro 1: Faculdades de Turismo na Grande São Paulo até 2002

Quadro 1: Faculdades de Turismo na Grande São Paulo até 2002		
Centro Universitário Capital		
Centro Universitário FIEO – UNIFEO		
Centro Universitário Ibero-Americana – UNIBERO		
Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE		
Centro Universitário Sant'Anna – UNISANT'ANNA		
Centro Universitário UniFMU		
Faculdade Casper Líbero		
Faculdade Diadema		
Faculdade de Educação Física de Santo André – FEFISA		
Faculdade Editora Nacional – FAENAC		
Faculdade Magister		
Faculdade Montessori		
Faculdade Teresa Martin (antiga Faculdade Pinheirense)		
Faculdades Belas Artes de São Paulo		
Faculdades Independentes Butantã – FIB		
Faculdades Integradas Rio Branco (antiga Faculdades Domus – UNIDOMUS)		
Faculdades Integradas Tereza D'Ávila		
Instituto Superior de Cotia – FAAC		
Organização de Ensino Superior e Tecnologia Ltda. Faculdades Integradas da Zona Oeste – FIZO Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP		
Universidade Anhembi Morumbi – UAM		

Universidade Bandeirantes de São Paulo – UNIBAN	
Universidade Braz Cubas	
Universidade Cidade de São Paulo – UNICID	
Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL	
Universidade de Guarulhos – UNG	
Universidade de Mogi das Cruzes	
Universidade de Santo Amaro – UNISA	
Universidade do Grande ABC – UniABC	
Universidade Ibirapuera – UNIB	
Universidade Metodista de São Paulo	
Universidade Paulista – UNIP	
Universidade São Judas Tadeu – USJT	
Universidade São Marcos – USM	
Universidade São Paulo – USP	

Fonte: Adaptado de Ansarah (2002), p. 112.

Esse incremento de novos cursos causou uma superoferta de vagas que resultou no fechamento de diversos cursos a partir de 2003. A concorrência no mercado de educação tornou-se acirrada em virtude da redução da demanda forçando uma redução no número de vagas. A redução da demanda por curso superior em instituições privadas de ensino pode ser atribuída à política econômica recessiva implementada no Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, na mesma linha do governo anterior, que reduziu o poder de compra da classe média⁷.

Segundo Ansarah, já em 2002, era possível visualizar a tendência de fechamento de alguns cursos de turismo, como a autora coloca "fato este, decorrente talvez, da diminuição de interesse da demanda e/ ou da inexistência de qualidade em alguns cursos". (ANSARAH, 2002, p. 121). É importante referir aqui que a oferta de cursos foi superdimensionada fazendo com que muitos egressos dos cursos superiores oferecidos pelas instituições privadas de ensino não encontrassem no mercado de

-

⁷ O ensino superior privado no Brasil cresceu 82,94% no período compreendido entre 1999 e 2004. Jornal Valor – 10/11/2005, p. A 14.

trabalho vagas com salários superiores ao valor pago pelas mensalidades. Uma comparação interessante entre custo da mensalidade e salários do setor é encontrada na dissertação de mestrado defendida por Maria Cristina Rocco Lahr sobre a formação do profissional para hotelaria, defendida em 2004 no Mestrado em Hospitalidade. (LAHR, 2004)

Outra questão importante a ser levantada é "como planejar um Projeto Pedagógico que atenda às reais necessidades e expectativas do mercado e a uma demanda cada vez mais exigente, se acrescentarmos ainda as expectativas dos futuros profissionais com o curso?" (ANSARAH, 2002, p.120).

O Projeto Político Pedagógico de uma IES deve refletir, não só sua realidade, como também a preocupação em atender às expectativas dos alunos, por meio de um corpo docente qualificado, estrutura física adequada às necessidades do curso, participação dos alunos em projetos sociais. O que percebemos é que, atualmente, muitas IES privadas competem pelos futuros alunos, oferecendo preços mais acessíveis, não deixando claro a esses candidatos o que está sendo tirado para que se possa chegar a um preço mais acessível na mensalidade. Muitas vezes, nessa circunstância, até o Projeto Político Pedagógico pode ser comprometido, gerando assim, uma falsa sensação de se garantir o futuro do curso.

Novamente, ressalta-se que os movimentos de ampliação e redução de demanda de forma cíclica, que atingiram os cursos de turismo acompanharam o mesmo comportamento de cursos de nível superior oferecidos em outras áreas de conhecimento. A política implementada no Governo Fernando Henrique Cardoso, pelo então ministro da educação Paulo Renato de Souza, propunha a sobrevivência no mercado de educação das instituições de ensino que tivessem melhor qualidade, aplicando o princípio neoliberal de que assim como em outros setores, também na educação, a tendência do mercado é de se equilibrar em função da oferta e da demanda. Essa visão da educação como mercadoria⁸ assim como a questão da proliferação de IES privadas, que na década citada, teve um crescimento extraordinário,

-

⁸ Artigo publicado no Jornal Valor, 10/11/2005, p. A 14, relata que os resultados financeiros das instituições de ensino superaram a Petrobrás e a Vale do Rio Doce em 2004, 26%.

estão sendo discutidas no projeto de Reforma Universitária, proposto pelo Governo Federal no início de 2004. 9

Segundo dados do MEC, cerca de 70% das vagas oferecidas em nível superior são de IES privadas, enquanto 30% são das IES públicas. Esses dados vêm acompanhados de uma constatação feita pelo MEC, de que, com a expansão das IES privadas, a questão da qualidade de ensino oferecida nem sempre é levada em consideração, pois para o Governo Federal, "é necessário que se garanta um processo de ensino-aprendizado condizente com as necessidades e expectativas dos alunos e da sociedade". (MEC, 2005) 10.

Que o ensino é, muitas vezes, tratado como mercadoria é fato. Para muitas IES privadas, a questão monetária vem antes da oferta de cursos com qualidade. Porém, ao propor uma Reforma Universitária, tanto Governo quanto IES devem estar preparados para a discussão e transformação da realidade. Tarso Genro, em 2004, guando ainda era Ministro da Educação, colocou que o objetivo principal dessa Reforma "é o de definir diretrizes e estabelecer normas para compor a Lei Orgânica da Educação Superior." e ainda que toda a sociedade civil deve participar dessa discussão, representada pelas IES, empresários e comunidades não acadêmicas e científicas. (GENRO, 2004).

Ao propor essa Reforma, o Governo sabia que mexeria num vespeiro e que, principalmente, as IES privadas se oporiam à proposta da Reforma. José Monserrat Filho, editor do Jornal da Ciência, em 2005, colocou que o setor privado declarou guerra a essa proposta, tentando a todo custo engavetar o projeto. Isso decorre, entre outros fatos, de que essa proposta visa discutir questões como o estabelecimento de padrões de desenvolvimento mais equilibrados entre IES públicas e privadas, com exigências de qualidade acadêmica, além de discutir a questão do acesso às instituições, bem como suas avaliações e manutenção de suas estruturas. Embora os objetos de estudo dessa pesquisa sejam as IES privadas, cabe colocar aqui que as IES

Atualmente, o Governo Federal vem estimulando e promovendo a implantação de universidades públicas federais.

10 Dados retirados do site <u>www.portal.mec.gov.br/reformauniversitária</u>, acessado em janeiro de 2006

públicas também fazem parte dessa discussão, sob o enfoque da melhor distribuição de vagas e acesso, entre outros pontos. (Montserrat Filho, 2005).

Durante o Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), houve um aumento em relação à quantidade de matrículas no ensino superior em IES privadas, sendo que, do total de matrículas efetuadas, 75% eram em IES privadas. Desse modo, essas IES contestam a Reforma Universitária, por acreditarem que ela cerceia a liberdade acadêmica, pois uma de suas propostas é que as IES passem a discutir, por meio da comunidade acadêmica (docentes e alunos), questões que anteriormente não eram discutidas, apenas decidida. Questões como qualidade de ensino, estrutura do corpo docente, estrutura física da IES etc..

Discussões sobre a educação superior são válidas nesse momento em que vivemos, pois é evidente que o sistema educacional do Brasil precisa ser reformulado. Algumas tentativas já foram feitas, por exemplo, as Reformas de 1931, no Governo Vargas e a Reforma de 1968, no Governo Costa e Silva. Porém, esses governos eram ditatoriais. O momento atual é caracterizado pela possibilidade de uma discussão democrática, em que sociedade civil, entidades de classes e IES devem se unir para discutir o que é melhor para o ensino superior do país.

O resultado da atual proposta de Reforma Universitária ainda é uma incógnita, pois as discussões estão em andamento. A discussão por si só, é um fator positivo na medida em que possibilita uma maior participação e esclarecimento da sociedade civil sobre as decisões e rumos a serem definidos na construção de uma política pública para a educação superior que atenda ao interesse de todos.

1.3 Estrutura dos cursos de turismo

A estrutura curricular dos cursos de turismo foi evoluindo e se adaptando ao longo do tempo. Em 29 de janeiro de 1971, a Resolução s/n do MEC que fixou o conteúdo mínimo do curso e a duração do curso superior de turismo, definiu os seguintes parâmetros:

Art. 2º - O currículo do curso compreenderá no mínimo, as seguintes matérias e atividades:

- a) Matérias
- Sociologia:
- História do Brasil;
- •Geografia do Brasil;
- História da Cultura;
- Estudos Brasileiros;
- ■Introdução à Administração:
- ■Noções de Direito;
- ■Técnica Publicitária;
- •Planejamento e Organização do Turismo.
- b) Estágio em entidades oficiais e privadas de Turismo e Hotelaria.
- Art. 6º A duração mínima do curso será de 1.600 horas, as quais serão integralizadas em dois e no máximo quatro anos.
- Art. 7° Ao organizar o currículo pleno, a instituição responsável poderá desdobrar as matérias do currículo mínimo e acrescentar disciplinas complementares. (MATIAS, 2002, p.13)

Preocupada com estrutura dos currículos dos cursos de turismo, a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR)¹¹, em 1978, delegou à Escola de Comunicação e Artes (ECA), a discussão sobre o tema. A finalidade da discussão sobre a estrutura curricular era justamente de se ter um currículo pleno a ser disciplinado pelo MEC. Grande parte dos cursos oferecidos à época compareceu ao seminário realizado sob a coordenação do Professor Dr. Mario Carlos Beni. Dessa discussão surgiram duas vertentes: a da ECA-USP, com uma linha mais filosófica e mais acadêmica do turismo e a da Anhembi Morumbi, com uma estrutura mais voltada ao mercado. (ANSARAH, 2002).

Em 1981, criou-se uma Comissão de Currículos e Programas, em Porto Alegre, durante o Encontro Nacional dos Bacharéis em Turismo (ENBETUR), com o objetivo de discutir a questão da estrutura dos cursos de turismo.

¹¹ Atual Instituto Brasileiro de Turismo.

A partir das discussões realizadas, foi elaborada a proposta para um novo currículo mínimo com habilitações que substituíssem o de 1971 e encaminhado ao Conselho Federal de Educação. O currículo apresentado foi:

- a) Matérias do Currículo Mínimo
- Sociologia;
- História;
- •Geografia;
- Administração;
- Direito:
- Ciências e Técnicas da Comunicação;
- ■Planejamento e Organização do Turismo;
- Estatística:
- ■Metodologia Científica;
- Economia:
- ■Psicologia;
- Antropologia;
- Contabilidade.
- b) Habilitações
- Administração de Empresas Turísticas;
- Planejamento do Turismo;
- Animação Turística.
- c) Objetivo das Habilitações
- Administração de Empresas Turísticas formar profissionais para o exercício da Administração de Empresas Turísticas, quer públicas, quer privadas.
- Planejamento do Turismo formar profissionais para atuar em assessorias e para elaborar o planejamento da atividade turística e de lazer em nível de macroplanejamento de núcleos receptores e emissores urbanos e rurais.
- Animação Turística formar profissionais para atuar nas atividades de animação ligadas ao lazer, recreação e turismo, dando ênfase aos agentes culturais e guias de turismo, distintos daqueles formados em nível de 2º grau. (MATIAS, 2002, p.14).

A EMBRATUR, que havia sido criada pelo Decreto Lei número 55 de 18/11/1966, tinha no período militar um importante papel no desenvolvimento turístico do país (DIAS, 2003, p.130), opinando em todas as ações referentes ao setor inclusive a educação, motivo pelo qual também participou da avaliação do currículo proposto. Ao

receber a proposta acima, de currículo mínimo com habilitações decidiu ouvir empresários e profissionais da área antes de opinar sobre o assunto Após essa consulta, a EMBRATUR sugeriu algumas alterações para que houvesse a adoção de um currículo com matérias básicas e profissionais. Por ser, nesse momento, o indutor do desenvolvimento do turismo como citado anteriormente, a EMBRATUR sugeriu um currículo mínimo, com forte apelo às disciplinas ligadas ao desenvolvimento econômico, como mostrado a seguir :

a) Matérias Básicas

- •Matemática;
- Estatística:
- Contabilidade:
- ■Teoria Econômica;
- Metodologia Científica;
- ■Planejamento e Organização do Turismo;
- Legislação Aplicada;
- ■Mercadologia;
- ■Psicologia;

b) Habilitações Alternativas

- 1ª Opção Hotelaria
- Organização Hoteleira e Técnicas Operacionais;
- Administração Hoteleira;
- Administração Financeira e Orçamento;
- •Mercadologia Aplicada;
- Prática Estágio.

2ª Opção – Agenciamento e Transporte

- ■Produção e Organização de Serviços Turísticos;
- Administração Aplicada;
- Administração Financeira e Orçamento;
- Mercadologia;
- ■Prática Estágio.

3ª Opção – Planejamento

- Sociologia;
- ■Organização de Turismo Interno e Externo;
- Infra-estrutura Turística;
- Equipamento Turístico;
- ■Elaboração e Análise de Projetos;
- Prática Estágio. (MATIAS, 2002, p.15-6).

Para essa proposta, o curso teria duração mínima de quatro anos, para qualquer das opções escolhidas e uma carga mínima de 2.700 horas. O Estágio teria duração de 10% da carga horária total, ou seja, 270 horas.

Nos anos seguintes, novas discussões e novas propostas foram elaboradas, fomentadas principalmente nos encontros dos bacharéis de turismo - ENBETUR anualmente, que trazia a questão da estrutura curricular para esses eventos. Em 1995, a Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo (ABBTUR) formulou um novo currículo mínimo, com matérias e disciplinas diversificadas, partindo de um tronco comum:

- Sociologia;
- História do Brasil;
- •Geografia do Brasil;
- História da Cultura:
- ■Patrimônio Turístico;
- ■Introdução à Administração;
- ■Noções de Direito;
- ■Técnicas Publicitárias;
- ■Planejamento e Organização do Turismo.

Matérias ou disciplinas eletivas:

- ■Psicologia;
- Língua Estrangeira;
- Economia:
- ■Realidade Socioeconômica e Política Regional;
- ■Teoria Geral de Sistemas e Métodos de Pesquisa em Turismo;
- Filosofia;
- Língua Portuguesa;
- ■Meio Ambiente;
- ■Relações Humanas.

As ênfases sugeridas foram:

- Agenciamento;
- Alimentos e Bebidas;
- Eventos;
- ■Hotelaria e Meios de Hospedagem;
- ■Lazer e Recreação;
- Planejamento Turístico;
- ■Transportes. (MATIAS, 2002, p.17-8).

Ainda em 1995, a Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria (ABDETH) promoveu discussões com o objetivo de revisar e atualizar o currículo mínimo de turismo. A ABBTUR e a ABDETH, promoveram em conjunto discussões em nível nacional e, em 1996, encaminharam a proposta de novo currículo mínimo para a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e Desporto (SESU – MEC). A proposta apresentada tinha as seguintes características:

- a) Carga horária mínima de 3.000 horas/aula.
- b) O tempo de duração do curso será de quatro anos e no máximo de sete.
- c) A distribuição da Estrutura Curricular será:

Formação Básica 25% (750 horas/aula)
Formação Profissional 45% (1.350 horas/aula)
Formação Complementar 20% (600 horas/aula)
Estágio 10% (300 horas/aula)

- d) Matérias de Formação Básica:
- Sociologia;
- ■Geografia;
- História;
- Administração;
- Economia;
- Direito:
- Estatística:
- Metodologia Científica;
- ■Psicologia.
- e) Matérias de Formação Profissional:
- ■Planejamento e Organização do Turismo (POT);
- ■Teoria Geral do Turismo (TGT);
- Marketing:
- ■Eventos;
- Lazer;
- Hospedagem;
- Alimentos e Bebidas (A&B);
- Agenciamento:
- Transportes;
- Informática:
- Contabilidade:
- Língua Estrangeira.
- f) Matéria de Formação Complementar:
- Antropologia;

- Língua Portuguesa;
- Matemática. (MATIAS, 2002, p.18-9).

Então, todos os cursos superiores eram avaliados pelo MEC por meio de "consultores ad hoc, designados pela SESU, para avaliar in loco as condições institucionais e de oferta de cursos superiores" ¹². Os cursos de turismo estavam subordinados à Comissão de Especialistas de Administração, a qual não possuía nenhum representante da área de turismo. Em 1996, a SESU – MEC, convidou pela primeira vez para integrar a CEA ¹³, um bacharel em turismo, o Professor Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo, com o objetivo de permitir a participação dos egressos dos cursos de turismo nas discussões sobre a educação em turismo/ hotelaria e colaborar na elaboração de suas diretrizes.

Com isso, no período seguinte, principalmente de 1998 a 2000, a discussão sobre a estrutura do curso de turismo se ampliou e outras propostas foram elaboradas, inclusive as Propostas para as Novas Diretrizes Curriculares dos Cursos Superiores de Turismo, em 1998. Nesse momento, a gestão da Comissão estava a cargo da Professora Dra. Marília Ansarah. ¹⁴

No ano 2000 o turismo obteve uma vitória passando a ter uma Comissão de Especialistas em Turismo, que revisou o Manual de Orientação para Avaliação "in loco" das Condições de Autorização dos Cursos de Turismo e Hotelaria, gerando em 2001 o Manual de Orientação para Avaliação "in loco" das Condições de Reconhecimento dos Cursos de Turismo e Hotelaria. Integraram essa comissão pioneira os Professores: Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Mirian Rejowski e Miguel Bahl, todos bacharéis em turismo.

Em 2004, o Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara Especial de Educação (CES) aprovaram por unanimidade o Parecer 329/2004, que estabelece a carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados na modalidade presencial. De acordo com esse Parecer, a carga horária mínima do curso de turismo foi estabelecida em 2.400 horas, sendo o Estágio e as Atividades Complementares

Portaria nº 2.297, de 08 de novembro de 1999, que dispõe sobre a constituição de comissões e procedimentos de avaliação e verificação de cursos superiores.

¹³ O presidente da Comissão de Especialistas de Administração era Ruy Otávio Bernardes de Andrade.

¹⁴ Informação oral da Professora Dra. Marília Ansarah.

(AC) já incluídos na carga horária total do curso, não podendo exceder a 20% dessa carga.

Segundo Ansarah (2002), os cursos superiores no Brasil passam por um longo caminho burocrático no MEC buscando sua consolidação como área autônoma. Dentro do processo instituído pelo MEC, a avaliação dos cursos era realizada de forma contínua. Para a abertura dos cursos era enviada uma comissão, indicada pela SESU que verificava "in-loco" as condições de funcionamento e emitia um parecer sobre a autorização para funcionamento do curso. Após a autorização, a instituição ficava apta a oferecer o curso, porém, o processo não parava por aí, pois, quando a primeira turma se formava, o MEC realizava nova avaliação para o reconhecimento ou não do curso.

Com isso, as IES eram obrigadas a seguir determinadas padrões de qualidade e a obedecer a regras mínimas de forma a poder permanecer oferecendo vagas nos cursos credenciados. Essa revisão não era balizada apenas pelo MEC, mas também em função da aceitação pelo mercado dos bacharéis formados.

Com a criação do INEP, as Comissões de Especialistas foram extintas, conforme informação oral da Professora Dra. Marília Ansarah.

O processo de adaptação e atualização em face de mudanças que ocorrem no mercado é uma constante em cursos que possuem um perfil profissionalizante como é o caso do turismo. Atualmente, com a velocidade e intensidade das mudanças que ocorrem no mundo globalizado, as IES são obrigadas a efetuar uma revisão de seus conteúdos para o curso de turismo, pois o mercado tem se mostrado pouco receptivo aos bacharéis que se formam todos os anos, sendo que muitos formandos não encontram colocação no mercado de trabalho. Essa dificuldade de ingresso no mercado de trabalho se reflete na luta dos bacharéis que buscam a regulamentação da profissão.

Barreto (2004) destaca as mudanças dos cursos na busca de uma melhor adequação as demandas do mercado "atualmente vemos surgir um novo paradigma educacional, o do desenvolvimento das competências, para atender às demandas de um mercado que precisa de profissionais adaptáveis às constantes modificações da sociedade pós-industrial". (BARRETO, 2004, p.67).

Essa questão de competências e habilidades vem sendo discutida em vários cursos superiores, numa tentativa de reestruturação para o mercado, que deve passar não só pela revisão dos conteúdos, mas também da formação de profissionais para o ensino de turismo, pois apesar dos mais de trintas anos de vida — e ainda ser jovem, os cursos de turismo carecem de docentes preparados para atuação nas disciplinas profissionalizantes.

As tendências para a educação do século XXI passam pelo desenvolvimento de competências, que focaliza a necessidade de preparação do ser humano para a vida na sociedade atual. Perrenoud (2000) define competência como "a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos – como saberes, habilidades e informações – para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações." Partindo dessa definição, construir competências no turismo, significa preparar o indivíduo para que o mesmo participe de forma mais ativa na sociedade em que está inserido.

Ferreira (2004), analisando o papel do educador nos cursos de turismo, comparou as oito categorias principais propostas por Perrenoud com a identificação do perfil do esperado do egresso dos cursos de turismo e propôs o seguinte relacionamento:

Quadro 2: Modelo de enquadramento das Propostas das Diretrizes Curriculares

Perrenoud	Modelo de Enquadramento das Propostas de Diretrizes Curriculares
Saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades;	 Internalização de valores de responsabilidade social , justiça e ética profissional; Formação humanista e visão global que o habilite a compreender o meio social em seus aspectos político, econômico e cultural onde está inserido e a tomar decisões em um mundo diversificado e interdependente; Capacidade de compreensão da necessidade do contínuo aperfeiçoamento profissional e do desenvolvimento da autoconfiança.
Saber gerenciar e superar conflitos;	 Capacidade para a resolução de problemas macro e micro pertinentes à prestação de serviços turísticos.
Saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica;	 Competência para implantar resoluções alternativas e inovadoras, bem como capacidade crítica, reflexiva e criativa.
Saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente ou em grupo –	 Interesse e estímulo para o desenvolvimento na área da docência e pesquisa.

lidar com relacionamentos;	
Saber cooperar, agir em sinergia, participar de atividade coletiva e partilhar liderança;	 Competência para empreender, analisando críticamente as organizações, antecipando e promovendo suas transformações.
Saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático;	 Capacidade de atuação nos diversos setores do mercado turístico e em todas as áreas concernentes à profissão.
Saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las.	 Capacidade para planejar, organizar, implantar e gerir programas de desenvolvimento turístico de destinações e empreendimentos turísticos.

Fonte: FERREIRA, 2004, p. 192.

Diante do quadro apresentado, pode-se dizer que construir competências no turismo leva ao questionamento do processo educacional, uma vez que o conhecimento em turismo é multidisciplinar e que, cada uma das disciplinas utiliza-se de seus próprios conceitos e métodos. A interdisciplinaridade, nesse contexto, surge como uma forma de auxiliar a compreensão desse estudo, pois examinando um problema simultaneamente de diversos lados, capacita-se a uma compreensão holística, facilitando assim, a construção integral do sujeito.

É por meio dessa abordagem de ensino-aprendizado que é feita a discussão sobre os projetos interdisciplinares nessa pesquisa, que no capítulo seguinte propõe uma visão sobre os conceitos de interdisciplinaridade estudados.

CAPÍTULO 2 – INTERDISCIPLINARIDADE

O turismo é entendido como um campo interdisciplinar de estudos, pois sendo uma sub-área¹⁵ dentro das ciências socialmente aplicáveis envolve conhecimentos oriundos de diversas disciplinas como: Sociologia, Economia, Psicologia, entre inúmeras outras que poderiam ser aqui citadas. Isso faz com que a adoção de práticas interdisciplinares seja muito relevante para os Projetos Pedagógicos direcionados para a formação profissional no setor. Pretendendo investigar como ocorrem essas práticas interdisciplinares nos cursos de turismo procura-se apresentar no presente capítulo os fundamentos teóricos que estão na base dessa dissertação destacando os principais conceitos trabalhados na pesquisa sobre a interdisciplinaridade no ensino superior de turismo.

2.1 Simplicidade X Complexidade

Para que se possa entender a razão do surgimento do movimento de interdisciplinaridade, torna-se necessário iniciar a discussão entendendo o conceito de complexidade, o qual se encontra intrinsecamente ligado ao conceito da interdisciplinaridade. Tanto um como o outro possui origem no reconhecimento de que todas as relações que ocorrem nas sociedades estão interligadas e sujeitas a múltiplas influências, processo esse que é mais visível em contextos industrialmente desenvolvidos cujas bases se encontram no conhecimento técnico, altamente especializado, que caracteriza as sociedades capitalistas mais avançadas que concorrem no mercado global. Produtos altamente especializados necessitam de mãode-obra capacitada não apenas para executar tarefas, mas também para entendê-las e promover o seu aperfeiçoamento de modo a preservar a competitividade no mercado global. Ocorre que a alta especialização decorre da fragmentação do conhecimento

¹⁵ O Turismo é considerado pela tabela de áreas de conhecimento – TAC, adotada pelo CNPq como subárea das ciências socialmente aplicáveis.

uma vez que é impossível dominar de forma ampla a totalidade dos conhecimentos existentes. A simplificação de modelos, que permite entender aspectos parciais da ciência e promovem o desenvolvimento do conhecimento em áreas específicas, possui como conseqüência a fragmentação das diversas visões científicas e seus respectivos conteúdos e isso compromete o desenvolvimento de visões mais abrangentes da realidade. O que se observa é que existe uma tendência de que os paradigmas de disciplinas ou ciências consideradas mais importantes por uma determinada sociedade influam sobre os demais acarretando uma visão simplificada da realidade o que provoca sérias distorções em detrimento da complexidade que forma de fato a realidade social. O reconhecimento da complexidade dessas relações e o entendimento de que ela não pode ser reduzida ao paradigma da simplicidade (que normalmente fundamenta uma única ciência ou disciplina), está na base da idéia de que a formação das pessoas precisa ser de natureza interdisciplinar.

Segundo os autores citados, o primeiro obstáculo a superar nessa discussão é o racionalismo dualista cartesiano, que separa o sujeito e o objeto. (VASCONCELOS, 2002). Isso faz com que haja uma separação entre campos de saber e campos de pesquisa: a filosofia e a pesquisa reflexiva de um lado e a ciência e pesquisa objetiva, de outro (MORIN, 2003). Essa idéia esteve presente na cultura européia a partir do século XVII.

Os diversos fenômenos eram classificados segundo esta disjunção paradigmática: o mundo dos objetos submetidos a observação, experimentação e manipulação, e o mundo dos sujeitos racionais que pensam sobre a existência, os saberes e o universo. Assim, nessa bifurcação, as características híbridas e complexas dos fenômenos foram severamente reduzidas. (VASCONCELOS, 2002, p.40)

Com isso a complexidade tem sido reduzida aos fenômenos que fazem parte de um campo de saber que pressupõe uma idéia central ou até mesmo um paradigma único dentro de um mesmo campo de saber, deixando de contemplar outras visões e outros saberes que poderiam contribuir para uma compreensão melhor do que os fenômenos querem dizer.

Muitos são os exemplos dessa redução que podem ser citados. No século XIX, o positivismo e as ciências naturais tentaram aproximar o campo social de sua dimensão subjetiva, visando uma integração entre os fenômenos que ocorriam e os sujeitos pensantes atuando sobre os fenômenos. Essa tentativa de abarcar o campo social e o subjetivo deu origem a idéia de estágios de evolução como os propostos por Augusto Comte. (VASCONCELOS, 2002)

Algumas teorias sociais racionalistas modernas criticavam a alienação humana, buscavam romper o enquadramento necessariamente histórico e limitado da consciência humana, propondo uma auto-suficiência que, partindo de uma visão geralmente atéia ou agnóstica, gera uma configuração dogmática. Assim, "se a superação definitiva de toda a alienação humana pode ser já vislumbrada no horizonte histórico concreto, justifica-se qualquer procedimento ético e político capaz de superar os obstáculos para atingi-la o mais rapidamente possível". (VASCONCELOS, 2002). Aqui poderíamos colocar o pensamento marxista que atuava como dogma.

É possível observar a existência na história de muitas tentativas de mudança do pensamento que divide sujeito e objeto, no entanto a história da ciência é vista como um processo descontinuado. Isso não se dá apenas com relação à história da ciência, mas ocorre também entre as diferentes disciplinas e ciências, o que reduz as possibilidades de integração entre os diferentes discursos científicos, negando assim, a possibilidade de utilização de métodos e conhecimentos presentes em campos de estudo que sejam diferentes entre si.

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. (MORIN, 2003, p.36)

Tanto complexidade quanto interdisciplinaridade buscam o entendimento do todo, e vão além dos contextos. É a visão maior e não limitada de uma situação ou problema. Na verdade, é a concepção da sociedade em que estamos inseridos, a partir

da organização estruturada e da idéia de que o todo é ao mesmo tempo organizado e desorganizado. (VASCONCELOS, 2002; MORIN, 2003).

Assim, o conhecimento para ser pertinente deve enfrentar a complexidade que se apresenta: "há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico)". (MORIN, 2003, p.38) O entendimento não dissociativo das partes contribui para a compreensão do todo.

Dessa maneira, a especialização, que estuda as partes dissociadas do contexto mais amplo, contribui para o enfraquecimento da responsabilidade – cada um é responsável pela tarefa que lhe compete. O recorte das disciplinas, proposto pela especialização, impossibilita a aprendizagem do todo, conseqüentemente, a perda da complexidade acontece. "O princípio da redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples". (MORIN, 2003, p. 42).

Partindo da idéia de que a educação deve estar pautada no sistema produtivo, ou seja, de que os indivíduos devem ser formados para integrar-se à estrutura formal de trabalho, as escolas e universidades foram sendo criadas para atender às demandas que se apresentavam. Os campos de saber eram divididos em departamentos e institutos, cada qual sendo responsável por pensar em um determinado elemento da sociedade (econômico, social, cultural, ambiental etc), gerando a concepção de que a educação só acontece através da separação e fragmentação do conhecimento em disciplinas.

Essa visão surgiu a partir do desenvolvimento industrial das sociedades, que exigiu, cada vez mais, profissionais específicos para determinadas atuações. O conhecimento técnico e científico emergiu como uma nova forma de poder, passando a ser mais valorizado. E para que os indivíduos tivessem esse conhecimento específico, a educação passou a ser organizada de maneira a atender essa nova exigência do mercado de trabalho.

Porém, com o processo de globalização, aliado à evolução tecnológica, transformações nessa concepção de educação fizerem e ainda fazem-se necessárias. O sistema de ensino passa por modificações até em seus objetivos, que eram de atender a demanda de pessoal qualificado exigida pelo mercado de trabalho.

Assim, a educação superior deve ultrapassar a idéia de transmissão de conhecimento técnico para a formação das competências necessárias para que os alunos possam estar aptos a participarem da construção do conhecimento. Processo esse que, quando reduzido a uma visão especializada fica restrito. A concepção é de buscar uma educação qualificada, que atenda não somente a demanda de um mercado cada vez mais competitivo, mas também que não esqueça as necessidades individuais, sabendo que as pessoas diferem-se à medida que são inseridas em diferentes sistemas sociais. Dessa forma, "o ensino não pode alienar-se da realidade na qual está inserido. [...] A escola, ao mesmo tampo em que é responsável pela conservação e transmissão do conhecimento, atua na sua transformação." (DENCKER, 2000, p.46).

As visões mecanicistas devem ser superadas dando lugar a uma formação holística, capaz de gerar novas respostas e de criar alternativas promissoras, principalmente onde a desigualdade social é muito grande como no Brasil. (DENCKER, 2000, p.46).

Quanto mais as situações se mostram complexas, maior é nossa incapacidade de pensar complexamente, acarretando problemas cada vez maiores e, muitas vezes, sem propostas de solução.

Daí decorre o paradoxo: o século XX produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico, assim como em todos os campos da técnica. Ao mesmo tempo, produziu nova cegueira para os problemas globais, fundamentais e complexos, e esta cegueira gerou inúmeros erros e ilusões, a começar por parte dos cientistas, técnicos e especialistas. (MORIN, 2003, p.45)

Dessa forma, a discussão aqui proposta é a de entender o pensamento que separa e que reduz, pois a fragmentação e a especialização se fazem presentes em todas as nossas ações cotidianas. É necessário que se consiga unir o conhecimento das partes ao conhecimento do todo. A idéia não é de abandonar a educação dada por disciplinas, mas sim de buscar uma integração entre o que as diferentes disciplinas

propõem, buscando gerar um conhecimento integral, que resulte da integração equilibrada das partes.

A interdisciplinaridade abarca essa proposta, visando, como se tenta demonstrar a seguir, que o conhecimento baseado nas disciplinas, possa gerar um entendimento do todo, para a resolução de possíveis situações que serão encontradas no dia-a-dia do estudante quando esse se formar.

Espera-se que a interdisciplinaridade contribua para superar a proposta estruturalista que concebe cada ciência como um campo específico de conhecimento, delimitando para si um objeto específico e com uma estrutura rígida, em que não cabem outras formas do pensamento científico.

Os desafios presentes nesse mundo contemporâneo e complexo em que vivemos precisam ser superados, numa tentativa de caminhar do sentido amplo do saber e, principalmente, no compartilhar esse saber.

um mundo fragmentado exige, para a superação da fragmentação, uma visão de totalidade, um olhar abrangente e, no que diz respeito ao ensino, a articulação estreita dos saberes e capacidades; um mundo globalizado requer, para evitar a massificação e homogeneidade redutora, o esforço de distinguir para unir, a percepção clara de diferenças e desigualdades e, no que diz respeito ao ensino, o reconhecimento de que é necessário um trabalho interdisciplinar, que só ganha sentido se parte de uma efetiva disciplinaridade.(...). (RIOS, 2002, p.43) (Grifos da autora)

2.2 Interdisciplinaridade

A tomada de consciência da necessidade de uma abordagem interdisciplinar dos problemas, ou seja, da interdisciplinaridade, tornou-se mais forte a partir da discussão sobre os problemas causados pela especialização e fragmentação em disciplinas, nos cursos destinados a formações profissionais específicas, que se tornaram recorrentes na educação, não só no Brasil, mas em todo o mundo no pós Segunda Guerra Mundial.

Tanto países já industrializados quanto países em fase de industrialização necessitavam de mão-de-obra qualificada para a aceleração de seu processo industrial de desenvolvimento, visto naquela época, como única forma de ascensão econômica no contexto mundial.

Assim, a especialização se tornou comum na formação da mão-de-obra, fazendo com que pessoas que dominavam mais determinada técnica ou conhecimento fossem mais reconhecidas, não só em termos de remuneração, como também na sociedade, pois sabia "mais" que os demais trabalhadores.

Para atender a essa demanda por "especialistas", os cursos de ensino superior passaram por um processo que intensificou a fragmentação das disciplinas. Surgiram assim as chamadas "grades curriculares" que dividiam e compartimentavam os conhecimentos priorizando aqueles que eram considerados relevantes para uma formação específica, o que acarretou um direcionamento dos cursos para o atendimento das necessidades de especialização voltadas principalmente para a técnica e a transmissão de conteúdos.

Lemos (2002) faz um comparativo entre as diferentes abordagens do processo de ensino aprendizagem. Na abordagem tradicional, cujos principais representantes são Snyders e Émile Chartier, a educação é centrada no objeto, ou seja, o professor representa um homem adulto acabado, enquanto o aluno é uma miniatura que precisa ser atualizada, é um receptor-passivo da chamada "educação bancária", o aluno é depositário do conhecimento que o professor passa, conforme destacava Paulo Freire em seus escritos.

O conhecimento adquirido, então, é medido pela capacidade que o aluno tem de armazenar as informações e utilizá-las em determinadas funções em que esse seja necessário. Existe, assim, um caráter cumulativo do conhecimento humano, tratado imutavelmente, não há espaço para questionamento.

A educação, dessa forma, se caracteriza pela "transmissão de idéias selecionadas e organizadas logicamente. Os modelos a serem alcançados estão preestabelecidos". (LEMOS, 2002, p.83). A aprendizagem, assim, acontece por imitação, cópia e reprodução e seu principal objetivo é a aquisição de informações, cujos conteúdos são apresentados fechados e acabados. A especialização passa a ser

um pré-requisito para a ascensão profissional e social. Quem sabe mais algum conteúdo, tem mais chances de ascender.

O indivíduo nada mais é do que um receptáculo de conhecimentos escolhidos e elaborados por outros para que ele dele se aproprie. Manutenção da ordem. A escola é um agente estático numa realidade essencialmente dinâmica.(LEMOS, 2002, p.89).

Essa formação essencialmente técnica e fragmentada passou a ser questionada primeiramente na Europa. Segundo Fazenda (1994):

O movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, principalmente na França e Itália, em meados da década de 1960 [...], época em que se insurgem os movimentos estudantis, reivindicando um novo estatuto de universidade e de escola. (FAZENDA, 1994, p. 18)

A discussão iniciada nesse período propunha uma nova abordagem para a educação, menos reducionista e mais global, questionando o sistema existente de ensino e propondo a superação da fragmentação disciplinar, por meio da reflexão crítica e do desenvolvimento da pesquisa.

Esse debate deu início a uma verdadeira mobilização da comunidade cientifica que passou a desenvolver estudos e análises sobre o ensino, levantando questões que indicassem as principais tendências da pesquisa nas ciências sociais, sistematizando a metodologia que poderia auxiliar na superação da fragmentação das disciplinas.

No Brasil, a interdisciplinaridade surge como proposta ao final da década de 1960, como uma repercussão distorcida dos estudos e movimentos realizados na Europa (FAZENDA, 1994), um modismo que gerou a propagação de um termo ainda não assimilado e conseqüentemente não compreendido, causando práticas educacionais que não condiziam com a realidade social do país.

A partir da década de 1970, foram desenvolvidos estudos sobre a prática interdisciplinar contemplando a realidade brasileira. São exemplos os estudos de Hilton

Japiassú, que publicou "Interdisciplinaridade e patologia do saber" em 1976 e de Ivani Fazenda que desenvolveu o tema em sua dissertação de mestrado.

Nas décadas de 1980 e 1990, os estudos avançaram direcionados para a busca de uma metodologia da prática interdisciplinar.

Segundo Fazenda (1994), os mais significativos avanços nessa direção podem ser expressos nas constatações abaixo:

- -Interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação.
- -A interdisciplinaridade nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar.
- -A interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas. (FAZENDA, 1994, p.28-9)

Esses avanços permitiram o reconhecimento de algumas contradições que direcionaram e orientaram as novas pesquisas sobre o tema. Os conceitos e idéias levantados na década de 1970 precisavam ser revistos, principalmente, no Brasil, repercutindo na legislação educacional, uma vez que os projetos educacionais, em nome da interdisciplinaridade, haviam sido alterados.

A interdisciplinaridade encontrou na ideologia manipuladora do Estado seu promotor maior. Entorpecido pelo perfume desse modismo estrangeiro, o educador se omitiu e nessa omissão perdeu aspectos de uma identidade pessoal. (FAZENDA, 1994, p.30)

O processo a partir de então foi o de resgatar as vivências da sala de aula. A necessidade era a de superar os obstáculos teóricos na prática, através de propostas curriculares que incorporassem a interdisciplinaridade como uma categoria de ação.

Ainda hoje o desafio é esse. Como construir uma prática interdisciplinar? Como superar a fragmentação que ainda persiste nas grades curriculares? Como integrar os indivíduos que participam desse processo?

Frigotto (1995) entende a interdisciplinaridade como uma necessidade:

O caráter necessário do trabalho interdisciplinar na produção e na socialização do conhecimento no campo das ciências sociais e no campo educativo que se desenvolve no seu bojo não decorre de uma arbitrariedade racional e abstrata. Decorre da própria forma de o homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social. (FRIGOTTO, 1995, p. 26)

O homem como sujeito e objeto das relações sociais necessita de um conhecimento que esteja fundado no caráter dialético da realidade em que se insere, pois ao mesmo tempo em que atua nessa realidade, o homem é levado por essa atuação, pois "os processos educativos são constituídos nas e pelas relações sociais, sendo eles mesmos constituintes destas relações." (FRIGOTTO, 1995, p.25).

Nesse sentido, a interdisciplinaridade não é uma junção de elementos diversos de várias disciplinas, mas sim um questionamento sobre a contribuição desses elementos para a resolução de uma determinada situação, o que confirma sua classificação enquanto categoria de ação, como apontado por Fazenda (1994).

Etges (1995) discute a questão da informação pela informação: "A simples incorporação de elementos de uma teoria em outra entra aí como informação, sem que os pressupostos teóricos e metodológicos desses diversos campos, inclusive os da própria teoria que se utiliza, sejam questionados." (ETGES, 1995, p. 73)

Essa incorporação, na avaliação de Etges, mostra que a ação de sobrepor conhecimentos diversos apenas como forma de acumular e adquirir informação não é uma prática interdisciplinar, mas sim uma ação instrumental em que os conhecimentos são reunidos sem que haja uma discussão, um questionamento sobre a real necessidade dessa incorporação.

Dessa forma, segundo Etges (1995):

A interdisciplinaridade não poderá jamais consistir em reduzir as ciências a um denominador comum, que sempre acaba destruindo a especificidade de cada uma, de um lado, e dissolve cada vez mais os conteúdos vivos em formalizações vazias, que nada explicam, podendo, pelo contrário, transformar-se em estratégias de exclusão e de domínio absoluto. Pelo contrário, deverá ser um mediador que possibilita a compreensão da ciência, além de formas de cooperação a um nível bem mais crítico e criativo entre os cientistas. (ETGES, 1995, p. 73)

Pela característica da atividade turística, como mediadora das relações sociais entre visitantes e visitados e, em decorrência de todo o processo que efetiva sua prática, o turismo tem de ser estudado de forma global proporcionando ao estudante a percepção de que ele também faz parte desse processo.

A interdisciplinaridade no curso de turismo, dessa maneira precisa ser uma categoria de ação possível de ser realizada, por meio dos diversos conhecimentos que se integram, possibilitando um referencial mais completo capaz de gerar ações mais abrangentes. Cabe aqui ressaltar que a prática interdisciplinar aqui proposta não é de engessamento de um projeto que dá certo em sua realização, mas sim de algo que supere as disciplinas e que, ofereça a quem o realiza não apenas uma assimilação dos conhecimentos, mas sim a capacidade de mobilização desses conhecimentos visando uma ação de qualidade em favor da realidade apresentada, pois o real cliente da universidade não são os alunos, mas sim toda a sociedade, que vê nesse profissional uma pessoa apta a realizar e satisfazer suas necessidades. Dessa forma, "O bacharel em turismo, em virtude de sua formação e das exigências de mercado, necessita transitar por todas as funções da administração, quais sejam: Planejar, Organizar, Dirigir/ Liderar e Controlar." (LEMOS, 2002, p.99)

2.3 Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e Diretrizes Curriculares do Curso de Turismo

Não é possível estudar o ensino sem compreender as regras legais que estão na base de sua regulamentação. No Brasil a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) dispõe sobre as diretrizes da educação nacional em todos níveis, incluindo a educação superior em instituições privadas que é abordada nessa pesquisa.

A LDB propõe a flexibilização da organização dos sistemas escolares e no artigo 43, ao iniciar o capítulo que trata da educação superior, dispõe sobre as finalidades desse nível de educação, dentre as quais, destacamos: "[...] VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e

regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade."

No entanto, a LDB de 1996, ao definir as finalidades da educação superior, não deixa clara a função e o comprometimento da instituição de ensino superior com a pesquisa, na realização e em seu desenvolvimento, visando a contribuição para o avanço do conhecimento. Como analisa Belloni (2002), "Está mencionado apenas, como finalidade, *incentivar* o trabalho de pesquisa, ainda que, na descrição do que seja universidade, a nova LDB indique que elas são "instituições pluridisciplinares [...], de pesquisa". (BELLONI, 2002, p. 136) (Grifo da autora).

Ainda, segundo a mesma autora, a tendência é de que se efetivem mais matrículas em instituições que ofereçam apenas ensino, pois a produção do conhecimento (por meio de pesquisa) deixa de ser compromisso da instituição. "A extensão, desligada da produção acadêmica e do ensino, transforma a universidade em prestadora de serviço de caráter assistencial ou de consultoria técnica." (BELLONI, 2002, p.137).

Outro ponto a ser observado na LDB é a redução das exigências nas normas e critérios para criação e credenciamento de IES. "A nova LDB propõe apenas três critérios para caracterizar universidade: produção intelectual institucionalizada, um terço do corpo docente, pelo menos, com título de mestre ou doutor e um terço do corpo docente em regime de tempo integral.". (BELLONI, 2002, p.138). (Grifo da autora). A questão da titulação acaba sendo um problema pois, em algumas IES, houveram demissões em massa de doutores, uma vez que é mais barato ter apenas mestre.

Sob o argumento de simplificação, o que percebemos é a concepção de uma IES que privilegia a reprodução do conhecimento, em detrimento da pesquisa e da evolução do conhecimento.

A associação entre produção científica e dedicação exclusiva é reconhecida internacionalmente e por isso não existe a figura do "tempo integral", mais associada à idéia de multiplicidade de empregos, em geral, em função dos baixos salários. (BELLONI, 2002, p.138)

Essa caracterização de IES vai transformando a educação superior em moeda de negociação, pois observamos a mercantilização do ensino superior, na medida em que são abertas inúmeras instituições de ensino que não contemplam as características regionais e, principalmente a pesquisa científica, oferecendo cursos que são iguais ao de tantas outras instituições, como se as realidades regionais fossem as mesmas. Essas observações levam à uma reflexão sobre a necessidade de se revisar todo o processo da educação superior em nosso país.

Também na LDB, podemos identificar propostas de autonomia para as IES encontradas em seu artigo 53º, parágrafo I, que diz que as instituições podem: "criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino."

Dessa forma, as IES, em princípio, gozam de liberdade para organizar e estruturar o curso de graduação e, conseqüentemente, a sua grade curricular, estabelecendo as disciplinas que compõem a mesma, a fim de garantir a formação do aluno. Isso, entretanto acaba não acontecendo.

Ao mesmo tempo em que dá liberdade, a LDB impõe as Diretrizes Curriculares dos cursos de Graduação, que estabelecem a fixação dos currículos mínimos dos cursos de graduação. A Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação elaborou o projeto das Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN, "que orientarão os cursos de graduação, a partir das propostas a serem enviadas pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação ao CNE".

O Parecer 776/97 estabelece que as Diretrizes Nacionais devem:

- a) se constituir em orientações para a elaboração de currículos;
- b) ser respeitadas por todas as IES;
- c) assegurar a flexibilidade e a qualidade da formação oferecida aos estudantes.

Além disso, as Diretrizes Nacionais devem observar o seguinte princípio: "assegurar às instituições de ensino superior ampla liberdade na composição da carga

horária a ser cumprida para a integralização dos currículos, assim como na especificação das unidades de estudos a serem ministradas".

Essa ampla liberdade não é percebida na prática, pois os cursos superiores passam por processos de abertura, reconhecimento e recredenciamento. Nesse processo são examinadas todas as estruturas das instituições, principalmente a curricular, que deve preencher os requisitos impostos pelo MEC, por meio da SESU. Isso torna discutível a questão da liberdade uma vez que existe uma cobrança que determinará ou não o funcionamento do curso, pois caso o mesmo não preencha esses requisitos, não poderá funcionar¹⁶.

O curso superior de turismo foi incluído no Parecer nº CES/CNE 0146/2002, que também inclui os cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design.

Dessa forma, foram estabelecidas Diretrizes Comuns aos Cursos Relatados, dentre as quais podemos observar a elaboração do Projeto Pedagógico, que deve conter:

- objetivos gerais do curso, contextualizados em relação às suas inserções institucional, política, geográfica e social;
- condições objetivas de oferta e a vocação do curso;
- cargas horárias das atividades didáticas e da integralização do curso;
- formas de realização da interdisciplinaridade;
- modos de integração entre teoria e prática;
- formas de avaliação do ensino e da aprendizagem:
- modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver;
- cursos de pós-graduação *lato sensu*, nas modalidades especialização, integradas e/ou subseqüentes à graduação, e de aperfeiçoamento, de acordo com a evolução das ciências, das tecnologias e das efetivas demandas do desempenho profissional, observadas as peculiaridades de cada área do conhecimento e de atuação, por curso;

¹⁶ No Brasil, a maioria dos cursos de turismo é oferecida por instituições isoladas que não possuem a autonomia das universidades para estruturação dos cursos.

- incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica;
- concepção e composição das atividades de estágio, por curso;
- concepção e composição das atividades complementares;
- oferta de cursos seqüenciais e de tecnologia, quando for o caso. (Grifo nosso)

No que diz respeito especificamente ao curso de turismo, o que as Diretrizes Curriculares informam sobre o perfil desejado do formando é o que se segue:

De um profissional apto a atuar em mercados altamente competitivos e em constante transformação, cujas opções possuem um impacto profundo na vida social, econômica e no meio ambiente, exigindo uma formação ao mesmo tempo generalista, no sentido tanto do conhecimento geral, das ciências humanas, sociais, políticas e econômicas, como também de uma formação especializada, constituída de conhecimentos específicos, sobretudo nas áreas culturais, históricas, ambientais, antropológicas, de Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural, bem como o agenciamento, organização e gerenciamento de eventos e a administração do fluxo turístico. (Grifo nosso)

Os membros da Comissão de Especialistas de Ensino – CEE nomeada para elaborar a proposta curricular dos cursos de turismo, afirmam que o profissional de turismo deve possuir formação sólida, que o deixará apto a trabalhar com a atividade turística como um todo, não somente com o seu campo de atuação específico.

O perfil desejado dos bacharéis em turismo é caracterizado pela:

[...] internalização de valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional, formação humanística e visão global que o habilitem a compreender o meio social, em seus aspectos político, econômico e cultural, onde está inserido e a tomar decisões em um mundo diversificado e interdependente. (SHIGUNOV NETO E MACIEL, 2002, p.45).

O bacharel deve estar preparado para atuar nos vários campos da atividade turística, ser capaz de compreender essa atividade no contexto global, sabendo que o desenvolvimento dessa deve ser sustentável.

A responsabilidade social perante a comunidade é de extrema importância para o sucesso do turismo em uma localidade.

Outro fator preponderante na educação em turismo é o de propiciar ao aluno uma clara percepção da sociedade na qual o curso está inserido e do mercado em que irá atuar, assim como a conscientização de sua responsabilidade social e política. [...] Também é responsabilidade das instituições de ensino proporcionar a base para seus estudantes tornaram-se cidadãos bem informados e motivados que procuram soluções para os problemas da sociedade e aceitam suas responsabilidades sociais. (ANSARAH, 2002, p. 27-8)

Dessa forma, a interdisciplinaridade se torna essencial no curso superior de turismo, pois o bacharel deve ter uma visão global e saber que suas atitudes como profissional de turismo afetarão diretamente a sociedade. Antes de ser profissional em turismo, ele é cidadão e, como tal, não pode estar isento de sua responsabilidade perante a sociedade em que vive.

Por outro lado, segundo Ansarah (2002): "é lamentável o desconhecimento e o despreparo de uma boa parte de docentes desses cursos, no Brasil, para a aplicação e a utilização na transmissão de seus ensinamentos em sala de aula." (ANSARAH, 2002, p.25). Os cursos de turismo sofrem com a carência de docentes titulados, que saibam ultrapassar os limites das disciplinas tradicionais, não se limitando somente ao conteúdo específico que lhe caiba lecionar. Ainda segundo Ansarah (2002) "[...] o desafio é encontrar docentes que reúnam as condições de *saber fazer* e *saber ensinar*". (ANSARAH, 2002, p.31) (Grifos da autora).

Como contemplar uma formação que seja ao mesmo tempo generalista e especializada? Quais são as formas de aplicação da interdisciplinaridade que podem auxiliar nessa formação?

Como transformar a educação superior em uma educação que não forme apenas, mas que transforme os ingressos em cidadãos comprometidos com sua

escolha profissional e mais além, comprometidos com o desenvolvimento de seu país, buscando, através não só da reprodução, mas da produção do conhecimento melhorias para sua condição de brasileiro.

Como discutido anteriormente, o estudante é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de sua realidade e assim, a prática interdisciplinar bem elaborada e bem conduzida pode auxiliar não só em sua formação, bem como em sua atuação profissional, que será ditada pela realidade em que está inserido.

Assim, a necessidade de um enfrentamento na formação superior do profissional em turismo se faz evidente. "É necessário que o profissional docente – formador de novos profissionais – e estes últimos estejam alertas ao que vem sendo proposto em termos de legislação, de sociedade (...)." (SHIGUNOV NETO E MACIEL, 2002, p. 60).

CAPÍTULO 3 – A VISÃO DO DOCENTE

3.1 – Projetos Interdisciplinares

No campo pedagógico os projetos interdisciplinares são a forma mais comum de trabalhar a interdisciplinaridade tendo por objetivo organizar os conhecimentos aprendidos no contexto das diferentes disciplinas, em cada momento do curso, canalizando-os para o trabalho em equipe para a solução de problemas de ordem prática. Assim, a cada período do curso os alunos são estimulados a trabalhar os conteúdos de todas as disciplinas em um único projeto que contemple todas as perspectivas disciplinares em um objeto interdisciplinar. Trata-se assim da organização das atividades de ensino e aprendizagem.

Segundo Hernandez & Ventura apud Espitia [et al.] (2002):

A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação e, 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio. (HERNANDEZ & VENTURA, 2002, p. 61).

O projeto pode surgir a partir da proposição de um problema, geral ou particular, de perguntas inter-relacionadas ou de uma temática que valha a pena ser pesquisada. O objetivo é que as soluções propostas possam superar os limites de uma disciplina, fazendo com que os alunos busquem a integração entre todas as disciplinas. Para tal processo ser efetivo, é preciso enfatizar a articulação da informação necessária para tratar o problema — objeto do estudo e os procedimentos metodológicos para desenvolvê-lo, ordená-lo, compreendê-lo e assimilá-lo.

A informação necessária para a construção de projetos, muitas vezes, não está determinada de antemão, nem depende do professor ou do conteúdo de livros, mas surge em função do que cada aluno já sabe dentro de um determinado tema e da

informação com a qual ele pode relacionar dentro e fora da instituição em que está inserido.

Dessa forma, a escolha do tema torna-se o ponto de partida para a definição de um projeto. Pode surgir de experiências anteriores dos alunos, da informação que eles têm sobre projetos já realizados ou de temas inovadores, que despertem o interesse dos alunos.

Dencker (2002) nos diz que a origem do projeto interdisciplinar coloca-se no contexto da pós-modernidade, respondendo à necessidade de superação dos entraves causados pelo paradigma de fragmentação disciplinar atribuído ao racionalismo. Essa fragmentação, aqui já discutida, poderia vir a contribuir para que os alunos tenham uma visão parcial ou distorcida da realidade, privilegiando os conteúdos de uma ou outra disciplina. A superação dessa fragmentação prevê uma abordagem mais integrada não apenas de conteúdo mas de todo o processo da pesquisa e etapas necessárias para o desenvolvimento dos projetos.

Para ser bem sucedido o projeto interdisciplinar precisa resolver a questão de como promover a interação das diferentes áreas acadêmicas, estabelecendo um caminho a ser seguido, de modo a que essa interação ocorra durante todo o processo de desenvolvimento do projeto.

Uma das possibilidades de desenvolvimento do projeto interdisciplinar é a desenvolvida por Espitia [et al.] (2002) que se inicia tomando por base as disciplinas do semestre em curso, no caso dos cursos semestrais, ou do ano, nos cursos anuais, buscando-se as relações comuns, estabelecendo e promovendo o desenvolvimento de habilidades comum aos alunos.

Esse processo passa pelas seguintes fases (Figura 1):

- Definição de objetivos por disciplina a partir da definição do tema do projeto proposto, cada disciplina indica os objetivos que pretende alcançar.
- Definição de objetivos gerais do projeto partindo dos objetivos de cada disciplina, os objetivos gerais do projeto são definidos.
- Esboço de atividades individuais ou em grupos escolha por projetos individuais ou em grupos.

- Estabelecimento de relatórios de entrega parcial e final o conhecimento antecipado de datas pelos alunos é essencial, pois permite que o mesmo possa planejar todas as atividades necessárias para o cumprimento dos objetivos propostos.
- Definição de critérios de avaliação os alunos precisam conhecer quais são os parâmetros segundo os quais serão avaliados. No trabalho em equipe, é importante que os alunos possam desenvolver o trabalho a partir dos parâmetros estabelecidos.
- Avaliação dos resultados do projeto desenvolvido essa tarefa implica uma revisão cuidadosa por parte da equipe docente para validar o projeto, melhorando-o ou mudando-o, para que a sua aplicação definitiva seja cada vez melhor.

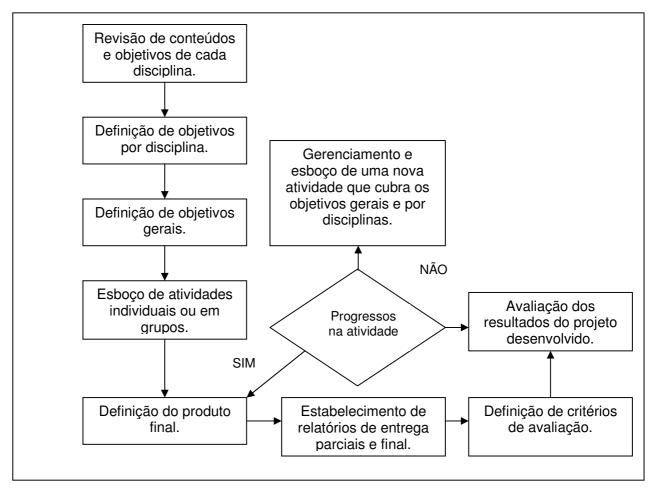


Figura 1: Metodologia para criação de Projetos Interdisciplinares

Fonte: Adaptado de Espitia [et al.], 2002, p. 151

Tomando por base essa metodologia adotada por Espitia [et al.], percebe-se que o projeto interdisciplinar exige um grande comprometimento de todos os agentes envolvidos. Todo o processo é discutido e revisto em alguns momentos, a fim de que não haja perda dos objetivos ao longo da elaboração e implantação do projeto.

3.2 – Projetos Interdisciplinares no Curso de Turismo

Segundo o Professor Dr. Mario Carlos Beni, primeiro professor autorizado pelo MEC a lecionar em curso de turismo, engenheiro, advogado e cientista social de formação, pioneiro na implantação do curso de turismo em uma universidade pública, a Universidade de São Paulo, associado ao Curso de Comunicações e Artes, no Departamento de Relações Públicas Propaganda e Turismo, entrevistado pela pesquisadora¹⁷, o curso de Turismo, em sua essência é interdisciplinar, justamente pela utilização de disciplinas de outras áreas, como Sociologia, Psicologia, Economia, História, Geografia etc. para o entendimento de toda sua complexidade e, portanto, os projetos interdisciplinares devem fazer parte da realidade do curso, fazendo com que os alunos consigam visualizar a integração entre essas disciplinas e o Turismo. Essa visão está em consonância com a idéia de que no campo das ciências socialmente aplicáveis, de caráter profissionalizante, a interdisciplinaridade é um elemento constitutivo (FRIGOTTO, 1995). A percepção da complexidade das relações que integram o sistema turístico levou o Professor Dr. Mario Carlos Beni a elaborar um modelo dessas relações ao qual denominou Sistema de Turismo (SISTUR), no qual fica claro que o entendimento da atividade turística se dá por meio do estudo da relação entre as disciplinas "emprestadas" de outras áreas e o turismo em si.

Outro pesquisador, de destaque internacional e referência nos estudos sobre formação para o turismo, o professor Jafar Jafari, consultor em hotelaria na Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, e que participou dos debates no Brasil quando da implantação de um centro de excelência em turismo e hotelaria na Universidade de Brasília, e editor da mais prestigiada publicação internacional de

_

¹⁷ Ver a íntegra da entrevista no Apêndice A.

pesquisa em turismo Annals of Tourism Research, com sua ampla vivência internacional dos assuntos referentes ao turismo, apresenta um modelo que fornece uma visão geral de como é constituído o conhecimento em turismo (Figura 2). São demonstradas as estruturas de turismo de maneira simples e de fácil compreensão, ilustrando a aplicação de idéias e técnicas derivadas de disciplinas mais tradicionais e adaptadas aos estudos de turismo. O autor classifica o conhecimento em turismo a partir de estágios, denominados "Plataformas", que resumem os vários campos e visões do turismo como matéria.

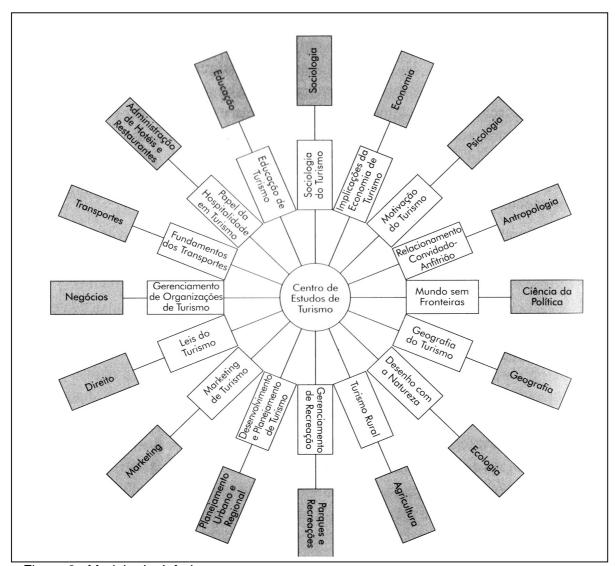


Figura 2: Modelo de Jafari

Fonte: Jafar Jafari, 1990 (apud COOPER; SHEPHERD; WESTLAKE, 2001, p. 110)

A Professora Doutora Marilia Gomes dos Reis Ansarah, bacharel em turismo, mestre e doutora pela ECA/USP e Assessora Pedagógica dos Cursos de Turismo da segunda maior instituição de ensino superior privado, em número de alunos, no país, em estudos realizados sobre o ensino a formação em turismo com base na trajetória dos bacharéis que buscaram titulação em nível de mestrado e doutorado no Brasil, explica que os estudos de Jafar Jafari que resultaram no modelo apresentado na figura 2 referida, analisam o conhecimento em turismo partindo de áreas já consolidadas de estudo, como Educação, Sociologia, Psicologia e Antropologia, estabelecendo o estudo multi e interdisciplinar, que derivam em disciplinas específicas que conduzem à criação de um Centro de Estudos de Turismo.

Percebe-se assim, que tanto Beni quanto Ansarah, na mesma linha dos pesquisadores que atuam em outros países, mostram que a interdisciplinaridade está presente nos estudos em turismo e, portanto, os projetos interdisciplinares são ferramentas para a compreensão desses estudos.

Adaptando o modelo apresentado por Jafar Jafari, fazendo o caminho inverso de construção iniciando pelo caminho seguido pelos bacharéis de turismo que se doutoraram, e não pelas disciplinas que formam os cursos, Ansarah (2002) elaborou um diagrama, com o objetivo de explicar o fato de disciplinas tradicionais terem sido adaptadas ao estudo em turismo, processo que a autora chama de Processo Educacional em Turismo. (Figura 3).

O estudo de Ansarah (2002) é inspirado em Jafar Jafari, porém, enquanto Jafar Jafari parte de fora para dentro, ou seja, as disciplinas propostas convergem no que o autor chama de Centros de Estudos do Turismo, Ansarah fez o contrário, ou seja, as disciplinas partem de dentro para fora, levando em consideração que as disciplinas propostas são as que os turismólogos formados no Brasil desenvolveram suas pesquisas e estudos. Assim, tanto Jafar Jafari quanto Ansarah, demonstram em seus estudos que as correlações estabelecidas por eles entre as áreas de concentração e as disciplinas propostas são pertinentes com a realidade da formação do bacharel em turismo.

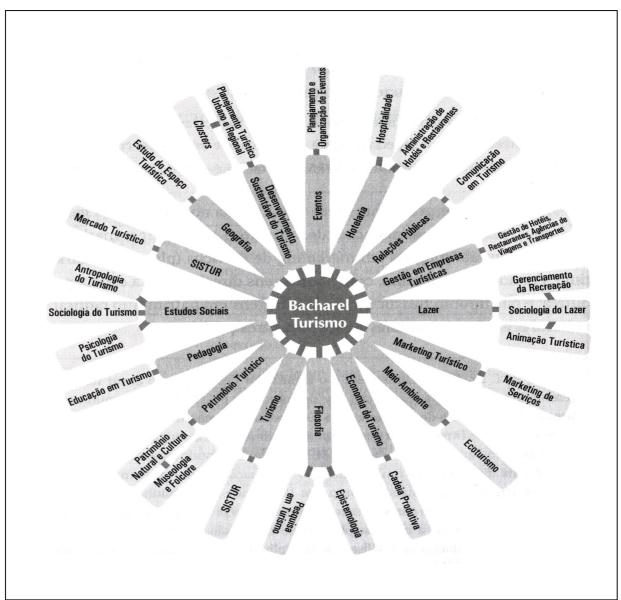


Figura 3: Processo Educacional em turismo. Adaptado de Jafar Jafari. Fonte: ANSARAH, 2002, p. 112.

A preocupação com a formação do docente que leciona em turismo e hotelaria já gerou alguns programas de Pós-graduação, Lato Sensu, específicos para a docência em nível superior. A Professora Ms. Cecília Gaeta, Coordenação de Pós-graduação do SENAC-SP, em sua dissertação de mestrado de 2001, já identificava a necessidade de olhar para esse docente que atua nesses cursos

por ser o turismo uma atividade de caráter multidisciplinar que envolve a integração de várias áreas de estudo, sua pesquisa deve ser complementada com informações sobre outras áreas de estudos que fazem inserções com sua disciplina. (GAETA, 2001, p.60-1).

Dessa forma, o docente que atua em turismo deve ter o conhecimento de que essa atividade, por seu caráter multidisciplinar, proporciona práticas interdisciplinares por natureza, uma vez que a integração de disciplinas é favorecida por essa característica.

3.2.1 Introdução dos projetos interdisciplinares em cursos de turismo em São Paulo.

Como já exposto na introdução, a pesquisadora entrevistou os responsáveis por cursos de turismo de outras instituições, diferentes das incluídas na pesquisa de campo, buscando fundamentar parâmetros para a construção de uma visão crítica dos projetos interdisciplinares. 18

Observa-se que os projetos interdisciplinares, enquanto estratégia para o ensino de turismo, na maioria dos Projetos Políticos Pedagógicos implementados inspiraramse no curso pioneiro oferecido pela atual Universidade Anhembi Morumbi, que desde a década de 1970 trabalhava a interdisciplinaridade por meio de propostas conjuntas para solução de problemas, conforme informado em entrevista pela Professora Ms. Gracira Cabrera, graduada e licenciada em Filosofia e pós-graduada em Psicologia da Educação pela PUC-SP, Organizadora de Eventos e mestre em Comunicação e Educação, pela Universidade Anhembi Morumbi, coordenadora do Curso de Turismo da Universidade Anhembi Morumbi¹⁹. Essa preocupação desde o início do curso de turismo surgiu, segundo a entrevistada, com o objetivo de colocar o aluno em contato com questões desafiadoras e problemáticas, que enfrentaria no exercício profissional.

¹⁸ Também com a preocupação de estudar a prática interdisciplinar foi desenvolvida uma dissertação no Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi sobre a pratica em cursos de hotelaria, tomando como objeto de sua observação os Cursos de Hotelaria oferecidos pelo SENAC/SP. (SUGIYAMA, 2005)

19 Ver íntegra da entrevista no Apêndice B.

Era uma tentativa de fazer com que o curso que se iniciava tivesse vínculos com a realidade da prática turística.

Os projetos interdisciplinares podem ser aplicados em todas as áreas de conhecimento. Narrando seu histórico no curso de turismo da Universidade Anhembi Morumbi, a Professora Ms. Gracira Cabrera informa que o mesmo foi oficialmente incorporado ao Projeto Pedagógico, na década de 1980, mais precisamente em 1989, uma vez identificada a necessidade e pertinência de integrar as disciplinas para que os alunos pudessem, através dessa integração, relacionar teoria e prática.

De acordo com a Professora Ms. Gracira Cabrera, os projetos interdisciplinares devem estar relacionados com o Projeto Político Pedagógico do curso em que está inserido, buscando atender aos objetivos desse Projeto que determina o foco do curso e o tipo de egresso que sairá preparado da IES. No caso da Universidade Anhembi, o Projeto Político Pedagógico propõe ao aluno a possibilidade de formação em duas vertentes do turismo: a de planejamento e a de gestão de empresas. Dessa forma, os projetos interdisciplinares devem acompanhar essa realidade, dando ao aluno condições de conhecer e vivenciar as duas possibilidades.

Atualmente, na Universidade Anhembi Morumbi, os projetos interdisciplinares são elaborados de acordo com as disciplinas de cada ano, ou seja, no primeiro ano, por exemplo, os alunos trabalham com as disciplinas básicas e o objetivo principal do projeto é fazer com que os alunos conheçam sua própria cidade (São Paulo), por meio de levantamentos de locais que representem valores e a cultura da cidade. Segundo a Professora Ms. Gracira Cabrera, esses levantamentos proporcionam um envolvimento dos alunos com as disciplinas e com o curso em si. No segundo ano, os alunos já com o conhecimento de realização de pesquisa, criam uma empresa turística fictícia, escolhendo o ramo de atuação, segmentando o mercado e identificando produtos que possam ser comercializados. No ano seguinte, o terceiro, os alunos estudam um município, realizando um inventário turístico completo e, a partir daí, elaboram propostas viáveis para o município estudado, ou seja, propõem um plano de desenvolvimento turístico, englobando não só o município em si, mas também a região em que o mesmo está inserido. No último ano de curso, o projeto interdisciplinar propõe um diagnóstico de uma empresa turística real, em que há o levantamento de todos os

aspectos relacionados não só à parte administrativa, como também aos concorrentes diretos. Os alunos elaboram propostas de melhoria ou de expansão da empresa, criando assim, um plano de negócios para a empresa estudada. Um aspecto interessante da proposta de projetos interdisciplinares da Universidade Anhembi Morumbi é que em todos os anos, os resultados dos trabalhos são apresentados em bancas, com os próprios alunos sendo avaliadores, a partir de uma matriz avaliadora. No quarto ano, quando é elaborado o plano de negócios, um membro da empresa estudada faz parte da banca, mostrando ao aluno a importância do trabalho realizado.

No começo, para os alunos, a realização do projeto interdisciplinar era muito difícil, pois segundo a Professora Ms.Gracira Cabrera, os alunos não entendiam o porquê de se fazer um projeto assim, gerando muitas reclamações. Posteriormente, com o aprimoramento dos projetos, os resultados foram melhores, com alunos mais integrados, compreendendo a importância dos projetos interdisciplinares para a sua formação profissional. Em relação à participação dos docentes, muitos não se adaptam, pois os projetos exigem dinamismo e atualização constante por parte do docente. Outros participam e se integram com os projetos, trazendo contribuições e idéias para a melhoria dos projetos interdisciplinares.

Na Universidade Paulista (UNIP), em 1991, num trabalho conjunto entre as Professoras Dra. Marília Ansarah e Dra. Ada Dencker, foi instituído o Trabalho de Análise Interdisciplinar (TAI), com o objetivo de integrar de forma harmoniosa os diversos conteúdos do curso. Esse trabalho estava previsto no Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino, elaborado pelo Professor Dr. Mario Carlos Beni, e que reproduzia em sua organização os elementos da cadeia produtiva do turismo identificado por Beni no SISTUR e visava à construção de uma formação holística para o entendimento do turismo.

Segundo o relato da Professora Dra. Marília Ansarah²⁰, escolhia-se em reunião pedagógica um tema central e os docentes, a partir do tema central, definiam temas que tivessem pertinência com sua disciplina, sendo que, o resultado final do trabalho seria apresentado para todas as disciplinas. Até 1998, os trabalhos eram desenvolvidos

_

²⁰ Ver íntegra da entrevista no Apêndice C.

da seguinte forma: no primeiro ano, os alunos realizavam pesquisa secundária, a partir da discussão de um texto com os docentes, que orientaria teoricamente sua pesquisa e apresentavam o resultado final oralmente, através de uma apresentação cênica e lúdica. No segundo ano, os alunos faziam um relatório, com fontes primárias e secundárias, aproveitando o conhecimento adquirido em todas as disciplinas. O resultado era apresentado em um *stand* que mostrasse a culinária ou a arte do município estudado ou qualquer outro tema escolhido. No terceiro ano, os alunos realizavam um inventário turístico, gerando o plano de desenvolvimento turístico do município e no quarto ano, um plano de consultoria para empresas, que se tornava o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Atualmente, os alunos do primeiro ano não fazem trabalho e o TAI virou uma disciplina, que está presente no segundo ano. No terceiro e quarto anos, os trabalhos continuam sendo o plano de desenvolvimento turístico e o plano de consultoria, respectivamente.

É interessante observar que enquanto na UAM o tema é definido pela coordenação, com base no Projeto Pedagógico, na UNIP havia maior liberdade na definição do tema que surgia do consenso na reunião de professores.

Para a Professora Dra. Marília Ansarah, é essencial que haja um coordenador do TAI, responsável pelo andamento do projeto. O coordenador do TAI é o docente que centraliza as informações e as distribui para os demais docentes, por meio de um Manual de Explicação do TAI distribuído para cada docente numa Reunião Pedagógica só para discussão do TAI.

Cada docente faz um cronograma e envia ao coordenador. É enfatizada a necessidade de trocas entre os docentes, para que o projeto dê certo. A Professora Dra. Marília Ansarah ressalta a importância em se ter um comando por parte do coordenador de TAI, pois muitos docentes se mostram resistentes, gerando, muitas vezes, falta de comprometimento com o projeto. Como não é possível realizar reuniões periodicamente, os docentes utilizam a *internet* como uma importante ferramenta para que a comunicação entre eles aconteça.

A experiência com o TAI, segundo a Professora Dra. Marília Ansarah tem sido muito proveitosa, especialmente para os alunos, que têm demonstrado amadurecimento ao longo do processo. Antes existia, por parte do alunado, uma

inquietação muito grande quando se falava do TAI. Atualmente, apesar de os alunos entrarem na faculdade com uma imaturidade natural para a faixa etária, a Professora Dra. Marília Ansarah disse estar obtendo bons resultados em relação aos projetos interdisciplinares. Resultado esse, obtido pela metodologia adotada pela instituição, que concentra num professor a coordenação do TAI e trabalha de forma gradual com os alunos, despertando o interesse a cada semestre, mostrando a real importância do projeto e sua aplicabilidade na realidade do aluno.

3.3 – Projetos interdisciplinares sob a visão do docente

Conforme foi relatado na introdução, a idéia dessa pesquisa era observar do ponto de vista do docente, que ingressa em uma instituição, como responsável por uma das disciplinas da grade curricular, como se dava a integração no desenvolvimento do projeto interdisciplinar proposto para o curso de turismo. Para tanto, a pesquisadora utilizou a sua própria prática docente, realizada em duas instituições de ensino da Grande São Paulo, como objeto de pesquisa.

O perfil dessas instituições é bastante diferenciado. A primeira, escolhida para o exercício da observação participante, é um centro universitário que possui várias unidades e que vem apresentando grande crescimento estando entre as 10 instituições que mais cresceram em 2005, segundo dados do INEP publicados na Folha de São Paulo em 22 de janeiro de 2006. A segunda, onde foi realizada a implantação de um projeto de forma experimental é uma Faculdade com uma única unidade e que possui uma sólida tradição enquanto instituição de ensino.

Nos dois casos, a observação foi registrada pela pesquisadora em relatório de campo contendo informações, acontecimentos e situações sobre a vivência da pesquisadora com os projetos interdisciplinares. Esses relatórios permitiram registrar os dados no momento em que ocorriam, ou seja, como a prática era percebida pela pesquisadora antes que a mesma possuísse o conhecimento teórico necessário para efetuar uma reflexão sobre seus significados. Tal procedimento, realizado com a supervisão da orientadora, possibilitou uma análise retrospectiva interessante, não só

do andamento da pesquisa, mas também do crescimento da pesquisadora, na medida em que a mesma passou de um olhar inicial ingênuo (sem a teoria) para um olhar crítico (com a teoria). As sensações e sentimentos expressos inicialmente e devidamente anotados foram o material básico para análise realizada em um segundo momento.

Procurando não restringir a análise apenas ao olhar do professor, foram também analisados os resultados obtidos pela prática interdisciplinar tomando por base material os relatórios dos trabalhos interdisciplinares produzidos pelos alunos, como fonte para ser submetida à análise documental. Uma das questões que inquietava a pesquisadora era saber se os trabalhos elaborados pelos alunos no final do projeto possuíam características que podiam ser consideradas como resultado de uma reflexão interdisciplinar, ou se eram apenas a reunião fragmentada dos diversos conteúdos que compunham a grade curricular. Para fazer essa avaliação a pesquisadora solicitou aos grupos de alunos a entrega de cópias dos relatórios gerais, reservando-se o material para que fosse analisado posteriormente.

Após essa primeira etapa realizada no centro universitário, que denominamos de olhar ingênuo, caracterizado por uma atitude de observação participante em que a pesquisadora não realizou intervenções, mas apenas registrou o ocorrido, passou-se para a segunda etapa realizada na faculdade isolada caracterizada por uma atitude de intervenção, onde com base na experiência anteriormente vivida e em referenciais teóricos estudados, a pesquisadora passou a desenvolver um projeto interdisciplinar por ela proposto, anotando da mesma forma todos os resultados obtidos em relatório de campo. Essa segunda fase procurou desenvolver uma perspectiva crítica por meio da implementação e avaliação da ação com procedimentos que se aproximam das técnicas utilizadas pela pesquisa-ação.

Na primeira situação, em que a pesquisadora atuava como participante, a prática interdisciplinar ocorria com a elaboração de um projeto interdisciplinar para todos os semestres do curso de turismo, com exceção do último, em que os discentes deveriam pesquisar elementos propostos, com uma temática em comum entre as diferentes disciplinas do semestre. Assim, os discentes teriam de fazer as possíveis conexões entre o que foi estudado em sala de aula, em cada disciplina e construir um trabalho

que contemplasse, não de forma fragmentada, o conhecimento e a vivência adquiridos na realização da pesquisa. Em teoria, a idéia do projeto interdisciplinar era essa.

Como já relatado a pesquisadora, então, solicitou aos seus discentes, do primeiro semestre de 2004, que entregassem cópia dos projetos interdisciplinares completos para que fossem avaliados, com intuito de verificar se, de fato, a interdisciplinaridade estava ocorrendo. Para efetuar a avaliação pretendida foi formulado um instrumento metodológico, em conjunto com a orientadora, denominado matriz de avaliação (Apêndice D). A idéia era avaliar de forma isenta e impessoal os resultado mediante a observação das seguintes questões, consideradas fundamentais para que a análise tivesse características de uma abordagem interdisciplinar:

1. Pode-se identificar interdisciplinaridade nos trabalhos?

Essa questão era avaliada em função da própria estruturação do trabalho, considerando fragmentados aqueles que se apresentavam divididos em capítulos que não possuíam relação entre si, correspondendo a uma junção dos trabalhos individuais realizados em cada disciplina.

2. As disciplinas de fato se integram?

Para isso os trabalhos foram submetidos a leitura pela pesquisadora que procurou identificar no conteúdo se os alunos relacionavam os referenciais das disciplinas nos relatórios, mesmo quando a divisão em capítulos se mostrava presente.

3. Os alunos demonstraram entendimento da interdisciplinaridade?

Para a análise dessa questão a pesquisadora considerou o conteúdo da introdução e da conclusão de cada trabalho verificando se os alunos expressavam de forma coerente a finalidade pretendida utilizando todas as informações das diferentes disciplinas nas reflexões finais.

4. Os trabalhos se apresentam fragmentados?

Essa avaliação foi realizada em função da continuidade e coerência do texto. A idéia era avaliar a argumentação e o envolvimento das idéias de forma articulada.

5. Os trabalhos atingiram aos objetivos propostos pelo projeto?

Essa questão foi avaliada confrontando os relatórios com os objetivos do projeto interdisciplinar obtido junto à coordenação do curso.

6. De fato, a proposta apresentada aos alunos é interdisciplinar?

Essa questão procurou avaliar se o projeto proposto pelos professores para as diferentes disciplinas realmente permitia uma reflexão interdisciplinar ou se a própria proposta conduzia a fragmentação.

Para cada uma das questões foi estabelecida uma escala de 3 itens, a saber:

SIM – Quando a avaliação demonstrava a existência da interdisciplinaridade dentro dos padrões estabelecidos.

PARCIALMENTE – Quando existiam algumas deficiências, não contemplando todos os objetivos da interdisciplinaridade;

NÃO – Quando não eram contemplados os objetivos da interdisciplinaridade.

Essa matriz de avaliação deu à pesquisadora condição de iniciar uma discussão mais profunda do conceito de interdisciplinaridade que vem sendo trabalhado na instituição e, conseqüentemente, auxiliar na fase seguinte da pesquisa, a de elaboração e aplicação de um projeto interdisciplinar na outra instituição estudada. Os resultados dessa avaliação se encontram no apêndice E.

A análise e avaliação desses projetos foram essenciais para que a pesquisadora não se perdesse entre o que a teoria diz e o que a prática mostra. O estabelecimento da matriz permitiu uma relativa objetividade necessária para a sistematização dos resultados. Muitas vezes, os relatos dos docentes não estão de acordo com os resultados expressos nos trabalhos dos alunos. A matriz procurou considerar assim questões mais abrangentes que ultrapassam a competência dos alunos e a própria esfera de poder de decisão do professor, como é o caso dos itens 5 e 6 da matriz que focam um processo maior, que engloba elementos de toda a instituição, desde a direção até os docentes.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, em que os projetos interdisciplinares são analisados por uma matriz de avaliação, não há intenção de mostrar dados numéricos nem de estabelecer categorias de bons ou maus projetos, mas sim de investigar até que ponto a interdisciplinaridade vem sendo de fato trabalhada como uma categoria de ação, que busca um equilíbrio entre elementos gerais e específicos, uma nova forma de enxergar e pensar a realidade, mostrando respostas mais adequadas para as situações que se apresentam.

3.3.1 – Resultados da pesquisa

Na primeira instituição foram analisados os relatórios elaborados por alunos dos primeiro e sétimo semestres, tendo sido obtido os totais de 13 relatórios do primeiro semestre e 10 relatórios do sétimo semestres. Embora a entrega do relatório tenha sido opcional, pois a pesquisadora não podia exigir a entrega dos mesmos por via institucional uma vez que não era a coordenadora do projeto, todos os grupos entregaram uma cópia, cientes de que seriam submetidos a uma avaliação para a pesquisa.

No primeiro semestre, o objetivo geral do projeto interdisciplinar era fazer com que os alunos investigassem um destino turístico, por eles escolhido, próximo à cidade de São Paulo. Essa investigação, através da identificação dos atrativos turísticos, deveria conter elementos das disciplinas estudadas no semestre em curso e uma análise interdisciplinar dos resultados obtidos, fundamentada na teoria estudada.

Para que o objetivo fosse alcançado, cada docente apresentaria os objetivos específicos de sua disciplina, bem como, a integração esperada com as outras disciplinas.

No caso da pesquisadora, isso de fato não ocorreu, pois a mesma entrou em sala de aula quando o semestre já havia iniciado e, portanto, não foi possível sequer conversar com outros docentes sobre a proposta do projeto. De qualquer modo, foi passado o objetivo específico da disciplina. Cabe ressaltar, que nesse momento, tanto a pesquisadora quanto os alunos estavam passando pelo mesmo processo, pois o projeto era novidade para ambos. A pesquisadora buscou junto à coordenação de curso informações sobre o projeto, porém não obteve retorno.

Como procedimento de pesquisa, sempre que a pesquisadora tinha uma dúvida encaminhava a pergunta por meio de e-mail para a coordenação. Após um certo tempo sem resposta a pergunta era novamente encaminhada. Esse procedimento permitiu observar que o professor não tinha acesso à coordenação uma vez que nenhum dos e-mails foi respondido. As informações sobre o projeto foram obtidas pela pesquisadora junto aos colegas professores, portanto mediante ao uso de uma rede informal de

comunicação. Pode-se inferir dessa experiência que o aprendizado do docente se faz de forma improvisada, sem treinamento, podendo comprometer os resultados.

Confrontando o que foi solicitado aos alunos e que constava do projeto, com os relatórios obtidos pela pesquisadora, mediante o uso da matriz de avaliação observa-se que os resultados obtidos pelos trabalhos não foram satisfatórios, ainda que se leve em conta o fato de se tratar do primeiro semestre, uma fase de adaptação do aluno à vida acadêmica, os resultados ficaram muito aquém do esperado. É importante lembrar que a pesquisadora chegou a essa avaliação comparando com os resultados que presenciou nas outras instituições que pesquisou e nas quais não atuava como professora.

Avaliados pela matriz, os relatórios elaborados pelos alunos se apresentaram de forma fragmentada, cada disciplina vinha separada da outra, sem a devida análise de integração das mesmas. Por diversas vezes, informações comuns a duas ou mais disciplinas eram repetidas no texto, mostrando que os alunos não tiveram condições de fazer um texto único e coerente que mostrasse, ao mesmo tempo, o objetivo específico de cada disciplina e o objetivo geral do projeto. Provavelmente essa fragmentação tem origem nos procedimentos adotados para orientação dos professores.

É interessante que, se considerarmos apenas o documento da proposta do projeto interdisciplinar, pode-se dizer que o mesmo apresentava características interdisciplinares, pois propunha aos alunos, a possibilidade de integração entre os objetivos específicos de cada disciplina. Analisando a grade curricular, percebe-se que as disciplinas deveriam se integrar, porém, o que possivelmente faltou, foi uma familiarização dos docentes com o projeto interdisciplinar, principalmente dos que, como a pesquisadora, entraram em sala de aula com o curso já em andamento e não obtiveram nenhum respaldo da coordenação de curso. Percebe-se assim, que a integração apenas entre os docentes não é suficiente para promover a integração do projeto, mesmo porque sem o respaldo da instituição é muito difícil que todos os docentes encontrem um horário comum que permita desenvolver relações e atividades comuns. O que ocorre é que o docente apenas conhece os docentes que comparecem à instituição nos mesmos dias e horários, não se relacionando com o total do grupo.

Já para o sétimo semestre, o objetivo geral do projeto interdisciplinar exigia um pouco mais de aprofundamento e complexidade dos alunos, pois propunha aos alunos a realização de um diagnóstico do destino turístico escolhido no semestre anterior.

O procedimento foi o mesmo adotado para o primeiro semestre: os docentes passaram aos alunos os objetivos específicos de cada disciplina, segundo o projeto recebido da coordenação. Novamente, ressalta-se que no caso da pesquisadora o semestre já estava em andamento, portanto o processo foi comprometido pelo não esclarecimento de todas as informações ligadas à idealização e realização do projeto interdisciplinar.

É importante ressaltar que, pela grade curricular do curso, esse semestre é o que aparentemente mais condição tinha para promover uma pesquisa interdisciplinar, no Projeto Pedagógico analisado pela pesquisadora percebe-se que quem elaborou o projeto procurou reunir disciplinas e definir conteúdos que se integravam entre si, pois eram disciplinas específicas do curso de turismo e uma complementava a outra na realização do projeto interdisciplinar. Na prática, porém os conteúdos definidos pelo projeto não aconteciam da forma prevista desenvolvendo toda a potencialidade do interdisciplinar, causando alguma fragmentação.

Aplicando-se a matriz de avaliação, pode-se dizer que os resultados obtidos foram satisfatórios, pois alguns relatórios apresentaram-se bem completos, com entendimento dos alunos quanto à interdisciplinaridade. Outros, em menor número, apresentaram-se com falhas em relação à compreensão dos objetivos geral e específico do projeto. Isso revela em parte que existe um aprendizado do aluno em relação a própria dinâmica do projeto o que pode gerar resultados mais satisfatórios do que os observados no primeiro semestre.

Pela proximidade da conclusão do curso, no sétimo semestre é exigido um aprofundamento maior em relação aos objetivos, não só do semestre em andamento, mas do curso todo, pois, no caso dessa instituição, o projeto do sétimo semestre é o que fecha o curso e, muitas vezes, pode virar um TCC.

Sendo assim, exige-se dos alunos, que o projeto tenha coerência e consiga de fato caracterizar a interdisciplinaridade. Isso foi identificado na maioria dos trabalhos. Os alunos compreenderam o objetivo geral e souberam fazer um projeto quase

interdisciplinar. Quase, porque para a interdisciplinaridade acontecer, precisa se caracterizar como uma categoria de ação, ou seja, os alunos não precisam apenas compreender, mas também ser capaz de mobilizar todo o conteúdo aprendido quando é instado a resolver problemas de natureza prática.

Na segunda instituição, a pesquisa se caracterizou pela tentativa de elaboração e implantação de um projeto interdisciplinar no segundo semestre do ano de 2004. Os cursos pesquisados possuem características diferenciadas, na primeira instituição, o curso é semestral, na segunda é anual. Um fator interveniente que deve ser considerado na avaliação dos dados é que o público das duas instituições é bastante diferenciado em função da diferença de localização. Enquanto no centro universitário o público é a classe média urbana da cidade de São Paulo, na segunda instituição o público é constituído pela classe média de uma cidade do perímetro industrial próximo à capital. Embora esse elemento isoladamente não devesse intervir no exercício da interdisciplinaridade, a pesquisadora observou que a própria percepção do turismo nos alunos que pertencem ao contexto urbano de São Paulo é mais desenvolvida face a familiaridade com o setor de serviços o que não ocorre em um contexto onde o setor industrial predomina.

A implantação de um projeto interdisciplinar na instituição já havia sido tentada, porém não foi levada adiante. A idéia da pesquisadora foi a de readaptar o projeto existente e tentar aplicá-lo, levando-se em consideração as observações anotadas no primeiro semestre com a primeira instituição.

O projeto integrava três disciplinas do segundo ano do curso de turismo. Os docentes não conversaram pessoalmente, por não ter havido tempo suficiente antes do início do semestre. Toda comunicação foi feita através de *e.mails*. Dessa forma, entende-se que já houve uma situação não favorável à implantação do projeto, pois a comunicação se deu de forma impessoal.

Mesmo assim, o projeto interdisciplinar foi solicitado aos alunos pelos docentes responsáveis, no caso, a pesquisadora e mais dois professores. O objetivo geral do projeto era o de se trabalhar com o SISTUR – Sistema de Turismo em um Estado Brasileiro. Os objetivos específicos de cada disciplina foram apresentados aos alunos pelos respectivos docentes.

Na entrega dos relatórios, ficou evidente que docentes e alunos não entenderam o projeto, pois o texto foi entregue fragmentado em disciplinas e um dos professores nem chegou a recolher o relatório dos alunos, justificando que não valia nota alguma.

Alguns grupos chegaram próximos ao objetivo proposto, mas outros não souberam organizar um texto coerente com o que foi solicitado. A atuação da pesquisadora se deu na medida em que alguns grupos foram tirar dúvidas em relação ao projeto, questionando objetivos, na tentativa de fazer um trabalho completo. Além dessa atuação junto aos alunos, a pesquisadora tentou conversar com os demais professores, mas não conseguiu obter resultados positivos.

Apesar de não ter obtido os resultados esperados pela pesquisadora, a experiência foi válida, pois a pesquisadora pôde avaliar na prática, que a teoria que vinha estudando durante o Programa de Mestrado não era tão simples em sua aplicação envolvendo uma complexidade que não pode ser superada por meio da implementação de projetos ocasionais, sem que professores, alunos e coordenação passem por uma fase de aprendizagem da própria dinâmica envolvida e suas interfaces com as demais exigências da vida acadêmica. É importante ressaltar que, na teoria a proposta da interdisciplinaridade é viável, mas na prática encontra sérios obstáculos de realização na medida em que se depara com problemas que estão além de quem coordena o projeto. São problemas de ordem, muitas vezes, subjetiva, como a integração entre todos os atores envolvidos: docentes, alunos e coordenação.

3.4 Discussão dos resultados

Na metodologia de projetos interdisciplinares, proposta por Espitia [et al.] (2002), apresentada no item 3.1 pode-se perceber que em termos pedagógicos ideais a implantação de um projeto interdisciplinar envolve um processo longo e trabalhoso, que passa por diversas fases, que na realidade de uma instituição nem sempre são possíveis de serem realizadas. A experiência relatada por Dencker (2002) abrange um período de seis anos nos quais a autora identifica três fases da implantação até a consolidação do projeto.

No caso da implantação do projeto na segunda instituição, a pesquisadora tentou seguir parte dessa metodologia em seis meses²¹ mas sem muito sucesso, devido principalmente ao fato de que o docente permanece pouco tempo na instituição para poder se integrar como desejado. Aliás, esse é um dos problemas enfrentados quando se discute a implantação de projetos, sejam interdisciplinares ou não, em uma IES, pois a maioria dos docentes é horista, gerando assim, um certo distanciamento, devido a pouca permanência na IES.

Porém, aqui cabe uma discussão sobre o papel do docente. Vasconcellos (2001) nos diz que sempre que se fala na questão pedagógica, coloca-se que há a necessidade de mudança de mentalidade por parte do docente, o que é certo, mas que isso é sempre apresentado como a grande saída, todavia não é questionada como essa mudança se dará, parecendo sempre simples e fácil, como se num passe de mágica, o docente enxergaria essa nova realidade. "Sabemos que a mudança de mentalidade não se dá pelo simples acesso a novas idéias; exige certas bases objetivas para que possa ocorrer (estruturas, formas de organização, recursos etc), caso contrário, ele fica com a concepção que tinha antes, por não ter como enraizar a nova a que teve acesso". (VASCONCELLOS, 2001, p. 87).

Não menos importante é questão do ambiente em que esse docente atua. Segundo Baptista (2002):

Definindo hospitalidade como um modo privilegiado de relação humana, marcado pela abertura à alteridade, sobretudo aquela que nos é trazida por outra pessoa, advogamos como responsabilidade ética a tarefa de procurar fazer da escola um lugar de relação, de contacto, de diálogo e de sensibilidade. (BAPTISTA, 2002, p. 6)

O ambiente pode favorecer ou não a mudança de mentalidade proposta por Vasconcellos, uma vez que sabendo a maneira de agir e de atuar na instituição, o professor terá mais facilidade para lhe dar com as condições objetivas propostas pela IES. "Quando nos dispomos a receber alguém, fazemo-lo com o máximo de cortesia,

²¹ Cabe aqui ressaltar que o prazo para desenvolver a pesquisa no mestrado é bastante reduzido em função da exigência da CAPES de que o mesmo deve ser realizado em 24 meses. Cabe aqui uma reflexão se esse não é um fator que poderá vir a repercutir negativamente nas atividades de pesquisa no futuro.

sem desrespeitar a sua condição de outro." (BAPTISTA, 2002, p.6). Dessa forma, ao ingressar em uma IES, o professor deve ter contato com a realidade da instituição, sendo apresentado às normas de conduta e às regras pedagógicas propostas, a fim de que seja criado um ambiente favorável, principalmente às possíveis trocas decorrentes da convivência entre os envolvidos. A partir do momento que sabemos como agir e interagir, a atividade docente se torna mais propícia à prática da interdisciplinaridade.

As condições objetivas colocadas para o ensino em uma sociedade em que a velocidade da mudança e da informação faz com que o tempo seja cada vez mais curto, não permite que docentes, discentes e instituições tenham o amadurecimento necessário para executar idéias e propostas mesmo que importantes e necessárias. Pensar e agir em tempo real absorvendo a mudança é o que precisamos aprender para superar as dificuldades atuais. Infelizmente parece que as condições objetivas se tornam a cada dia, mais adversas, impedindo que os professores e alunos possam interagir de forma produtiva no processo pedagógico.

Embora a interdisciplinaridade seja fundamental para a atuação em um mundo cada dia mais complexo as novas propostas surgem impulsionadas por forças condicionadas pelo jogo do mercado valorizando modismos e falsas inovações em detrimento de ações pedagógicas sólidas que precisam de tempo para atingir a necessária maturação. Atualmente, a interdisciplinaridade por gerar discussões, para muitas IES virou modismo. Deve ser aplicada, não importando como.

Como se adaptam os docentes a essa realidade? Será que estão preparados para praticar a interdisciplinaridade? Será que são dadas condições para que a interdisciplinaridade ocorra?

A pesquisa realizada permitiu perceber que independente da boa vontade do professor, essa adaptação não é fácil. Na metodologia de projeto interdisciplinar apresentada por Espitia [et al.] vemos como é complexo e lento esse processo. Exige tempo, discussões, amadurecimento para então se chegar a um projeto que seja adequado. Mas nem sempre a IES tem disposição para seguir o processo, pois são muitas as pressões econômicas que interferem nesse processo, como por exemplo podemos citar a questão da remuneração do professor para que participe de reuniões

docentes, encontros, ou se ausente para participar de congressos e trocar experiências com seus pares de outras instituições.

Da maneira como vem sendo trabalhada em algumas instituições de ensino, pelo menos, no caso das observadas nessa pesquisa, o docente dificilmente irá se dedicar e incorporar os princípios da prática interdisciplinar, por falta de condições objetivas mínimas que dizem respeito à satisfação de suas necessidades básicas enquanto trabalhador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito dessa dissertação era observar e refletir sobre como a interdisciplinaridade vem sendo trabalhada nas IES da Grande São Paulo tendo o docente como preocupação principal. Para isso, foram escolhidas para a pesquisa de campo duas IES, em que a pesquisadora atuava como docente, procurando avaliar essa experiência frente a referenciais teóricos e pesquisa por meio de entrevistas realizadas em outras instituições.

Acredita-se que as experiências aqui relatadas, ao mesmo tempo em que refletem a atuação da pesquisadora, também refletem a realidade de tantos outros docentes, que são contratados para atuar em IES na Região Metropolitana de São Paulo, e que não passam por nenhuma integração com a IES, com outros docentes, com os alunos e, principalmente, com os Projetos Políticos Pedagógicos da mesma, os quais muitas vezes formulam propostas de interdisciplinaridade, mas não tem claramente definidos seus conceitos e aplicações. E, provavelmente, se a interdisciplinaridade não estivesse mencionada nas Diretrizes Curriculares nem mesmo faria parte do Projeto Pedagógico de determinadas instituições.

Entender a interdisciplinaridade como sendo principalmente uma categoria de ação foi o maior desafio enfrentado pela pesquisadora que em um primeiro momento supunha, assim como a maioria dos alunos, que a mesma se referia a uma simples conexão de conteúdos. Atuar como docente e conseguir que o aluno aprenda a mobilizar todos os seus conhecimentos de forma integrada quando da resolução de um problema prático torna-se complicado quando as avaliações são fragmentadas por disciplina, somando-se a isso o desconhecimento do conteúdo trabalhado pelos demais colegas docentes além de não ter acesso ao Projeto Pedagógico.

Pela pesquisa aqui apresentada, pode-se concluir que as hipóteses levantadas foram de fato confirmadas, pelo menos nos casos nos quais a pesquisa de campo foi realizada, pois os projetos interdisciplinares observados foram sim tratados de forma fragmentada nesses cursos de turismo analisados, gerando na melhor das hipóteses uma abordagem multidisciplinar e não uma ação interdisciplinar. Além disso, os corpos

docentes dos cursos de turismo das instituições analisadas não trabalham as possibilidades pedagógicas das práticas interdisciplinares, conforme as bases conceituais que fundamentam essas práticas. Não por desconhecimento ou por falta de comprometimento, mas sim, porque essa idéia fragmentada já vem da própria IES, através de seus diretores e coordenadores, que aparentemente não sabem de fato o que é e como trabalhar com a interdisciplinaridade, não criando as condições necessárias para que a mesma aconteça. Embora esses resultados não possam ser generalizados, é importante lembrar que uma das instituições pesquisadas está entre as que mais crescem em São Paulo em número de alunos, principalmente em função do baixo preço das mensalidades, em um evidente processo de sucateamento da educação superior.

Essas condições observadas permitiram perceber que o ambiente nessas instituições de ensino é inóspito, não existindo regras mínimas de hospitalidade que sejam observadas quando do ingresso do docente. O docente ingressa na instituição, mas não passa por um ritual de entrada, em que as regras e normas da instituição são ditas, explicadas, negociadas e aceitas. Na verdade, o docente não é "apresentado" e incorporado à realidade da instituição, não conhecendo como ela é organizada e estruturada, mantendo-se estranho mesmo depois de um ano de atuação.

Observa-se que muitas vezes, a coordenação de curso, responsável por essa tarefa, parece acreditar que o docente, pelo fato de participar de uma reunião, já está integrado com todo o processo. Porém, como foi observado na pesquisa, isso não reflete a realidade acadêmica. Os docentes são "jogados" na IES e tem de buscar meios para sua adaptação ao que lhe é apresentado, e quando não consegue, isso é interpretado como falta de comprometimento com a atividade docente. Sem dúvida existe aqui uma interferência na observação pela forma como ela foi realizada pela pesquisadora. Possivelmente, face a realidade institucional na qual estão inseridos é provável que os coordenadores também não possuam a autonomia que os docentes acreditam que eles devam ter. Para entender melhor essas questões, seria necessária uma outra pesquisa que avaliasse as formas de organização, direitos, deveres, responsabilidades de todos os envolvidos. Trata-se, portanto de uma visão parcial e a pesquisadora está ciente desse fato.

A pesquisadora observou que de fato existem docentes que não se comprometem com a instituição, mas talvez isso seja conseqüência da interferência de outros fatores como é o caso da forma de contratação que, na maioria das vezes, se dá por hora aula, sendo que é comum que o docente vá a IES apenas uma vez por semana e, de fato, não tem vontade ou não quer participar efetivamente da elaboração e formatação de um projeto interdisciplinar, até porque, ele não é remunerado para isso. Qualquer reunião ou encontro é por conta de sua boa vontade, pois as IES se preocupam com o reconhecimento dos cursos, mas não investem na qualificação de seus docentes para que isso ocorra. A realidade é que existe aqui um fator humano referente ao professor/ horista que se relaciona com a instabilidade profissional vivida. A cada semestre não se sabe a carga horária, o número de alunos e conseqüentemente os docentes não sabem qual será sua renda. Tentando contornar esse problema muitos assumem disciplinas para as quais não estão preparados. Isso prejudica o aprendizado do docente e se reflete no aluno e na qualidade do ensino comprometendo o Projeto Pedagógico.

Outra questão que deve ser também considerada é a própria multidisciplinaridade constitutiva do turismo que contribui para a fragmentação. Como citado na dissertação, o curso de turismo utiliza várias ciências para favorecer a sua compreensão e, portanto, necessita de docentes para que essas ciências sejam transmitidas aos alunos. E aí, surge outro problema: muitos docentes não têm experiência, ou disponibilidade, para adaptar essas ciências para a atividade turística. Então, como será possível que esse docente, que não está familiarizado com a realidade do turismo, entenda um projeto interdisciplinar no curso de turismo?

A partir da pesquisa realizada, principalmente na primeira instituição analisada, pode-se perceber que essa é uma realidade freqüente. Muitos dos docentes que deveriam solicitar aos alunos o projeto interdisciplinar, não sabiam o que pedir. Em algumas situações foi possível identificar que eram solicitadas aos alunos questões que eram apenas relacionadas à disciplina, não ao curso. Percebe-se, dessa forma, que faltou um acompanhamento pedagógico para verificar o que de fato estava acontecendo.

Essa vivência por parte da pesquisadora mostrou que nas reuniões pedagógicas, quando se falava do projeto interdisciplinar, não eram levantados pontos fortes e fracos, muito menos dado um auxílio aos docentes que tiveram dificuldades em realizar o projeto. E o projeto continuava do mesmo jeito, sendo reaproveitado para os semestres seguintes.

Na segunda instituição, em que a pesquisadora atuou como coordenadora do projeto interdisciplinar, a realidade não foi tão diferente, pois os docentes envolvidos manifestaram-se de duas formas: o que era bacharel em turismo entendeu a concepção do projeto e solicitou aos alunos o que foi sugerido e acompanhou o resultado parcialmente, o outro docente, vindo de outra área de conhecimento achou o projeto interessante, solicitou aos alunos o que foi sugerido, mas não acompanhou o resultado. Sendo assim, embora a situação não tenha gerado o resultado esperado pela pesquisadora, o fato é que o docente de outra área realmente não compreendeu o porquê de se fazer o projeto. Ele até participou, mas não conseguiu visualizar os resultados possíveis.

Outra questão relevante é que também os bacharéis em turismo muitas vezes não estão aptos a desenvolver um projeto interdisciplinar de forma adequada, basta ver o caso da pesquisadora que encontrou uma série de dificuldades aqui discutidas. Talvez o bacharel em turismo, por ter feito o curso de turismo, tenha mais proximidade com as disciplinas do curso e daí, decorra um melhor entendimento para trabalhar com elas. Mas isso não é fato comprovado, pois nas instituições analisadas os dois tipos de docentes estavam presentes e os resultados não foram satisfatórios como poderiam ser. Cabe aqui observar a postura adotada pela Professora Dra. Marília Ansarah, como Assessora Pedagógica da UNIP, que solicita aos professores do curso de turismo leituras de livros da área, caminhando para um treinamento do seu corpo docente.

Por meio da associação entre o referencial teórico e pesquisa de campo, foi possível verificar que ainda estamos distantes de uma prática efetivamente interdisciplinar, não só pelos problemas acima descritos, mas também pela falta de conhecimento, por parte de nossos órgãos reguladores da educação, do que é interdisciplinaridade. Exige-se que ela faça parte do Projeto Político Pedagógico, mas não se explica como ela deve estar presente, nem verifica quando da autorização e

recredenciamento dos cursos se existe condições efetivas para a sua ocorrência, dando margem a que instituições sem comprometimento com uma formação de qualidade se apropriem dessa "novidade", inspirados nas propostas pedagógicas das instituições que possuem maior tradição e a usem como ferramenta de captação de ingressos, mostrando-a com um diferencial.

Outra constatação permitida por essa dissertação foi a de verificar que nossos alunos são, muitas vezes, tratados com descaso pelas instituições, que esquecem que eles também fazem parte dessa engrenagem, chamada educação. Por diversas situações, percebe-se que os alunos são vistos como apenas mais uma fonte de entrada de dinheiro para a instituição. Porém, quando os órgãos reguladores e fiscalizadores vêm fazer a vistoria, aí sim, os alunos são importantes, são ouvidos, numa grande encenação.

Essa dissertação pretende com esse relato, contribuir para futuros estudos acerca da interdisciplinaridade, não só nos cursos de turismo, mas de uma forma geral, pois se acredita que as dificuldades descritas não são exclusivas do curso de turismo, mas podem representar a realidade de outros cursos. Além disso, ela não se encerra aqui. Acredita-se que muitas questões aqui levantadas são passíveis de novas análises e, conseqüentemente, novos resultados aparecerão, refletindo, quem sabe mudanças no que foi tristemente constatado por esse estudo, que os docentes estão sendo largados à própria sorte e ainda devem ter um bom desempenho na atividade acadêmica.

Outra contribuição que julgamos relevante foi que a pesquisa realizada em outras instituições e complementada por leitura do material já existente de outros pesquisadores que estudaram o ensino de turismo no Brasil, permitiu esboçar um histórico de como a interdisciplinaridade foi implementada nos cursos de turismo a partir do efeito demonstração do modelo pioneiro do primeiro curso oferecido pela Faculdade de Turismo do Morumbi na década de 1970. A falta desse relato foi uma das dificuldades que a pesquisadora encontrou e que acredita ter contribuído para sua superação.

A grande limitação da pesquisa foi a falta de tempo hábil para a formação de uma referência teórica sólida, com base na reflexão conceitual, para posterior pesquisa

de campo por um período suficientemente representativo. Na realidade, nos vinte e quatro meses de realização do mestrado o que essa dissertação representa é um retrato, uma espécie de instantâneo, que espera-se possa vir a gerar uma pesquisa mais madura em um curso posterior, onde as próprias entrevistas aqui transcritas talvez possam ser melhor aproveitadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSARAH, Marília G. R. Formação e Capacitação do profissional em Turismo e Hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002. – (Série turismo)

BAPTISTA, Isabel. A Escola como lugar de hospitalidade. Jornal A Página da Educação, ano 11, nº 112, Maio 2002.

BELLONI, Isaura. **A educação superior na nova LDB.** In: BRZEZINSKI, Iria (org.). LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação** — Parecer CNE/CES nº 146, aprovado em 03 de abril de 2002. http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/14602.pdf

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.** http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf

COOPER, Chris; SHEPHERD, Rebecca & WESTLAKE, John. **Educando os educadores em turismo –** Manual de educação em turismo e hospitalidade. Trad. Rosemary Neves de Sales Dias *et all.* São Paulo: Roca, 2001. – (Coleção de Treinamento e Educação em Turismo da Organização Mundial de Turismo).

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior.** Uma experiência no curso de turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo**: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

ESPITIA, Joselín. (org.) **Educación media interdisciplinaria:** CEPAN: um modelo innovador de preparatoria. México: Trillas: ITESM, 2002.

ETGES, Norberto J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, Ari Paulo & BIANCHETTI, Lucídio. (orgs.) Interdisciplinaridade. Para além da filosofia do sujeito. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade:** história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

FERREIRA, Liciane Rosseto. **Escola do Turismo:** o papel do educador. In: Turismo – Visão e Ação, vol. 5, n. 2, maio/ agosto, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais . In: JANTSCH, Ari Paulo & BIANCHETTI, Lucídio. (orgs.) Interdisciplinaridade. Para além da filosofia do sujeito. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GAETA, Maria Cecília Damas. Diagnóstico da atuação docente dos professores universitários em turismo/ hotelaria: uma perspectiva de otimização. São Paulo: PUC-SP, 2001 (Dissertação de Mestrado).

GENRO, Tarso. Reforma urgente. Jornal O Globo. Publicado em 21/12/2004.

LAHR, Maria Cristina Rocco. O profissional da hotelaria: um estudo exploratório de sua formação. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2004. (Dissertação de Mestrado).

LEMOS, Ângela D. A sociedade, as teorias educacionais, o ensino, do turismo e o papel do bacharel em turismo. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre & MACIEL, Lizete S. B. (orgs.). Currículo e formação profissional nos cursos de turismo. Campinas: Papirus, 2002.

MATIAS, Marlene. **Turismo – Formação e profissionalização 30 anos de história.** São Paulo: Manole, 2002.

MONTSERRAT FILHO, José. Começa o embate entre interesses públicos e privados na educação. Jornal da Ciência da SBPC. Publicado em 04/02/2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PERRENOUD, Philippe. Construindo competências. In: Revista Nova Escola, São Paulo: Ed. Abril, nº 135/ Setembro 2000.

RIOS, Terezinha. **Compreender e ensinar:** por uma docência da melhor qualidade. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, Gabriel Mário. **Se não foi primeira, não foi a segunda:** o desafio de implantar a Faculdade de Turismo do Morumbi no início dos anos 70. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

SHIGUNOV NETO, Alexandre & MACIEL, Lizete S. B. (orgs.). **Currículo e formação profissional nos cursos de turismo.** Campinas: Papirus, 2002.

SUGIYAMA, Maristela de Souza Goto. Formação interdisciplinar em hotelaria: a experiência do SENAC-SP. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2005 (Dissertação de Mestrado).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. Campinas: Papirus, 1998.

VASCONCELLOS, Celso. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 8 ed. São Paulo: Libertad, 2001. (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad; v. 1)

VASCONCELOS, Eduardo. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar:** epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem & DIMENSTEIN, Gilberto. **Fomos maus alunos.** 5ed. Campinas: Papirus, 2003.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

_____. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 1999.

ANSARAH, Marília G. R. Formação e Capacitação do profissional em Turismo e Hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002. — (Série turismo)

_____. (org.). **Turismo, como aprender como ensinar.** São Paulo: Senac, v.2, 2001.

BAPTISTA, Isabel. A Escola como lugar de hospitalidade. Jornal A Página da Educação, ano 11, nº 112, Maio 2002.

BELLONI, Isaura. **A educação superior na nova LDB.** In: BRZEZINSKI, Iria (org.). LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação** – Parecer CNE/CES nº 146, aprovado em 03 de abril de 2002. http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/14602.pdf

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.** http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf

BUENO, Marielys & DENCKER, Ada de Freitas Maneti. (orgs.) **Hospitalidade:** Cenários e Oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CHANLAT, Jean-François. **O indivíduo na organização.** Tradução de Aracy Martins Rodrigues. Revisão de Ofélia de Lanna Sette Torres. São Paulo, Atlas: vol 1,1994. Vol. 3, 1996.

COOPER, Chris; SHEPHERD, Rebecca & WESTLAKE, John. **Educando os educadores em turismo** – Manual de educação em turismo e hospitalidade. Trad. Rosemary Neves de Sales Dias *et all.* São Paulo: Roca, 2001. – (Coleção de Treinamento e Educação em Turismo da Organização Mundial de Turismo).

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior.** Uma experiência no curso de turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

_____. A pesquisa e a interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo. São Paulo: ECA-USP, 2000. (Tese de Doutorado).

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo**: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, Célia Maria M. (org.) **Hospitalidade:** Reflexões e Perspectivas. São Paulo: Manole, 2003.

ESPITIA, Joselín. (org.) **Educación media interdisciplinaria:** CEPAN: um modelo innovador de preparatoria. México: Trillas: ITESM, 2002.

ETGES, Norberto J. **Ciência, interdisciplinaridade e educação**. In: JANTSCH, Ari Paulo & BIANCHETTI, Lucídio. (orgs.) Interdisciplinaridade. Para além da filosofia do sujeito. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade:** história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

_____. (org.). **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas: Papirus, 1999. (Coleção Práxis).

FERREIRA, Liciane Rosseto. **Escola do Turismo:** o papel do educador. In: Turismo – Visão e Ação, vol. 5, n. 2, maio/ agosto, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais . In: JANTSCH, Ari Paulo & BIANCHETTI, Lucídio. (orgs.) Interdisciplinaridade. Para além da filosofia do sujeito. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GAETA, Maria Cecília Damas. Diagnóstico da atuação docente dos professores universitários em turismo/ hotelaria: uma perspectiva de otimização. São Paulo: PUC-SP, 2001 (Dissertação de Mestrado).

GOULART, Íris Barbosa. **Piaget – experiências básicas para utilização pelo professor**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAHR, Maria Cristina Rocco. O profissional da hotelaria: um estudo exploratório de sua formação. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2004. (Dissertação de Mestrado).

LASHLEY, Conrad & MORRISON, Alison (orgs.). **Em busca da hospitalidade**. Tradução de Carlos David Szlak. Barueri, SP: Manole. 2004.

LEMOS, Ângela D. A sociedade, as teorias educacionais, o ensino, do turismo e o papel do bacharel em turismo. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre & MACIEL, Lizete S. B. (orgs.). Currículo e formação profissional nos cursos de turismo. Campinas: Papirus, 2002.

LIBANEO, José Carlos; OLIVEIRA, João & TOSCHI, Mirza. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Docência em formação).

MASETTO, Marcos (org.). **Docência na Universidade.** Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Práxis).

_____. Competência pedagógica do professor universitário. São Paulo: Summus, 2003.

MATIAS, Marlene. **Turismo – Formação e profissionalização 30 anos de história.** São Paulo: Manole, 2002.

MOESCH, Marutschka Martini. A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky.** São Paulo: Summus, 2001.

PERRENOUD, Philippe. Construindo competências. In: Revista Nova Escola, São Paulo: Ed. Abril, nº 135/ Setembro 2000.

PETEROSSI, Helena. & MENESES, João Gualberto (coords.). **Revisitando o saber e o fazer docente.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

POPKEWITZ, Thomas S. **Reforma educacional:** uma política sociológica – poder e conhecimento em educação. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REJOWSKI, Mirian. Turismo e pesquisa científica. Campinas: Papirus, 1996.

RODRIGUES, Gabriel Mário. **Se não foi primeira, não foi a segunda:** o desafio de implantar a Faculdade de Turismo do Morumbi no início dos anos 70. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

RIOS, Terezinha. **Compreender e ensinar:** por uma docência da melhor qualidade. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 21 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2000.

SHIGUNOV NETO, Alexandre & MACIEL, Lizete S. B. (orgs.). **Currículo e formação profissional nos cursos de turismo.** Campinas: Papirus, 2002.

SOBRINHO, José Dias. **Avaliação da educação superior.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SUGIYAMA, Maristela de Souza Goto. Formação interdisciplinar em hotelaria: a experiência do SENAC-SP. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2005 (Dissertação de Mestrado).

THIOLLENT, Michel. Pesquisa-ação nas organizações. São Paulo: Atlas, 1997.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (org.). **Turismo, como aprender como ensinar.** São Paulo: Senac, v.1, 2001.

____. A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. Campinas: Papirus, 1998.

VASCONCELLOS, Celso. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 8 ed. São Paulo: Libertad, 2001. (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad; v. 1)

VASCONCELOS, Eduardo. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar:** epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

APÊNDICES

Apêndice A: Transcrição da entrevista do Professor Dr. Mario Carlos Beni.

Entrevistadora – Como o senhor foi parar no curso de turismo?

Prof. Beni – Eu iniciei a minha atividade docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo como auxiliar de ensino na disciplina de Arquitetura Urbana, do Professor Nestor Goulart Filho e lá eu desenvolvi algumas pesquisas sobre Patrimônio Histórico, Arquitetura no Brasil, período Colonial, Arquitetura Manoelina etc. Eu havia concluído a minha, me graduado em Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política, que é um complemento da Universidade de São Paulo. Eu tinha intenções, embora tivesse atividades públicas, eu tinha intenções de iniciar uma carreira docente. Mas a FAU há muito que tinha seus quadros todos preenchidos e não apresentava ainda nenhuma possibilidade de concurso. Aí surgiu um concurso na ECA, em Turismo e Desenvolvimento. Era uma disciplina a ser oferecida nas Relações Públicas e Jornalismo porque se iniciava, naquela época o Caderno de Viagens. A partir daí, eles resolveram criar uma disciplina no curso de Jornalismo. Fui pra lá, prestei o concurso, fui classificado, aí é que eu fui realmente me interessar vivamente pelos primeiros autores de turismo etc. Logo em seguida, concorri a uma bolsa e fui estudar turismo na Universidade de Tóquio, fiquei lá em torno de oito meses. De lá, eu fiz ainda a Exo Provance, tinha uma bolsa, Estado, Exo Provance, na França, Instituto de Turismo e fiquei, completando um ano no exterior. Aí voltei e dava essa disciplina na ECA e partir de lá, eu resolvi desenvolver um projeto na área de Turismo. Então comecei a desenvolver minha atividade de docente nessa disciplina e ao mesmo tempo trabalhar num projeto de criação de um curso de turismo na Universidade São Paulo. Logo em seguida, na época, a Universidade Morumbi, a Faculdade Morumbi lançou o primeiro curso de turismo e eu fui o primeiro professor autorizado pelo MEC a lecionar Planejamento e Organização Política no curso de turismo. Comecei lá na Faculdade Morumbi para lançar bases. Então foi a partir daí, todo o início da minha docência, tanto na Universidade São Paulo como na Faculdade de Turismo Morumbi que mais tarde deu origem à Universidade Anhembi Morumbi.

Entrevistadora – Com relação à interdisciplinaridade, o senhor já tinha idéia desse conceito quando começaram os primeiros cursos, de onde veio essa idéia dos projetos interdisciplinares?

Prof. Beni - Bom, já nesse período havia vários estudiosos a respeito da interdisciplinaridade, não se falava ainda de transdisciplinaridade. E acabei percebendo que o curso de turismo estava dentro de uma colocação, de um cenário interdisciplinar. Foi exatamente quando eu iniciei o trabalho da minha tese de doutorado que é um trabalho de construção do Sistema de Turismo, o SISTUR e, a partir daí, eu percebi que nasceu por essa razão, eu percebi que os alunos tinham muita dificuldade em correlacionar os cenários do turismo, em relação a essas disciplinas, a Sociologia vai explicar e dimensionar o fenômeno do turismo. Nós precisamos das Ciências consolidadas, das Ciências Sócias, das Ciências Econômicas, Geografia, enfim, estudo do espaço. Então para explicar essas variáveis das quais nós nos utilizamos por empréstimo dessas disciplinas para explicar e dimensionar o fato e o fenômeno do turismo, nasceu o sistema de turismo. Acabei aplicando a teoria de sistema no cenário de estudos de turismo e surgiu o sistema de turismo. A partir dali, foi possível se trabalhar com a questão da interdisciplinaridade na medida em que diferentes disciplinas tanto das Ciências Exatas, como das Ciências Sociais eram trabalhadas correlacionadas no SISTUR. Então, foi a partir daí que surgiu a idéia do estudo interdisciplinar aplicado ao estudo do turismo, à pesquisa de turismo.

Entrevistadora – O senhor tem alguma experiência até por conta do que li também a respeito da UNIP, quando o senhor foi implementar a grade curricular?

Prof. Beni – Bem, na verdade, a grade curricular da UNIP, ou seja, o Projeto Pedagógico, melhor colocando, o Projeto Pedagógico e a grade curricular nasceram do SISTUR. Foi a primeira universidade que aplicou efetiva essa questão da interdisciplinaridade de um lado e do próprio SISTUR do outro.

Entrevistadora – O senhor poderia comentar um pouquinho a respeito da sua experiência enquanto professor com os projetos interdisciplinares e qual a importância desses projetos para o curso de turismo?

Prof. Beni – Bom, na verdade, turismo, o estudo de turismo, já é um programa interdisciplinar. Ele trabalha com variáveis de diferentes ciências consolidadas como eu disse. Claro que quando se trabalha com o inventário turístico recreativo com o cruzamento de varias informações de campo, já se percebe claramente essa questão interdisciplinar. Em campo, se tem variáveis do espaço turístico, do estudo do diferencial turístico, recursos naturais e recursos culturais, patrimônio histórico etc. Então, já aí se trabalham variáveis históricas, sociológicas, psicossociológicas, quando você trabalha todo o imaginário e essas questões voltadas à percepção. Então, veja de quantas disciplinas nós estamos falando. E quando se vai ao estudo do espaço, é claro que se iniciam estudos de acidentes geográficos, clima, temperatura, a questão da hidrografia. Isso tudo nos remete naturalmente a um cenário inter e transdisciplinar.

Entrevistadora – Em relação à criação e à implantação de grades curriculares, hoje a gente está passando por reestruturação, até redução de muitos cursos para três anos. O senhor acha que essa preocupação com a interdisciplinaridade tem de ser revisada nesse momento porque o MEC hoje coloca a exigência da interdisciplinaridade nos cursos. Como o senhor vê deve ser feito esse processo?

Prof. Beni – Na verdade, eu acho que o problema não está no conteúdo programático, na grade curricular. Na verdade, o que eu sinto, o problema que eu efetivamente vejo que leva à possível discussão em torno dos modelos que estão sendo desenvolvidos no momento. Hoje já dá para se distinguir que houve um ciclo no curso de turismo, notadamente um ciclo de rearranjo, porque houve um excesso de oferta e é claro que a demanda correspondeu por um determinado tempo, depois o próprio mercado se encarregou de novos cenários. Eu acho que houve seguramente mais de quarenta instituições oferecendo novos cursos, mas turmas não se abriram, o que levou e vai levar a uma redução sensível dos cursos ao longo dos próximos anos. Mas, voltando à questão do conteúdo. Conteúdo eu acho que de todos os modelos que eu conheço

mundialmente, o Brasil é, o que apresenta uma estrutura curricular das mais avançadas. Nós estamos muito atualizados nos estudos. O grande problema do curso de turismo, na minha visão, é o corpo docente. O corpo docente, são só seis programas de Pós-graduação Stricto Sensu de áreas em turismo e tem de se recorrer a outras áreas, deve-se trabalhar em outras áreas, Sociologia, por exemplo, Psicologia. Deve-se trabalhar sempre com uma linha de pesquisa em turismo, diferente de outros programas, para que se qualifique melhor esse corpo docente, pelo menos, em nível de Mestrado, não digo nem Doutorado. Isso deve acontecer nos próximos anos, deve aumentar um pouco a oferta de Mestrado, enfim, algo que deve chegar a um nível satisfatório, também da preparação e consolidação do corpo docente, que no momento, é o problema mais sério. As faculdades, por uma questão meramente econômica, estão aproveitando recém formados como docentes e é claro, eles não têm experiência, produção e dedicação à pesquisa necessária para essa visão inter e transdisciplinar.

Entrevistadora – Outra questão também, quando o senhor está falando do corpo docente, muitos professores vêm de outras áreas e são aproveitados no curso de turismo sem ter até noção do que seja turismo.

Prof. Beni – Aí é um outro problema que surge, mas sempre com o foco no corpo docente. Hoje as instituições pagam mal, daí dispensam alguns titulares, mestres e doutores, para substituí-los por. É claro que o Ministério está apertando e eu acredito que deve fiscalizar mais, deve pressionar mais para que o corpo docente seja sempre de titulados. Não importa que em outras áreas, sem ser só dos programas de Pósgraduação Lato e Stricto Sensu em turismo. Mas por outro lado, o que está acontecendo? Como as faculdades, as instituições isoladas de ensino e as universidades pagam mal, cad um, cada docente acaba se dedicando a mais de uma instituição. Então, não tempo de preparar aulas e o mais grave, as reuniões pedagógicas não ocorrem, os professores acabam não tendo tempo para sequer trocar idéias sobre seus próprios conteúdos. Então, há incidência e reincidência de disciplinas, não há uma discussão e um debate necessário sobre os conteúdos em reuniões com

coordenador. A grande maioria em Projeto Pedagógico apenas para cumprir uma exigência do Ministério.

Entrevistadora – Com relação aos projetos interdisciplinares o senhor tem alguma experiência para contar, de algum que o senhor lembra que contribui efetivamente para o aluno?

Prof. Beni – Como eu te disse antes, eu acho que todos os projetos desenvolvidos, não obrigatoriamente interdisciplinares, não há como ser. É claro que já avancei mais com relação a projetos na área de Políticas de Turismo, de Planejamento Regional, Estudo de Clusters. São projetos macro-econômicos com a visão mais saindo da interdisciplinaridade, quase que consolidando a própria transdisciplinaridade. Quando você trabalha interdisciplinaridade, no sentido de buscar variáveis, vão sendo trabalhadas e utilizadas com freqüência, elas vão se transformando em variáveis do próprio sistema de turismo. Então, elas já passam a uma transdisciplinaridade.

Entrevistadora – E em relação à questão dos cursos, hoje, o senhor acredita que eles estão acompanhando o que está acontecendo no mundo?

Prof. Beni – Sim. Eu acho que de uma maneira geral, os cursos de graduação em turismo, pelo menos, daquelas instituições de corpo docente titulado, eles são muito focados com os de outros países da Europa, têm uma proposta de um Projeto Pedagógico bastante atual, bastante moderno e de excelência. E a coisa acaba sempre pegando no pesquisador, no corpo docente, pela sua experiência. Agora, com relação ao conteúdo, ao contrário do que muitos têm colocado, que o conteúdo não é focado no mercado, não é verdade. Eu acho que as empresas de uma forma geral, as empresas de turismo, melhoraram muito em razão de uma mão-de-obra qualificada, atualizada, diferente de hotelaria, porque há uma resistência muito grande ainda mais na área de hotelaria do que na área de agências. Resiste à inovação, são hotéis familiares, que passam de pai para filho, mas na verdade a mão-de-obra de boas faculdades, eu reputo como muito bem qualificada.

Entrevistadora – Para finalizar, professor, qual a tendência que o senhor observa para os cursos de turismo no Brasil?

Prof. Beni – Veja, eu passei, eu assisti desde o início do processo dos primeiros cursos e olha que os que se consolidaram, foram exatamente aqueles que iniciaram na década de 70. Os que iniciaram na década de 90, com raríssimas exceções, são cursos sérios. Os outros, na verdade, cresceram, iniciaram nesse processo de boom que os cursos sofreram, se bem que esses não se consolidaram, não se perpetuaram e acabaram deixando o mercado. Eu acho que agora nessa nova peneira, a gente passou por isso na década de 80, e agora estamos exatamente na fase de seleção, consolidação e aí eu acredito que, sem muito exagero, ficarão aqueles que realmente tiverem um corpo docente a altura das propostas e dos Projetos Pedagógicos consolidados.

Realizada no dia 10 de outubro de 2005.

Apêndice B: Transcrição da entrevista da Professora Ms. Gracira Cabrera.

Entrevistadora – O curso de turismo da Universidade Anhembi Morumbi foi realmente o primeiro a implantar um projeto interdisciplinar?

Prof. Gracira – Realmente foi o primeiro curso a ter um projeto interdisciplinar. Inclusive na proposta que foi feita para o Mestrado da Anhembi, antes de ser hospitalidade, a professora Mirian Rejowski coloca que efetivamente o curso nosso de turismo e, eu que tive a idéia e foi abraçada pelos meus professores e conseguimos instituir o primeiro projeto interdisciplinar nos cursos de turismo no Brasil. Evidentemente que faltava muito ainda para a interdisciplinaridade. Então, a proposta é muito mais uma atitude interdisciplinar e não divisão estanque das disciplinas. Entre meus objetivos sempre estiveram não só a interdisciplinaridade com tudo de vantajoso que ela traz, mas especialmente porque era uma forma de professores que eram de turismo aprenderem um pouco sobre Contabilidade, Direito etc. e, os que eram dessas áreas, de Exatas, de Humanas etc. aprenderem um pouquinho mais de turismo. Era uma forma de aluno que questionava por que tenho que aprender tanto Marketing e Administração. Eu quero aprender só turismo. Ele entender que todos os conhecimentos podem ser unificados em vista de um programa comum. Enfim, os objetivos estavam aí. Também eles acreditavam nas coisas. Por exemplo, o ensino da Metodologia Científica era uma coisa horrível para quem entrava em turismo e tinha 17 anos. Então, também foi uma proposta assim que passei de uma visão bem pragmática. Não foi só, a minha graduação é Filosofia, então não só uma coisa, sabe, só do ponto de vista pedagógico, teórico, até porque eu tinha uma vivência longa nessa área educacional antes de vir dar aula aqui e uma vivência grande empresarial na área de turismo. Mas foi uma visão pragmática. Ele odeia uma odeia Metodologia Científica, ele odeia Estatística, só porque são exatas, a Estatística, a Contabilidade. Então, se eu colocasse em cada ano, como se fosse um trabalho de conclusão do ano, uma proposta para que todos os professores consigam desenvolver não todo conteúdo dele, mas uma parte do seu conteúdo voltado para a problemática levantada, porque também eu queria meu aluno com pesquisa de campo, não só bibliográfica ou documental. Eu queria, sabe, ele na rua tentando elaborar um questionário, como é que se aplica ou não, então ele faz o que com aquilo? Como é que tabula? Como é que avalia? Eu queria exercitá-lo nisso. Então, aí, Custos é uma coisa tão horrível! Bom, então, vamos fazer um projeto onde ele tem de levantar a viabilidade daquilo que ele está propondo. Aí ele tem os custos e vê como faz, quantos riscos e méritos têm nessa proposta? O tempo de retorno do investimento, entendeu? Então, em cada um dos anos do curso, há um projeto interdisciplinar, e ele leva em geral o ano todo. Mesmo o nosso sistema, que é semestral, a gente faz com que as disciplinas possam ir colaborando. Agora está longe disso, cada vez que eu mudo um professor é um problema, porque até integrar as pessoas etc e tal. Fica muito complicado, entendeu? Mas o que eu busco é a atitude interdisciplinar para começar, para depois chegar à multidisciplinaridade. E acho que gente se presta bastante a isso.

Entrevistadora – E em relação aos professores, a senhora identifica que eles se integram mesmo, com a experiência que a senhora tem?

Prof. Gracira – Sim. No início foi muito difícil porque o professor estava acostumado a vir dar a materinha dele e ponto. Esses projetos, como é que eu digo essa frase? Eles acusam quem não está cumprindo as etapas. O aluno reclama, o outro professor reclama que ele precisava daquilo para poder chegar a isso. Então, essa necessidade de interação entre eles, de integração entre eles, é uma coisa muito evidente. Então, o professor e reagiu a isso. Ele queria dar a materinha e ponto. Então a gente precisou ir eliminando alguns, outros mesmos pediram demissão e iam para outras instituições em que a coisa era mais simples. Então, esse percurso não foi fácil, foi longo, mas aí também tem que ser sempre renovado porque aí, alguns não permanecem, às vezes, você tira o professor daquela série, onde a proposta era uma e põe na outra porque ele desenvolveu melhor ali. Aí você põe outro no lugar, quer dizer, é uma coisa dinâmica também. Então é isso, cada semestre a gente tem de começar tudo de novo e, talvez por isso, aquilo oxigena o curso e seja bom. Nada é sacramentado e esse tipo de projeto, interdisciplinar, nós começamos acho que foi em 1989. Eu não sei se interessa especificar, saber quais são os projetos?

Entrevistadora – Pode me falar, se a senhora se lembrar...

Prof. Gracira — Lógico que eu sei! Não só lembro, como trabalhei em todos os semestres. Então é assim: sempre no primeiro ano, a proposta está muito ligada a conhecer a própria cidade. Que ele veja com outros olhos a cidade onde mora. E que ele não busque só turismo, que ele também verifique as outras possibilidades. Então, nós avaliamos esse projeto. Começamos estudando bairros, então tudo do bairro: o que lá existe e, então assim, se existem empresas que comercializam turismo, se existem áreas de lazer ou de eventos. Como é que a população se comunica, existe associação de bairro ou ao, quer dizer, levantamentos amplos para que a gente possa estar percebendo um pouquinho aquele bairro. E se há manifestações e atrativos para o turista.

Em aberto, os alunos faziam o roteiro do bairro que eles visitaram. Então era um belo exercício e também uma coisa da metodologia científica. O objetivo desses projetos é como apresentar um trabalho, os seus aspectos metodológicos, tudo... Bom, aí, variamos depois, nós estudamos parques e praças. Aí estudamos valores e culturas, dos migrantes que vivem nessa cidade. O ano passado, por exemplo, que São Paulo completava 450 anos e a proposta foi essa. E o que é interessante, é assim. A gente procura fazer com que esses projetos possam ser desenvolvidos em grupo, quatro ou cinco alunos e a gente faz com que eles busquem na própria família e no próprio bairro onde moram, porque aí envolve a família, os amigos, sabe, levantando dados da sua vida. Então, a gente queria que eles buscassem e a gente teve momentos interessantíssimos. Nós já fizemos, além de apresentar por escrito, eles precisam ser defendidos oralmente para a banca de professores. A gente já teve apresentações dessas em auditórios e aí os alunos, no caso de valores e culturas, dos migrantes e imigrantes, eles traziam pais, avós. Então, a gente teve, por exemplo, um pai judeu que mostrou fotos de sua participação nas Olimpíadas do tempo do Hitler. Teve uma avozinha de uma menina que era japonesa., com instrumento musical absolutamente diferente, tosco, meio quadrado, assim e ela punha no colo e dedilhava assim, e antes disso, sabe aquelas bonequinhas japonesas? Ela paramentou a neta, pintou o rosto, pôs a roupa, tudo numa cerimônia, numa coisa demorada. As avós e mães de origem portuguesa trouxeram, todas, da Ilha da Madeira, aqueles bordados, tinham os licores.

Outros buscaram nos Consulado, por exemplo, havia um menino escocês, então foi buscar no Consulado informações e trouxe o Cônsul para falar. Cada hora teve uma, acho que foi da Noruega, era uma colônia não muito grande, mas eles tinham uma igreja, onde apresentavam danças, então, eles vieram dançar, assim como, os espanhóis, do Miguel de Cervantes, que é um colégio específico, que vieram fazer danças. Com isso, muitos alunos ficaram interessados em aprender danças e como era migrantes e imigrantes, então vieram alguns que trouxeram coisas da Bahia. Então, trouxeram a capoeira, com os tambores, dizendo o que cada som quer dizer ou não quer dizer. Enfim, aí, houve um ano que os meninos estavam muito rebeldes logo que entraram e eu não sei porque demorou a resolver qual era o trabalho eu falei "vou mandar eles escolherem a própria atividade de lazer que eles gostam e eles têm de pesquisar." A gente teve de tudo: de skate, mergulho, balonismo, tudo, off-road, escalada urbana, teatro, cinema, parques, danceteria, motel, tudo era possível desde que pesquisassem, apresentassem e defendessem tudo direitinho. Então, a gente teve momentos bem interessantes. Esse ano de novo, a gente fez atividades de lazer... Todo primeiro ano, qual é o objetivo? É conhecer a própria cidade, a própria região onde mora, o próprio grupo de parentesco, a nacionalidade, etnia, enfim, o esporte ou lazer que praticam.

No segundo ano, a gente faz com que eles criem uma empresa. Quer uma pousada na praia? Por que mais uma nessa praia que já tem treze? Então, desde o professor de Marketing explicando que é preciso ter um diferencial, atrair um público específico para poder vencer a concorrência até um professor de Exatas, Custou, Contabilidade, para explicar se você vai pedir um empréstimo no banco, o tempo de retorno desse investimento é x anos e junto, o professor de Hotelaria falando: "se você não tiver x apartamentos, você não paga. Agora por que você quer comida? Na praia ninguém come, você não vê que as outras pousadas não têm restaurantes, quando muito um frigobar? Porque na praia todo mundo fica o inteiro e depois quer sair também à noite?" Enfim, cada um vai explicando e os alunos vão compondo. E Marketing, como divulgar, como atingir o púbico-alvo, que mídia você vai usar, não vai usar. Enfim, tudo isso. Qualquer coisa que eles propõem, eles têm que levantar custos e ver tudo direitinho. Agora, tendo feito essas duas coisas, a gente vai para o terceiro e quarto anos, que é o

seguinte. No terceiro ano, eles vão a um município, fazer todo o inventário turístico do mesmo, não só turístico, inventário completo, do que vivem, qual a economia, há mananciais, há áreas protegidas ou não, há atrativos naturais ou não, quantos meios de hospedagem, quantos de alimentação, quantos de diversão, há eventos, qual o calendário, enfim, levanta-se tudo para se fazer propostas viáveis, coisas óbvias, às vezes, para o município. Então, tendo exercitado em São Paulo não só a Metodologia Científica, o questionário, pergunta aberta ou fechada, porque sim, porque não, como se tabula e Estatística também aplicada, fica mais próximo do adequado porque nós ofertamos esse plano de desenvolvimento turístico que a gente fez depois do inventário, a gente faz um plano de desenvolvimento turístico para o ano inteiro, que às vezes, é muito mais um aumento de um fluxo turístico, porque às vezes, o município não tem caráter de, assim, ter atrativos tão grandes, mas ele já aumentando, de alguma forma, ele atraindo, nem que seja, os habitantes das redondezas, ele injeta dinheiro no município. Então, esse plano de desenvolvimento turístico é doado às prefeituras e secretarias de turismo. Então, o compromisso era muito sério, por isso, que a gente procura exercitá-lo, já desde o primeiro ano.

Entrevistadora – E desde 99, vem direto?

Prof. Gracira – Oitenta e nove, veio, veio. Houve em 98, é, em 98, durante o ano de 98, como a gente fez uma mudança curricular muito grande, envolvendo todos os cursos, isso ficou mais a cargo só do professor de Metodologia, entendeu? Mas isso foi só um ano, isso só no ano de 98, aí se retomou imediatamente.

Entrevistadora – E aí, foi a reestruturação?

Prof. Gracira – Não, é que a gente tinha uma proposta de navegabilidade, envolvendo todos os cursos, acho que foi bem... Nesses anos todos, quer dizer, a gente está mais quantos anos, 16, quase 17 anos, falar que houve um ano só que isso não aconteceu do mesmo jeito... agora no quarto ano, então, eles fazem, eles têm que escolher uma empresa real, funcionando direitinho e, fazer um diagnóstico dessa empresa, levantamentos: ah, o hotel é ótimo, parece atingir o público consumidor, enfim com os consumidores, hóspedes etc, com os funcionários, com os diretores e não só dessa

empresa, com os concorrentes diretos e indiretos também. E após esse diagnóstico, eles fazem proposições ou melhorias, a empresa não está bem das pernas, ela deseja sobrevivência, como sobreviver, são planos de negócios para isso ou essa empresa está muito bem , então como crescer, sei lá, abrir franquias ou não, como expandir. Então, veja que também, o criar uma empresinha, quer dizer, eles, os projetos, não foram escolhidos por mim aleatoriamente. A minha proposta era em função das disciplinas que estavam em cada um desses anos e da necessidade da gente ir complementando. Então, teve instituição de ensino que copiou igual e não deu certo. Não tinha condições. Então, por que a gente criou uma empresinha. Uma que a nossa universidade tem essa proposta do empreendedor, formar de um empreendedor, desde nascedouro e outra que, como é que ele vai identificar num Sol Meliá, como já houve u projeto de conclusão de curso, o que dá certo e que dá errado? Ele vai aprender se vai fazer a pousadinha na praia. Olha, ele precisa de x funcionários, para atender x hóspedes. É, mas agui é muito pequeno, então um dá conte de fazer isso, isso, aguilo e aquilo. Mas num hotel grande não, não sei o que. Então, esse aprendizado de fazer uma coisa pequenininha, o que precisa, eu nunca vou me esquecer, logo no começo, ainda bem que eu aprendi que precisa de comanda em restaurante de peixe em Pinheiros, só que era ele e a mulher, a mulher na cozinha e ele atendendo e ele fazia assim: peixe disso, mesa tal, para tantas pessoas. Ele não toma nota de nada, não tem comanda, que agora é tudo eletrônico. Enfim, então ele aprende tudo que precisa para uma empresa, tudo que envolve para poder ir numa grande empresa e identificar onde estão os problemas. Ele faz o levantamento na própria cidade para depois ir em outro município e identificar lá também, fazendo um roteiro etc.

Entrevistadora – Na Universidade Anhembi Morumbi, os projetos interdisciplinares acontecem só no curso de turismo?

Prof. Gracira – Num primeiro momento todo mundo copiou, o curso de Administração, de Economia, copiaram. Mas acaba que não vinga, quer dizer, assim por seqüência, um a cada ano do curso e se complementando, realmente não existe, o que existe, porque são cursos diferentes, quer dizer, o de Comunicação é uma coisa, entendeu? Então, essa proposta assim, que eu saiba, e eu não gostaria de dizer que é o único,

nem gostaria de falar dizer que no Brasil também não tem nada assim. Bom, eu só gostaria de dizer que ele realmente foi uma idéia muito boa que vingou e está sendo aperfeiçoada a cada semestre. A cada semestre ele é aperfeiçoado. Então, aqui, no final, a gente sai com um plano de negócios para empresas no quarto ano. Então, outra coisa que eu acho que é importante, que você falou dos objetivos, então, o objetivo era fazer com que os professores interagissem, se integrassem, fazer com que os alunos se sentissem, quem qualquer disciplina, estudantes de turismo. O que eu acho mais importante é o seguinte, eu uso uma expressão assim, não turistar tudo, o cara tinha que aprender Custos, depois é que ele vai aplicar, entendeu? Não é só dar aquela coisinha pequenininha ali, entender, ele tem de entender Custos, isso, como uma empresa faz para sobreviver, qualquer tipo de empresa. A outra coisa que acho que é importante, talvez eu já tenha tido no começo, é assim, a nossa proposta de curso de turismo sempre foi, ao contrário de outras universidades, voltada para duas vertentes: a de planejamento, desenvolvimento do turismo, o fenômeno turístico, os impactos, enfim, o turismo sustentável, a inserção da população residente, socialmente e economicamente e o outro lado de gestão de empresas de turismo, então nós sempre nos preocupamos em preparar nosso aluno para trabalhar no mercado sim, às vezes, era combatido, ele precisa pesquisar o fenômeno turístico. Ah, eu falei, o advogado fica só pesquisando e o médico também? Ele não opera, ele só pesquisa, enfim, todo mundo em universidades estão só pesquisando. Se o advogado atende ou trabalha numa empresa, se o médico faz suas cirurgias ou atende seus clientes e engenharia também tem processos que ele desenvolve, cria viadutos. Por que o aluno de turismo não pode atuar profissionalmente. O que é isso? Aí todo mundo depois entrou nessa de gestão. Então, esses projetos, se você observar, atendem as duas vertentes. No primeiro e terceiro anos, porque estuda São Paulo e estuda o município, a preocupação é o turismo e o que ele acarreta para as pessoas, para a cidade. Enfim, e no caso do segundo e quarto anos é o lado de gestão empresarial, então como ser empreendedor e como fazer uma empresa sobreviver ou crescer, ou se destacar perante, se tornar competitiva. Esses dois lados são atendidos pelos projetos.

Entrevistadora – E para os alunos, qual a contribuição desses projetos?

Prof. Gracira – Bom, além do que já foi falado para a formação dele, a contribuição acontece pela defesa oral dos trabalhos, ele passa por uma desenvoltura, que auxilia na apresentação dos futuros trabalhos. Além, é claro, do destaque no mercado. Os alunos de envolviam e se envolvem em todo o projeto. Claro que no começo só reclamava, mas depois os próprios alunos elogiam os resultados dos trabalhos

Realizada no dia 28 de setembro de 2005.

Apêndice C: Transcrição da entrevista da Professora Dra. Marília Gomes dos Reis Ansarah.

Entrevistadora – Como a interdisciplinaridade foi inserida no curso de turismo da Universidade Paulista - UNIP?

Prof. Marília – Bom, nós iniciamos nosso curso em 1990, e no primeiro semestre é comum os alunos reclamarem de muitas disciplinas de formação básica e como foi o Prof. Mario Beni que iniciou, por intermédio da teoria de sistema, a interdisciplinaridade, visão de de teoria sistema. visão de interdisciplinaridade, ele foi convidado para ser o assessor do nosso Projeto Pedagógico e como ele havia trabalhado numa grade curricular que ele achou ideal, ele não conseguiu implantar na USP e eu, nessa época era orientanda do Prof. Mario Beni, no doutorado da USP e eu conheci a grade, então, nós da UNIP o contratamos e implantamos a grade que ele havia acusado ideal, inclusive ele havia apresentado numa palestra, eu não sei se foi um congresso da AMFORTH, num dos países do exterior e ele foi, a grade foi, ele recebeu muitos elogios com relação a grade. Então, conversando com o Prof. Mario Beni, nós tivemos a idéia de escolher um tema e cada disciplina, por intermédio de um capítulo, numa pesquisa secundária, foi sobre a Amazônia, nós iniciamos, demos o start para a interdisciplinaridade. E os alunos, no final do semestre, apresentaram uma monografia que foi um resultado único para todas as disciplinas do semestre e eles apresentaram esse trabalho. Digo a você que o curso ganhou uma cara nova, o nosso curso iniciou em agosto de 1990, eles apresentaram em dezembro do ano, ganhou cara nova, ganhou motivação, inclusive os professores também se sentiram motivados, então foi uma experiência que deu certo. E no ano seguinte, como nós tínhamos a disciplina de Sociologia, eu fui apresentada à Prof. Ada Dencker e perguntei a ela se ela gostava de desafios, ela respondeu que muito. Então, eu a convidei para ser

professora dessa disciplina e passei pra ela essa nossa experiência, ela se interessou demais porque ela estava começando а olhar para interdisciplinaridade também e, prontamente, ela aceitou esse desafio. Então, nós fizemos também um primeiro trabalho com pesquisa secundária e aí eu fui chamada pela reitoria e deu muito resultado também esse trabalho para o professorado e aí eu fui chamada pela reitoria da UNIP, que eles gostariam que o curso da UNIP tivesse um formato próprio, que quem olhasse para aquela grade, imediatamente identificaria o curso de turismo da UNIP. Então, já com entusiasmo da interdisciplinaridade, nós modificamos a nossa grade curricular, instituímos no primeiro ano, o que chamamos Trabalho de Análise Interdisciplinar, mas cujo enfoque era voltado para ensinar a Metodologia do Trabalho Científico. Então, tinha o caráter das experiências anteriores com fonte secundária, somente um docente, que a Prof. Ada era coordenadora do trabalho, ela explicava o trabalho como um todo e cada professore trabalhava com a sua disciplina. Então, numa reunião pedagógica, nós decidíamos qual era o tema, de acordo com as disciplinas do semestre, cada professor escolhia um sub tema, a Prof. Ada levantava objetivos para cada disciplina e uma bibliografia básica, apenas três livros para cada tema que tornaria um capítulo. Então, a Prof. Ada explicava na aula dela resumo, resenha, o professor da disciplina pedia para os alunos lerem, discutia, tirava dúvida do texto com os alunos, depois dos três prontos, que tinha um cronograma, voltava para a Prof. Ada, eles faziam um resumo com o professor, voltava a ela para dar uma redação desses três resumos. Aí, entrava a disciplina de Psicologia, Economia, com questionário, eles faziam uma visita técnica, escolhia um município que tinha mais a ver com o conteúdo do trabalho e iam aplicar o questionário. E esse questionário era tabulado pelo professor de Estatística, que fazia parte do semestre, como fazia parte do conteúdo ensinar tabulação, levantamento de gráfico, tabelas no computador. E aí, a Estatística era inserida. Eu me lembro que eles tinham também Espanhol, então eles faziam um roteiro em Português e faziam a versão em Espanhol. E a Prof. Ada ensinava a Metodologia do Trabalho Científico tornando, transformando numa monografia. Ela trabalhava com a introdução, com a conclusão, com normas da ABNT, né? Por exemplo, História, levantava a história do município, a Geografia que delimitava a área, levantava os atrativos naturais e eles apresentavam de uma maneira cênica e lúdica, de uma maneira assim bastante interessante. Teve uma das vezes de que, um, até foi no Campus da Rua da Paz, um aluno que é médico cirurgião, diretor de Neurologia do hospital Albert Einstein, entre aspas cada louco com sua mania, numa maneira de brincadeira. Ele tinha três filhos, ele era médico, ela havia feito Direito, Engenharia e Turismo. Ele era colega dos filhos nos cursos que os filhos faziam. E eu fiz guestão de entregar o diploma a esse médico, fazer uma homenagem a ele, porque eu nunca vi coisa igual na minha vida. Ele era muito gordo. Então tava no auge o programa do Jô Soares. Eles decidiram fazer o programa do Jô Soares. Ele com entrevista porque cabia a essa disciplina também transmitir o ensinamento de como passar oralmente um conteúdo, a postura etc. Então, ele era o Jô Soares e dava beijo com a mão, tinha uma mão grande, também fazia perguntas para os alunos, né, e nos intervalos, sobre o tema e nos intervalos, eles faziam pequenas brincadeirinhas, como o Jô faz piada, com os professores, levantando perfil, cacoetes de cada professor e nos intervalos também sempre tem aluno que dança, que toca música. Eles fizeram até um jingle do programa do Jô. Então, para você entender, como era a apresentação. Eles vibravam com essa apresentação. Então, nós fomos numa evolução. No segundo ano, eles começavam, junto com a disciplina de Metodologia da Pesquisa, eles elaboravam um instrumento de coleta de dados, já ampliavam o levantamento, seguindo o Sistema de Turismo do Prof. Mario Beni, e com toda a infra-estrutura, a superestrutura, então, dividindo por cada disciplina, mas com objetivo da Metodologia da Pesquisa. E aí, apresentavam da

mesma maneira só que tinha um caráter já caminhando um pouquinho para o profissional. No terceiro ano, como tinha o Plano de Desenvolvimento Turístico do município, que também é uma atividade interdisciplinar, eles trabalhavam com metodologias de inventário. Então, nós tínhamos três anos do Trabalho de Análise Interdisciplinar. Depois de três anos de tentativa, porque sempre em busca da qualidade da interdisciplinaridade, porque é muito subjetivo, o aluno não entende, professorado dava mais trabalho do que aluno, é, precisava de uma voz de comando. A Prof. Ada, como coordenadora do TAI, mas no caso professora, o professor que não cumpria o cronograma, ela em alguns casos falava com esse professor, ela começou a sentir que estava havendo um certo mal estar. Então, nós chegamos a conclusão de que, coordenador do curso pode cobrar, faz parte de sua função, então eu comecei realmente a cobrar datas dos professores porque também professor dá trabalho para fazer esse tipo de trabalho. Então, nós começamos a identificar que três anos especificamente desse trabalho era demais porque no terceiro ano eles iriam elaborar um plano. Então, nós, numa outra modificação da grade, nós transformamos em dois anos. Então, teve o caráter do primeiro ano, ensinar a Metodologia da Pesquisa, fazer resumo, o segundo ano um caráter mais profissional, trabalhar o inventário, as metodologias de inventário e trabalhar a pesquisa, o instrumento de coleta de dados, esse era o objetivo, para depois deixar para o terceiro ano um aluno pronto, que já conheceu a metodologia de inventário, já trabalhou com a técnica de varredura, já aprendeu como se elabora e se adequa um questionário e uma pesquisa qualitativa, como se chegar ao turista, como tabular, então, ele estava pronto para fazer o plano. E o quarto ano, também uma atividade interdisciplinar, ele elabora o Trabalho de Conclusão de Curso, só que voltado ao mercado. Então, na consultoria de mercado, onde ele vai trabalhar com pesquisa, ele vai trabalhar com a análise da localidade da empresa, ele vai trabalhar com o organograma, se há desvio de funções, ele vai trabalhar com análise de balancete, ele vai trabalhar como divulgar a sua empresa e nós temos essas disciplinas no semestre, quer dizer, cada disciplina vai dar sua contribuição e há uma reunião para todos procurarem trabalhar em sintonia. Eu digo pra você que nós tentamos trabalhar com a interdisciplinaridade. Não é fácil.

Entrevistadora – Outra questão, professora, a interdisciplinaridade foi uma proposta geral para toda a instituição ou apenas para o curso de turismo, devido às suas características?

Prof. Marília – É, desde a década de 90 que eu ando contribuindo para o MEC como consultora "ad hoc", então, eu trouxe para o curso de turismo essa exigência do MEC em relação à interdisciplinaridade. E a Prof. Ada foi estudar a fundo, não é, que resultou na tese dela de doutorado e ela publicou um livro. Então, eu digo pra você que há uma tentativa no curso de Administração, com um trabalho que eles intitulam de PIPA, é um, eu digo pra você que é um pouco similar, mas nós procuramos ir a fundo com a interdisciplinaridade, então eu digo pra você que é mais característico do curso de turismo.

Entrevistadora – A senhora disse que teve início na década de 90 quando o curso iniciou, esse trabalho começou junto, mas naquela época o que se entendia por interdisciplinaridade, quais eram as ações, os projetos, como vocês visualizavam a parte conceitual da interdisciplinaridade?

Prof. Marília – Nós estávamos numa época de que estavam surgindo fatos novos, teorias novas voltadas para a educação. Então, eu convidei a Prof. Ada para dar uma palestra no primeiro encontro de docentes de turismo, que era do estado de São Paulo. E ela abordou a interdisciplinaridade e foi um sucesso porque ninguém sabia disso e ela apresentou teoria com a prática, com os nossos trabalhos já. Nós também, eu e a Ada, levamos um trabalho de uma classe no Congresso da AMFORTH, que foi na Costa Rica, e nós inserimos o nome de todos os alunos e fomos aplaudidíssimas nesse congresso da Costa Rica. Então, eu digo pra você, que era uma novidade. Para nós, interdisciplinaridade partia de um tema central, de uma problemática, onde as disciplinas iriam trabalhar essa problemática dentro de suas especificidades para

chegar num resultado comum a todas. Então, era mais ou menos essa a nova visão. E nessa época, nós estávamos em 90, quando nós abrimos o curso, nós estávamos ainda começando a expandir o "boom" da oferta de cursos de turismo no Brasil. E o primeiro curso de turismo no Brasil foi o da atual Universidade Anhembi Morumbi, então, nós convidamos alguns professores para também ministrar aulas aqui e eles trouxeram uma experiência que a Anhembi Morumbi estava fazendo na época. Pelo que eu me recordo, eles faziam um trabalho de conhecer São Paulo e algumas disciplinas contribuíam para essas visitas técnicas, esse tipo de trabalho. E eu não sei como era o planejamento, mas nós fomos, procuramos ir a fundo nessa interdisciplinaridade, que nós partíamos de uma problemática, né, de um tema e preparávamos esses conteúdos, os alunos em busca de bibliografia, pesquisa de campo etc. para que o resultado servisse a todas as disciplinas. Eu não sei se na Anhembi se preocupavam com o resultado para todas as disciplinas, mas eu digo pra você a Anhembi creio que foi a primeira a dar, a fazer um ensaio sobre a interdisciplinaridade.

Entrevistadora – Como a senhora enxerga a contribuição da interdisciplinaridade, desse projetos para a formação do bacharel em turismo?

Prof. Marília – É, até na segunda-feira, eu dei uma aula num curso de Formação Docente no SENAC. Então, a proposta do curso é os alunos trabalharem a interdisciplinaridade, que isso é fundamental no curso de turismo. Então, eu comecei com eles com a visão holística, Sistema de Turismo, cadeia produtiva, Cluster e rede. Então, eu fiz, eu procurei mostrar a eles de que é uma visão de conjunto e com toda essa evolução, há necessidade de você conhecer todos que trabalham, que podem contribuir direta e indiretamente com a sua produção, que tem que haver uma interligação, que tem que haver comunicação constante, que tem que haver uma tecnologia e que como é o resultado disso? É o bem receber num destino. O turista paga e a visão dele é a global, ele não quer saber se faltou funcionário num hotel, ele tá pagando, ele quer a prestação de serviço, então, se você pergunta para o turista: você gostou da sua viagem? Ele responde de uma maneira global: gostei da viagem. Se algo surgiu ruim, não surgiu a contento, ele vai dizer: a viagem não foi muito boa. O destino,

então, não está preparado para receber turistas. Então, eu procurei passar para os alunos essa visão integrada. Isto para mim é uma base da interdisciplinaridade visando o resultado que deve ser comum a todos.

Entrevistadora – A senhora já comentou um pouquinho da experiência em relação aos professores. Eu gostaria que a senhora comentasse um pouco mais como é esse preparo, a colaboração, o retorno dos docentes em relação aos projetos?

Prof. Marília - Nós temos disciplinas de formação básica. Primeiramente, eu indico livros aplicados ao turismo, de Sociologia, de Psicologia, de Economia para eles entenderem o que é o turismo, o que se pode estudar de Economia no turismo, o que se pode estudar de Sociologia no turismo. É o primeiro passo. Segundo passo: sempre tem que ter um coordenador do TAI, é o pensante, é o que vai comandar, o que vai estar articulando, vai estar supervisionando. Pois frente à própria, há quinze anos que nós trabalhamos com a interdisciplinaridade, nós sentimos isso, que há necessidade de uma voz de comando na parte pedagógica. De uma voz de comando na parte administrativa, que é o coordenador do curso. Então, é, depois do projeto pronto, o coordenador da interdisciplinaridade escolhe um tema, mostra para o coordenador do curso, no caso, sou eu, a Assessora Pedagógica, eu verifico se o assunto está bem, se cobre, aborda, abrange todas as disciplinas, aí, há um contato com cada professor para indicar uma bibliografia, que não vai ficar macete para todos os professores e, turismo como uma disciplina, surgem constantemente novos livros. Então, nós sempre estamos mudando a bibliografia, aí, há uma reunião de preparo, principalmente, para as datas, não é, e os alunos vão lendo e o professor de cada disciplina quando pronto devolve, entrega para o coordenador do trabalho interdisciplinar. E, por experiência própria também, há uma pasta de cada grupo que os alunos, nós trabalhamos em grupo, e eles não levam para casa, porque perde. Então, nós guardamos na própria universidade. E, não é incomum, professor dizer que entende e não entende, certo? Então, há uma necessidade de sentar, explicar, porque professor novo, basicamente, não ouviu falar em interdisciplinaridade, então, não entende, não sabe, acha chato, acha um bicho de sete cabeças, vai trabalhar sem ganhar, né, porque as faculdades particulares geralmente não pagam hora atividade, né, então, é aquela dedicação,

aquela vontade de oferecer algo a mais, né? Então, eu considero como um diferencial esse trabalho que nós fazemos. Agora, os professores mais antigos dominam, mas como há uma rotatividade muito grande no corpo docente e, no começo, o professor queria explicar esse trabalho, então, formava um nó na cabeça dos alunos e, constantemente, nós temos que supervisionar para o professor não explicar o trabalho como um todo, deve ter somente uma voz de comando.

Entrevistadora – Em relação aos alunos, como a senhora enxerga essa experiência com os alunos, o retorno dos alunos em relação ao projeto que é implementado no curso?

Prof. Marília – Bom, cada vez mais os alunos estão ingressando com uma imaturidade terrível. Se você vai conversar sobre pesquisa, é muito subjetivo, ele não quer ouvir. Você vai conversar com ele, solicitar leitura, ele também não quer ler. Então, eu costumo dizer que o professor tem que ser um showman em sala de aula, ele tem que motivar o aluno, para que o aluno faça essa atividade e faça com vontade porque ele quer aprender, então, nossa experiência é não explicar para o aluno todo o desenvolvimento do trabalho porque ele não vai compreender. O melhor é ele ficar por parte, o trabalho desse aluno. Então, ele vai crescendo com o trabalho, aí, ele vem reclamar para o coordenador que professor não dá aula, o professor só manda ler e que ele tá pagando para assistir aula expositiva do professor e que onde já se viu ele ter que ler livro em casa e vir para a faculdade já tendo lido, se ele está pagando, ele quer ter aula no espaço da universidade. Então, ele não tem essa compreensão, certo, então é, nós temos que explicar que eles estão construindo dentro de uma desordem, mas eles não têm cabeça no começo para entender. E vamos desenvolvendo, aí quando chega a visita técnica, aí eles gostam, mas quando a tabulação, eles não querem tabular. Mas quando você fala pra eles que eles vão para o laboratório, aí essa linguagem eles entendem porque eles são da sociedade da tecnologia, aí eles gostam, mas quando voltam para sala de aula, para analisar, eles não querem analisar. Enfim, quando eles começam a perceber que está tomando corpo uma monografia, aí eles ficam orgulhosos: eu fiz isso; mas como eu consegui fazer isso? E daí, quando, nós começamos a orientar para o trabalho oral, você não acredita, aquele aluno que deu

trabalho o ano inteiro, desperta o interesse e ele é o aluno que mais rende e geralmente na apresentação eles falam porque nós não explicamos antes que o trabalho interdisciplinar era daquela maneira. Não adianta, ele tem que crescer, exatamente.

Entrevistadora – Em relação, até a formação da senhora, por ser a primeira bacharel em turismo, doutora e mestre, toda sua trajetória foi na área de turismo, a senhora identifica hoje que o trabalho interdisciplinar é um diferencial na formação do aluno? **Prof. Marília** – Olha, quase você acertou, eu sou a segunda bacharel a ser doutora no Brasil. É, segundo o MEC e as Diretrizes Curriculares há uma exigência porque o ensino tem que ser global. E você tem que interligar esse conhecimento, não é? Eu digo pra você que sim. Se você vai dar uma teoria de sistema, como não explicar a interdisciplinaridade? É fundamental isso. Eu acho que uma coisa está ligada à outra!

Entrevistadora – Atualmente na UNIP, como estão os projetos interdisciplinares. Como eles estão estruturados?

Prof. Marília - Existe uma portaria, se não me falha a memória, eu preciso decorar essa portaria. Eu acho que realmente é a 329, onde regulamenta as Diretrizes Curriculares com relação à carga horária mínima dos cursos e hoje, o bacharelado em turismo e hotelaria, a carga horária mínima é de 2.400 horas e a nossa instituição seguiu essa portaria para todos os cursos. Então, nós temos 2.400 horas, contando 10% das atividades complementares e computamos 10% de estágio. Hoje, nós somos um curso generalista. Não somos mais um curso com ênfase. Então, eu tive que restringir como trabalhar a interdisciplinaridade, se bem que o nosso curso ainda é voltado à interdisciplinaridade. Nós estamos no terceiro e quarto semestres. É a segunda fase do relatório, da interdisciplinaridade, nós abolimos a metodologia, o objetivo da metodologia do trabalho científico, porque eles têm como disciplina. E é uma disciplina intercurso, quer dizer, é um professor para lecionar a alunos dos vários cursos do campus. Então, aqui tá provocando uma interdisciplinaridade com conteúdo básico da disciplina. É um outro enfoque de interdisciplinaridade. Então, nós estamos aplicando nos terceiros e quartos semestre, trabalhando com metodologia do inventário. Se bem que nos quintos e sextos semestres nós continuamos a trabalhar com o Plano

de Desenvolvimento turístico e nos sétimos e oitavos semestres, nós continuamos a trabalhar o Trabalho de Conclusão de Curso, só que com enfoque novo: eles vão elaborar um plano de negócios. Mas nunca desprezando a interdisciplinaridade porque um possível desprezar, porque esse trabalho você só trabalha em conjunto com conhecimento das outras disciplinas. Então, nós continuamos do segundo ao quarto ano trabalhando com a interdisciplinaridade.

Entrevistadora – Como a senhora vê o futuro dos cursos de turismo no Brasil?

Prof. Marília – Deverão permanecer os cursos que tiverem qualidade e o Projeto Pedagógico consistente com preço compatível. Eu não enxergo a extinção do curso de graduação em turismo, mas eu creio que nós estamos no início do século XXI mais preocupados com a qualidade e, hoje o consumidor, o nosso cliente, ele, de uma maneira geral está mais consciente, ele procura se informar. Então, não será em qualquer universidade ou faculdade que ele vai prestar. Uma, ele vai identificar se o curso é reconhecido, outra, ele vai verificar, exemplo: nós oferecendo o curso de Gastronomia, então, os alunos antes do vestibular, eles querem conhecer as instalações de aula prática. E nós estamos construindo o laboratório de Gastronomia. Aqui, nós temos o laboratório de Alimentos e Bebidas, eles querem saber quantas visitas técnicas eles vão ter, qual é a nossa proposta. Eu não digo pra você que isso já chega a 100%, mas está num crescer. Então, deverão ficar aqueles que tiverem uma boa proposta com bom preço.

Entrevistadora – Como a senhora vê, então a relação do corpo docente acompanhando essa evolução que a gente está vivendo nos cursos de turismo?

Prof. Marília – A visão da UNIP é que o coordenador e o professor, eles são coresponsáveis de trazer alunos, manter o aluno cursando o curso do primeiro ao oitavo semestre. Hoje, a responsabilidade é somente da administração da instituição. Por que quem é que tem mais contato com os alunos? É o professor, não é? E muitas vezes, nós perdemos alunos devido a professor que se indispôs, só dá aula por transparência, não utiliza outras técnicas. E o aluno está muito irrequieto. Ele quer interagir e hoje há uma troca: nós aprendemos com os alunos e os alunos aprendem com a gente. Eu

aprendi muito na Getúlio Vargas e estou tentando passar isso para os alunos, para os professores, aliás. Não terminar uma aula sem explicar o porquê que ele de aquele conteúdo. Qual a praticidade e a eventualidade que ele poderá estar utilizando daquilo. E se possível trazer um case onde possam, de uma maneira empírica, não é, estar fazendo um diagnóstico com possível prognóstico. E eu digo pra você que não é fácil o professor entender isso também. Então, hoje, o professor é co-responsável. Ele não pode mais ver como a parte de produção de Taylor de que Sociologia, por exemplo, ele vem com aquele conteúdo que vai ministrar no curso A, B, C ou D. Ele tem que entender que o conteúdo é voltado para o Turismo, que o conteúdo é voltado para o curso de Economia, que o conteúdo é voltado para o curso de Engenharia etc. E essa experiência que nós estamos tendo, por exemplo, Gestão e Empreendedorismo é uma disciplina intercurso, não é tão importante para o Turismo, lecionar numa classe tendo alunos de Turismo, Hotelaria e Pedagogia, Letras, o professor precisa ser muito treinado. Ele tem que ter uma mente aberta que em qualquer faixa etária ele tem de estar aberto para aprender. Porque ser pedagogo é constantemente estar aprendendo.

Realizada no dia 16 de dezembro de 2005.

Apêndice D: Matriz para avaliação de projetos interdisciplinares

	SIM	PARCIALMENTE	NÃO
1. Pode-se identificar interdisciplinaridade nos trabalhos?			
2. As disciplinas de fato se integram?			
3. Os alunos demonstraram entendimento da interdisciplinaridade?			
4. Os trabalhos se apresentam fragmentados?			
5. Os trabalhos atingiram aos objetivos propostos pelo projeto?			
6. De fato, a proposta apresentada aos alunos é interdisciplinar?			

Critérios de avaliação:

SIM – Quando a avaliação demonstrava a existência da interdisciplinaridade dentro dos padrões estabelecidos.

PARCIALMENTE – Quando existiam algumas deficiências, não contemplando todos os objetivos da interdisciplinaridade;

NÃO – Quando não eram contemplados os objetivos da interdisciplinaridade.

Apêndice E: Resultados da aplicação da matriz de avaliação

Foram analisados 13 relatórios entregues pelos alunos do primeiro semestre do curso de turismo e 10 relatórios entregues pelos alunos de sétimo semestre do mesmo curso. Os resultados estão agrupados por questões. Por exemplo, para a questão nº 1 da matriz de avaliação, tantos grupos obtiveram resposta SIM, tantos obtiveram resposta PARCIALMENTE e tantos respostas NÃO.

Essa forma de organização permite uma visualização mais clara dos resultados apresentados pelos relatórios.

1º SEMESTRE

Questão 1: Pode-se identificar interdisciplinaridade nos trabalhos?

Sim	1
Parcialmente	3
Não	9

Questão 2: As disciplinas de fato se integram?

Sim	2
Parcialmente	4
Não	7

Questão 3: Os alunos demonstraram entendimento da interdisciplinaridade?

Sim	2
Parcialmente	3
Não	8

Questão 4: Os trabalhos se apresentam fragmentados?

Sim	7
Parcialmente	4
Não	2

Questão 5: Os trabalhos atingiram aos objetivos propostos pelo projeto?

Sim	2
Parcialmente	2
Não	9

Questão 6: De fato, a proposta apresentada aos alunos é interdisciplinar?

Sim	2
Parcialmente	2
Não	9

7º SEMESTRE

Questão 1: Pode-se identificar interdisciplinaridade nos trabalhos?

Sim	3
Parcialmente	3
Não	4

Questão 2: As disciplinas de fato se integram?

Sim	4
Parcialmente	3
Não	3

Questão 3: Os alunos demonstraram entendimento da interdisciplinaridade?

Sim	4
Parcialmente	4
Não	2

Questão 4: Os trabalhos se apresentam fragmentados?

Sim	2
Parcialmente	4
Não	4

Questão 5: Os trabalhos atingiram aos objetivos propostos pelo projeto?

Sim	4
Parcialmente	3
Não	3

Questão 6: De fato, a proposta apresentada aos alunos é interdisciplinar?

Sim	4
Parcialmente	3
Não	3

ANEXOS

Anexo A: Autorização para publicação das entrevistas

Autorização para publicação

Eu, Prof. Mario Carla Beni autorizo a publicação
dessa entrevista, concedida à mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhembi
Morumbi, Catherine Cavalcanti Margoni, em///
O assunto abordado na entrevista é relacionado ao tema de pesquisa de mestrado que
está sendo desenvolvido, contemplando os Projetos Interdisciplinares no Curso de
Turismo.
Assinatura
RG: 1. 952 532

Autorização para publicação

Eu, Gracyra Pabrera	autorizo a publicação
dessa entrevista, concedida à mestranda em Hospitalidade na	Universidade Anhembi
Morumbi, Catherine Cavalcanti Margoni, em <u>28 I 09 I 05</u>	s #1
O assunto abordado na entrevista é relacionado ao tema de peso	quisa de mestrado que
está sendo desenvolvido, contemplando os Projetos Interdisci	plinares no Curso de
Turismo.	

Assinatura
RG: 1.067656

Autorização para publicação

Eu, Marilia gons do Reis anomals autorizo a publicação
dessa entrevista, concedida à mestranda em Hospitalidade na Universidade Anhemb
Morumbi, Catherine Cavalcanti Margoni, em 16 1 12 1 2005.
O assunto abordado na entrevista é relacionado ao tema de pesquisa de mestrado que
está sendo desenvolvido, contemplando os Projetos Interdisciplinares no Curso de
Turismo.

Assinatura RG: 3 - 0 36 -319